

- a) devido a sua pertinência à história do léxico, ligada à história da sociedade;
- b) pelo fato de ocorrer a individualização das criações pelos locutores identificados na comunidade lingüística.

Para se proceder a este tipo de balanço, é necessário definir um **método de reconhecimento de neologismos** ao longo do tempo – o que, como já se presume, constitui uma das funções do dicionário. Primeiramente, necessita-se de uma delimitação do período em que se situa a forma lexical qualificada como nova. O autor assume inteiramente o uso do neologismo dentro de seu enunciado, em determinado texto, ou reivindica a sua paternidade por uma marca qualquer. No primeiro caso, há somente uma presunção de paternidade, pois “o autor pode reassumir um termo que já existe no uso de um certo meio de locutores ou que já tenha sido ouvido na boca de um outro locutor” (GUILBERT, 1975, p. 32)^(C-3). Portanto, o processo de recenseamento dos neologismos compreende, de um lado, a delimitação de um estado de língua em que se situe a aparição; de outro, depende dos critérios de decisão do caráter neológico para todos os casos em que o usuário não se denuncie como autor da criação.

Por isso não podemos afirmar com precisão a paternidade de uma inventividade neológica, visto que a nova unidade lexical possa ter surgido do meio popular. O que podemos afirmar é quando tal unidade foi registrada oficialmente e quem se intitulou como seu criador ou “patenteador” oficial.

Em seguida buscamos revisar os conceitos de neologismo mais comuns, com o objetivo de nortear melhor nossa pesquisa.

3.1 Os conceitos de neologismo

As línguas modernas, segundo Coutinho (1962), são o testemunho da existência de milhares de vozes cuja origem não pode ser encontrada nos escritores dos séculos precedentes. Apenas os idiomas mortos são imobilizados. No vocabulário dos idiomas vivos, a renovação é constante. Como demonstra a história das línguas, argumenta este autor, o desenvolvimento do acervo lexical de um povo sempre foi acompanhado pela incorporação de unidades lexicais neológicas. É o que se observa, mormente no século XX, em estudos sobre a neologia, em que estes revelam a importância dada ao fenômeno neológico dentro do léxico.

A era cibernética nascida e emancipada da metade do século XX para o seu final ilustra com precisão essa criatividade lexical em línguas de especialidades. Numa época em que o tempo não só não pára, como também corre em alta velocidade, a língua, que sempre foi dinâmica, se torna veloz e compacta para melhor atender a dinamicidade dessa nova ciência no seio da comunicação. Surge o internetês, uma linguagem específica da juventude do século XXI, que se apresenta como um novo código lingüístico – misterioso e dissimulado.

Em Barbosa (1981), o neologismo é caracterizado como um signo lingüístico que possui duas faces: uma denominada **significante** e outra a que se chama **significado**; isso leva os dois componentes a serem simultaneamente modificados na criação neológica, “ainda que a mutação pareça relacionar-se sobretudo à morfologia ou ao significado” (p. 174).

Alves (2001) conceitua o neologismo como uma unidade lexical recentemente criada ou de uma nova compreensão de uma palavra já existente ou até mesmo de uma palavra tomada como empréstimo de uma língua estrangeira. Utilizar uma palavra antiga com um novo conceito também pode ser considerado neologismo; a língua, ao criar sentidos novos, acrescenta às palavras já existentes funções até então desconhecidas. Sem prejudicar o léxico, a língua transforma o vocábulo em uma verdadeira palavra nova.

Esse processo de constante renovação lexical, na opinião de Biderman (2001) justifica o fato de não se poder censurar demasiadamente os lexicógrafos, por não registrarem todos os vocábulos e significados usuais da língua em seus dicionários, assim como justifica o fato de se considerar a possibilidade de criação de um dicionário específico, para o registro de neologismos que enriquecem o fazer literário e mantêm vivos tantos vocábulos que tendem a desaparecer.

A nossa pesquisa, satisfazendo todos os seus objetivos – tanto o geral, quanto os específicos – se justificou pela preocupação de fazer registros oficiais de neologismos literários. Isto se explica pela criação de um dicionário específico de neologismos enriquecendo tanto a língua quanto a criação artística da linguagem literária.

Na opinião de Biderman (2001, p. 207), faz parte da essência da linguagem a busca do máximo de expressividade. Talvez por isso, freqüentemente os usuários de uma língua a consideram “desgastada e descolorida”, levando-os a “inventarem novos matizes metafóricos e metonímicos” que são agregados a antigas palavras, ou até mesmo a reinventarem formas que correspondem melhor ao que pretendem dizer. Um bom exemplo são as gírias.

Abordaremos, na seqüência, a aceitabilidade dos neologismos, sob a ótica de Guilbert (1975).

3.2 Aceitabilidade dos neologismos

Com relação à aceitabilidade da criatividade lingüística, Guilbert (1975), considera que há uma diferença quanto ao domínio da gramática e ao domínio do léxico, entre a dialética lingüística do falante e da norma social do interlocutor. No que diz respeito ao léxico, é possível para o interlocutor julgar a aceitabilidade de um termo construído, desde que a derivação ocorra conforme as regras da sintaxe lexical, “mas ele não pode condenar uma palavra que não conhece como incorreta” (GUILBERT, 1975, p. 30) ^(C - 4). Entre os indivíduos de uma mesma comunidade ou na relação do indivíduo consigo mesmo, em diferentes fases de sua vida, a competência lexical é mais diversificada que a competência gramatical. Se o interlocutor entende uma palavra desconhecida para ele, este, acima de tudo, “deve ter o sentimento de que ela é nova porque ele jamais a ouvira, sem poder dizer se esta palavra deve ser aceita ou não” (*ibid.*, p. 31) ^(C - 5). O autor reflete sobre esta questão: se o julgamento da gramaticalidade preserva as regras de funcionamento da linguagem, ao condenar as frases mal formadas, no caso do julgamento da “lexicalidade”, este deve consistir em uma limitação da criação de palavras novas?

Os desvios no sistema de criação de palavras são mais facilmente encontrados no código oral e não podem modificar as regras da estrutura profunda, no código escrito, como, por exemplo: “a passagem da construção intransitiva de um verbo para a construção transitiva” (*ibid.*) ^(C - 6). As criações lexicais são adequadas a níveis de comunicação muito diferenciados, “indo da trivialidade à busca literária, sem que nenhum destes termos possa ser condenado em nome de uma norma lexical fundada lingüisticamente” (*ibid.*) ^(C - 7). O conceito de aceitabilidade parece ser, então, profundamente diferente no domínio gramatical e no domínio lexical. Cabem à criação lexical duas opções: ou ela não é contrariada por uma intervenção metalingüística do próprio locutor ou de um especialista da linguagem e se arrisca a passar despercebida para o maior número dos locutores; ou então ela é fonte de prestígio para o criador. Mas uma falta quanto ao código gramatical provoca um embaraço e mesmo uma reprovação na comunicação.

Uma contribuição quanto ao critério de aceitabilidade dos neologismos pode ser encontrada em Sablayrolles (1996), quando este argumenta sobre a ocorrência de um *continuum* na dimensão e complexidade das lexias neológicas.

De acordo com este autor, os elementos lingüísticos capazes de serem considerados neologismos variam no seu estatuto, sua estrutura e complexidade. Formam uma espécie de círculo, partindo de elementos que não são considerados signos (conjunto de letras ou de sons, sílabas), passando por “signos lingüísticos não autônomos (morfemas) e autônomos (vocábulos) até as seqüências longas e complexas que se destacam de lexias memorizadas” (SABLAYROLLES, 1996, p. 8-9)^(C-8).

Torna-se importante revisar algumas destas categorias, pela possibilidade de se conhecer os tipos de novidade que estas podem manifestar.

3.2.1 Critérios de aceitabilidade dos neologismos

Argumentando sobre os critérios de aceitabilidade dos neologismos, Boulanger (1979), cita que estes devem respeitar um certo número de critérios para serem, **aceitáveis** do ponto de vista lingüístico e **precisos** do ponto de vista terminológico. Estes dois aspectos, evidentemente, dependem um do outro.

Para Boulanger, o neologismo deve se prender (seja no momento de sua criação ou de sua descoberta) a cinco critérios, para se tornar aceitável do ponto de vista lingüístico. São eles:

1º. Conformidade ao sistema da língua

A fidelidade às estruturas fonológicas e ortográficas do francês-padrão é uma das características do neologismo, comum a todas as comunidades falantes desta língua, “e não refletir as particularidades de variedades regionais ou geográficas” (BOULANGER, 1979, p. 41)^(C-9). A integração de fonemas e de grafemas estrangeiros deve ser evitada pois oferece o risco de desestruturar e desequilibrar o sistema da língua francesa.

A entrada muito massiva de siglas, de acrônimos, de empregos diversos, de termos desmotivados (vocábulos-valise mal construídos, criações ex-nihilo, etc), ameaçaria a coesão interna e a unidade da língua. Nas línguas de especialidades, estes perigos são mais aparentes e devem ser examinados com mais crítica e rigor (BOULANGER, 1979, p. 42)^(C-10).

2º. Atitude semântica

As novidades lexicais devem resultar de motivação positiva, serem capazes de exprimir a realidade,

evitando provocar as alusões embaraçosas, as conotações pejorativas, prejudiciais ao sentido que desejamos efetivamente dar (ex. *torchage/tochagem* “*brûlage à la torche/queima com tochas* [...] os gases [...]”¹; petróleo-*forage*/produção; este termo reveste conotações escatológicas, pelo menos para um quebequense. Siglas como CRAS (Comitê regional de ação-saúde), FOL (Federação das obras laicas), LASCAR (Laboratório de análise espacial e de cartografia automática regional) escondem boas intenções mas se prestam à confusão assim que são pronunciados e desenvolvem motivações mais negativas no espírito da pessoa que não conhece o significado (*ibid.*, p. 42).^(C-11)

O referente utilizado na siglação é geralmente prejudicado pelo caráter lúdico, mnemotécnico ou simbólico da mesma. Mesmo que estas sejam passageiras, costumam implicar um sentido pejorativo, seja na França, em Quebec ou em qualquer lugar em que se fale o francês. Sendo assim, deve-se evitar o seu uso ou, pelo menos, suas interpretações.

O termo motivado permite identificar seu sentido com alguma exatidão. A motivação, é, com efeito, uma analogia entre o nome e a coisa apoiada sobre uma estrutura; esta substitui por si mesma o termo no seio de um sistema de oposições que o definiu por suas relações com as outras noções próprias do domínio de aplicação.

3º. Valor integrativo dentro da língua

A conformidade do termo criado com relação ao código da língua deveria lhe conferir o poder de se integrar ao sistema do francês, de acordo com três aspectos: o aspecto sintagmático, o aspecto paradigmático e o aspecto transformacional.

Do ponto de vista sintagmático,

o neologismo deve estar apto a prestar-se a construções variadas, baseadas em uma série lexicalizável.

Ex. gestão: estratégia · estratégia de mercado
 · estratégia de preço
 · estratégia de produto
 · etc. (BOULANGER, 1979, p. 43-44).^(C-12)

Sob o aspecto paradigmático, deverão ser criados os neologismos que respeitam as regras internas gerais da língua e as regras próprias das terminologias de cada ciência e de cada técnica, se houver ocasião. Isso ocorre, particularmente, com os sufixos.

¹ Neologia em marcha, série b, nº 2, Administração da língua francesa, Quebec, outubro 1976, p. 63, nº 67.

Os vocabulários técnicos e científicos comportam um tipo de sufixo específico. [...]é, por si só, uma referência à realidade a exprimir, seja porque serve à classificação de uma categoria do real em um conjunto mais vasto, estruturado em função dos elementos da realidade extra-lingüística, seja porque carrega a designação de um componente orgânico^(C-13). É o caso, por exemplo, dos sufixos da química, do sistema da zoologia (*-idés* “família”, *-inés* “tribo”), da botânica (*-acées* “família”, *-inées* “tribo”)^(C-14), da medicina em que *-ite* indica uma doença aguda e *-ose* uma doença crônica, etc.”^(C-15) (BOULANGER, 1979, p. 44-45).

O aspecto transformacional confere ao termo a capacidade de produção dos derivados e compostos. Os derivados serão feitos por sufixação ou prefixação da base, ou de ambas, concomitantemente.

Ex. física nuclear: · charme · charmar
· charmado · charmável
· anticharme
· etc.
(*ibid.*, p. 46) ^(C – 16)

É importante considerar a fecundidade lexical, isto é, a capacidade que um vocábulo tem de dar origem a derivados. Deve-se evitar ou descartar os termos impróprios à derivação, incapazes de completar as famílias lexicais necessárias, pois estes originam novas espécies lexicais que continuam estéreis.

4º. Critério onomasiológico

Deve-se assegurar que não haja concorrência entre o neologismo proposto e outros termos neológicos ou não. Ou seja, “o termo novo deveria, geralmente, ser o único a assegurar um desempenho onomasiológico” (BOULANGER, 1979, p. 46-47) ^(C – 17). Todavia, “muitas proposições francesas para substituir um empréstimo vão, ao contrário, favorecer a manutenção deste termo estrangeiro” (*ibid.*). ^(C – 18)

Por exemplo, o termo “design”, numa enquete dirigida pelo CILF, em 1973, recebeu cerca de 400 opções de reemprego, com 350 termos ou expressões diferentes, indo desde a “significação etimológica de forma ou desenho às noções extremas de estética nova e de técnica funcional” (MIANNAY, 1973, *apud* BOULANGER, 1979, p. 47).^(C-19)

Quando o vocábulo mostra-se rebelde e, conseqüentemente, as soluções de substituição tornam-se insatisfatórias, a única solução parece ser “a afrancesação, a integração do empréstimo.”

O termo é, com efeito, único, breve, claro e responde ao conjunto das necessidades dos especialistas e contanto que não se lhe oponham expressões longas, insuficientes e obscuras (que não recobrem a totalidade da noção) o empréstimo permanecerá. Seu fonetismo perdura enquanto estrangeiro aos hábitos da pronúncia

francesa. Cada um dos fonemas deste vocábulo causa dificuldades ao locutor francês (BOULANGER, 1979, p. 47). ^(C-20)

5º. Valor sociolingüístico

Boulanger pontua certas questões importantes, sob o ponto de vista sociolingüístico: “O neologismo responde a uma necessidade do momento ou o criamos? É realmente necessário no modelo de comunicação concernente?” (*ibid.*, p. 48) ^(C-21). Ao mesmo tempo, nos oferece as respostas, argumentando que o conhecimento da utilidade, da riqueza de expressão, da necessidade ou sucesso do termo depende da observação dos seus resultados: “(a frequência de emprego do termo, sua disponibilidade, sua compreensão, seu brilho (mergulho terminológico), o julgamento positivo ou negativo durante a recepção pelo usuário, sua difusão no interior e exterior do domínio de aplicação inicial)” (BOULANGER, 1979, p. 48-49). ^(C-22).

Estes cinco fatores lingüísticos não são apenas interligados mas também continuamente análogos. “A esperança de vida do neologismo depende do meio onde o termo nasceu, do prestígio do criador, daqueles que o empregam” (*ibid.*, p. 49) ^(C-23). O destino posterior do neologismo independe do lingüista, cabendo apenas ao usuário sentenciar a sua sorte, mas, como se sabe, sua atuação é sempre imprevisível.

Abordaremos, a seguir, os problemas referentes à criação ou identificação dos neologismos.

3.3 Problemática de uma metodologia do levantamento dos neologismos identificados

No que se refere à criação ou identificação de neologismos, ocorrem motivos lingüísticos que convém definirmos. Para isso, necessitamos, desde a partida, distinguir tanto as unidades lexicais, isto é, consignadas em um dicionário, quanto às unidades neológicas, ou seja, que ainda não foram registradas no dicionário. “O grau, o caráter de neologicidade de uma unidade será então determinado por analogia ao conjunto do vocabulário francês repertoriado e descrito em um certo número de dicionários gerais e especializados reconhecidos” (BOULANGER, 1979, p. 54-55) ^(C-24).

A equipe de neologia científica e técnica da Agência da língua francesa preparou um procedimento metodológico longo, com o objetivo de “analisar e reconhecer o estatuto

neológico ou lexicalizado” de uma palavra que desejamos construir ou que foi por nós descoberta em um texto. Para isso, elaborou uma ficha de trabalho denominada *corpus* de exclusão lexicográfica, que constitui um filtro lingüístico.

O procedimento proposto consiste na verificação da existência ou não do termo em francês (ou inglês)

dentro de uma série de dicionários gerais, enciclopédicos e neológicos determinados, e depois, em uma série de dicionários especializados variando segundo as disciplinas e considerados como representativos de um estado de língua. Os resultados destas pesquisas, ou seja, a constatação do caráter neológico, tanto do ponto de vista morfológico quanto semântico, ou do caráter lexicalizado da unidade, são transcritos sobre a ficha do *corpus* de exclusão que serve, assim, para vestir o processo lingüístico do termo descoberto (ou proposto) (BOULANGER, 1979, p. 55-56)^(C-25).

O empréstimo também sofre este mesmo processo, ao se integrar ao sistema lingüístico da língua que o acolhe.

Tal procedimento assegura a prova da filtragem à qual cada termo deve se submeter antes do tratamento lingüístico “(redação da definição, das notas lingüísticas) e do tratamento (atribuição de um domínio definitivo, notas técnicas etc.) que completarão o processo da nova unidade” (*ibid.*, p. 56)^(C-26).

3.4 Neologismos do nível do vocábulo

Certas mudanças de construção, como por exemplo a transitivação de verbos intransitivos, (para ironizar uma passagem) ou, ao contrário, a construção absoluta de verbos transitivos (por exemplo, isto teme), ou ainda a modificação dos traços de seleção constituem a neologia, quando se modifica um dos elementos memorizados na aprendizagem de uma lexia. Essa maneira de ver não é recente, afirma Sablayrolles, já que “certos dicionários do fim do século XIX a expuseram nas definições que propuseram de neologia e neologismo”.²

Para este autor,

Em meio aos elementos a memorizar ao aprendermos uma lexia, há sua flexão, e não é por acaso que os fatos flexionais têm entrado completamente em certos dicionários eletrônicos (tais como os do LADL). Toda forma nova que substitui um

² Cf. Novo *Larousse illustrado* (1898-1907). Ademais, em um estudo sobre o vocabulário de ROUSSEAU, DELOFFRE (1985) faz figurar dentre os vocábulos e empregos novos os alargamentos de construção verbal.

vazio (verbo defectivo: *ils closirent*³; flexão nominal incompleta: plural de causal: *causals* ou *causaux*⁴; criação de uma forma feminina inusitada *écrivaine* (escritora), ou moças *frétillonnes* (agitadas, movimentadas) quando o adjetivo *frétillon* (agitado, movimentado) é considerado epiceno por Littré), ou que ela seja formada “regularmente” por uma lexia de flexão irregular (nós nos iremos, ele viveu, etc.) reconstitui a neologia (SABLAYROLLES, 1996, p. 10)^(C-27).

Essa maneira de ver, afirma o autor, é reforçada pela prática dos dicionários clássicos

que fazem figurar as anomalias flexionais acopladas a esta ou àquela lexia no conteúdo de um artigo, considerando que são informações que devem ser conhecidas do mesmo modo que o sentido. A inexistência do plural de *causal* é assim claramente indicada por Littré, quando o *Nouveau Petit Robert* indica a existência concorrente de *causals* e *causaux*⁵. Littré lamenta explicitamente a ausência das formas defectivas de *clore* (fechar, encerrar) (*ibid.*)^(C-28).

Com o propósito de ilustrar a afirmação feita por Sablayrolles a respeito das definições de neologismo e neologia por lexicógrafos do século XIX apresentamos as seguintes:

Neologismo, s.m. (do Gr. *neos*, novo e *logos*, discurso) - O uso freqüente de palavras novas, inovação de palavras, e phrases.

§ fig. A palavra, ou phrase nova; v.g. isso é um _____. F. Elys.

(Dicionário da Língua Portuguesa, de Antônio de Moraes Silva, Lisboa, 1844, Tomo II).

Neologia, s.f. (De *neo*, e do grego *logos*, tratado) - Invenção ou introdução de termos ou locuções novas em um idioma.

Neologismo, s.m. (de neologia, com o sufixo “ismo”). Inovação de palavras e phrases.

Neologo, s.m. (vid. neologia.) O que usa com freqüência de termos novos; o que affecta uma linguagem nova.

(Grande Dicionário Portuguez ou Thesouro da Língua Portuguesa, do Dr. Frei Domingos Vieira, Porto; editado em 5 volumes: Vol - IV, 1873).

³ OBS da pesquisadora: *ils closirent*: em uma tradução do texto de Sablayrolles, a tradutora Hedy Lamar Barbosa de Oliveira afirma não ter encontrado algo correspondente a este vocábulo e tece conjecturas sobre a possibilidade de que seja um neologismo a partir de *clore* (v. fechar); *clos* (adj. fechado).

⁴ Estes vocábulos, inexistentes no séc. XIX, passaram a ser usados no séc. XX. No início, pareciam bizarros, depois, vimos *causax* ser utilizado.

⁵ “*Colossal, fatal, glacial, natal* apresentam o mesmo tipo de problemas”. De acordo com tradução encontrada, “Os termos grifados correspondem ao francês, naturalmente, pois este problema não ocorre no Português”.

Essas considerações vêm nos evidenciar que, há um tempo significativo, no qual os estudiosos de uma língua estão a observar toda sua dinamicidade lexical e reconhecimento da sua expansão vocabular.

Além do que já foi exposto, faremos, no próximo item, uma amostra de conceitos e análises sobre os hápax.

3.5 Os hápax⁶

Hápax é um termo grego que agrega uma modalidade especial de neologismo. Nossos maiores dicionaristas brasileiros (Ferreira e Houaiss) referem-se a ele, em seus dicionários, respectivamente, como:

(cs). [F. red. do gr. *hápax legómenon*, 'o que foi dito apenas uma vez'.]

S. m. 2 n.

Palavra, termo, locução, etc., que ocorre apenas uma vez em documento, obra literária ou científica, etc., i. e., que pode ser abonada [v. abonar (3)] com apenas uma citação. (FERREIRA, 1999).

* substantivo masculino de dois números

palavra ou expressão de que só existe uma única abonação nos registros da língua

Ex.: é um h. criado por Camilo Castelo Branco

gr. hápaks 'uma vez' sc. hápaks legómenon 'o que é dito uma única vez' (HOUAISS, 2001).

Com relação aos *hápax*, seu problema refere-se mais ao estatuto de sua concordância que à novidade.

⁶ Nota da pesquisadora: o termo, na L Portuguesa, é paroxítono: hápax: subst. masc. de dois números; palavra ou expressão de que só existe uma única abonação nos registros da língua. Ex: é um hápax criado por Camilo Castelo Branco. (Dicionário Eletrônico HOUAISS).

Pelo menos no que concerne às línguas vivas, há uma tendência da lexicografia “clássica” a excluí-los, pelo fato de não terem sido sancionados socialmente e, conseqüentemente, terem deixado de entrar no léxico dos membros da comunidade lingüística. Em compensação, diz Sablayrolles, existem dicionários “como o Dicionário das palavras selvagens de RHEIMS (1969), que coleciona vocábulos esculpidos por autores e sem extensão de emprego” (SABLAYROLLES, 1996, p. 12) ^(C – 29).

O fato é que todo modelo lingüístico que se pretenda completo deveria se interessar por este fenômeno de linguagem, não importando sua sorte posterior. Como afirma este autor, “não podemos excluir os *hápax* e outros vocábulos do autor ou do discurso nem da lexicologia nem da análise do discurso. Temos, como neologismos, as lexias desde sua criação e primeira aparição porque é a língua que as tornou possíveis e que nos impossibilita de impedir que elas jamais sejam emitidas” (*ibid.*) ^(C – 30).

Dentre toda a riqueza neológica, que A. de G. presenteia nossa língua portuguesa, encontraremos um número significativo de *hápax*. E, a cada encontro saudamos a sua grande criatividade lexical amparada pelo próprio simbolismo, na chamada neologia estilística.

Ainda, de acordo com Sablayrolles (1996), a criação neológica requer nosso interesse. Contudo, a sua difusão não pode ser descartada. Por isso, estudá-la-emos no próximo item.

3.6 A difusão das neologias

Além de nos preocuparmos com a criação das neologias, precisamos, também, levar em conta sua difusão. Para Matoré (1952, *apud* SABLAYROLLES, 1996, p. 12) a distinção entre criações necessárias e criações de luxo é arbitrária, pois tudo depende do momento e do lugar. O nível da difusão, se esta é nula, pequena ou grande, depende das necessidades mais ou menos compartilhadas pelas classes sociais, de idade, etc. É fato que se devem tecer considerações do tipo sociolingüístico; todavia isto não garante a resolução de todos os problemas.

Independente do tipo de difusão, seja ela, “rápida ou lenta, temporária ou durável, restrita ou abrangente dentro do espaço social ou geográfico, somos confrontados com o problema da imposição de limites à novidade” (SABLAYROLLES, 1996, p. 12) ^(C – 31).

O principal problema com relação às lexias que se difundem é o momento em que deixam de ser novidade. Seriam elas consideradas como novas apenas no seu primeiro

emprego? Neste caso, não há, então, nenhuma razão para que elas sejam diferenciadas dos *hápax*. O recurso à intuição para predizer o futuro de uma lexia quando esta é criada tem se mostrado pouco satisfatório intelectualmente. Isto nos leva, segundo Sablayrolles..., a questionar quais os limites que são objetivamente mensuráveis e que poderíamos conceder à novidade.

3.6.1 Limites objetivos à novidade: número dos reempregos

Intuitivamente, afirma Sablayrolles, a <neologicidade>, vocábulo empregado ou criado por Corbeil (1979), para se referir ao sentimento de novidade, é inversamente proporcional à difusão. Sendo assim, ao invés de nos apegarmos somente à criação, podemos ampliar nossa visão, considerando como neológico, além do processo criador,

os primeiros reempregos pelos primeiros receptores que os reproduzem diante de outros ouvintes. Ampliando ainda, podemos considerar como novos os reempregos feitos por estes ouvintes, que formam um segundo círculo de receptores que não conheciam a lexia nova e podem, por sua vez, reempregá-la. Mas, pouco a pouco, podemos ir longe. Ora, não há, a priori, razão para colocar barreira a um ou outro direito e decidir que após dez, vinte, etc., reempregos, a lexia não é mais neológica. Mas o número absoluto dos reempregos, supondo que pudéssemos conhecê-lo, não é necessariamente muito significativo: uma lexia neológica pode ser freqüentemente empregada por um locutor/falante a quem ela agrada, sem ser repetida por nenhum outro locutor/falante. Ela constitui, então, uma característica do idiolecto deste indivíduo; e seu número de emprego não é mais revelador de sua difusão dentro da língua que se fosse um *hápax* (SABLAYROLLES, 1996, p. 13)

(C – 32)

A fim de contrabalançar estas cifras de emprego absoluto, por vezes enganadoras, deveríamos considerar também o número dos reemissores. Qual é o número de reemissores necessário para se decidir que uma lexia é “completamente integrada ao código e que seu aspecto novo é completamente apagado: dois, dez, um milhão?” (*ibid.*)^(C – 33). Ainda assim, diz Sablayrolles, “não há nenhuma razão de fixar o limite para este ou aquele número. Além disso, todos estes reutilizadores, qualquer que seja o número, podem evoluir no contexto direto do criador da lexia: a transmissão não se estende com profundidade”. (SABLAYROLLES, 1996, p. 13)^(C – 34).

3.6.1.1 Número dos círculos intermediários pelos quais transita a lexia

Um outro fator também é considerado pertinente para medir a difusão: o número de círculos intermediários pelos quais a lexia transita: (A a diz a B que a diz a C que a diz a D, etc.). Não há dúvida de que a transmissão pelo viés de numerosos intermediários seja, seguramente, o testemunho da integração de uma lexia, diz Sablayrolles. A partir desta constatação, a identidade do criador pode, então, ser esquecida rapidamente. Mas convém ressaltar, diz o autor, que, mais uma vez, “não ocorre razão alguma para se fixar um limite numérico ao número dos círculos de reemissores, aquém do qual a lexia seria neológica e além do qual ela não o seria” (SABLAYROLLES, 1996, p. 14) ^(C - 35).

Estes três cálculos (número de empregos, de falantes, de círculos intermediários) podem ser misturados às exigências mínimas para estes três aspectos da difusão. Mesmo assim, não há razão alguma para se escolher esta ou aquela exigência quantitativa. Mesmo que estes critérios tivessem um valor seguro, afirma Sablayrolles, “seria impossível colocá-los em ação, porque, salvo se fôssemos oniscientes, não sabemos como poderíamos conhecer as cifras para efetuar tais cálculos. Mas o que é importante é que a aporia é tanto teórica quanto prática” (*ibid.*) ^(C - 36).

3.6.2 Duração medida em anos

Wijnands (1985), com o suporte de Guilbert, nos fala de uma duração de uma dezena de anos⁷ (*ibid.*), ao tentar amenizar estas dificuldades, buscando uma solução de substituição por meio de uma medida temporal, mais fácil de ser efetuada. Mas para Sablayrolles (1996, p. 14), “a fixação de uma tal duração parece bem arbitrária” e parece se apoiar na intuição

de que os neologismos devem ser, em grande parte, medidos pelo critério de medida da duração das vidas humanas e da renovação das gerações. É efetivamente difícil de conceber as durações de novidades breves, da ordem de um segundo ou mesmo de algumas horas, assim como as durações longas como meio século ou um século. Tomar alguns anos como duração da novidade parece, assim, plausível⁸. O trabalho comparativo trazido por DUBOIS, GUILBERT, MITTERAND, PIGNON (1960), entre duas edições do *Petit Larousse* (1949 e 1960), para medir a renovação lexical, confirma a validade desta escala temporal depois que, somente depois de dez anos, cerca de um quarto do vocabulário recenseado, é atingido pelas mudanças (desaparecimentos, aparecimentos de novas formas, de sentidos novos) (SABLAYROLLES, 1996, p. 14 - 15) ^(C - 37).

Segundo este autor, tais análises e práticas nos reforçam e nos fazem pensar legitimamente no dicionário para nos decidirmos sobre o estatuto de uma lexia. Mas este procedimento acaba por se tornar “uma espécie de reflexo sobre o qual não nos interrogamos mais; e permanecer aí é pouco satisfatório”⁹ (*ibid.*, p. 15) ^(C - 38).

Para Ferdinand de Saussure (1972, *apud* GUILBERT, 1975), a mudança lingüística situa-se necessariamente na perspectiva diacrônica; buscar uma definição da sincronia implica, convencionalmente, simplificar os dados; de acordo com esta simplificação convencional, o estado sincrônico é considerado como “um estado absoluto” que “se define pela ausência de mudança” e, como a língua se transforma, apesar de tudo, mesmo que seja pouco, o estudo de um estado de língua equivale praticamente a uma negligência das mudanças pouco importantes (p. 32).

Esse pressuposto teórico de estado de língua nos leva a uma outra pressuposição: “a de ‘língua’ como sistema abstrato por oposição às diferentes realizações da palavra”. No âmbito da fonologia e da sintaxe, cujas mudanças ocorrem anonimamente por espaços muito longos,

⁷ Esta cifra é provavelmente extraída da constatação emitida por Guilbert a respeito da prática de Guilbert: < o dicionário dos novos vocábulos de Guilbert recenseia os neologismos sobre um período de um pouco mais de dez anos. O autor estimou que a permanência do sentimento neológico poderia atingir esta duração>, Grand Larousse de la langue française, 1975, p. 3587. Esta duração não tem, portanto, nenhum estatuto teórico especial e não constitui o credo de Guilbert.

⁸ Existem pelo menos casos que não se inscrevem neste quadro temporal, particularmente os neologismos literários que podem guardar seu estatuto de novidade vários séculos após sua emissão; c. infra.

⁹ As marcas que seguem constituem uma primeira série de motivos para não utilizar senão com precauções o(s) dicionário(s) para medir a neologicidade.

este tipo de esforço de simplificação não encontra, talvez, grandes objeções. Mas a pergunta que Guilbert nos coloca é: “Podemos realizar a mesma simplificação teórica com relação ao léxico?” (GUILBERT, 1975, p. 32) ^(C - 39). Sob a perspectiva estruturalista, tanto o sistema das oposições entre os fonemas como o existente entre os morfemas gramaticais é fechado. Esta noção de fechamento estimula, teoricamente, a possibilidade de definir um estado estável da estrutura em um dado período. Todavia, devido a sua abertura sobre o referente, a evolução do mundo, o pensamento, e sobre a transformação da sociedade, o léxico jamais pôde ser definido como um sistema fechado. Assim, o conceito de corte sincrônico no continuum diacrônico pode se fundar sobre um “espaço de tempo mais ou menos longo, durante o qual a soma das modificações advindas é mínima”, i.e., “dez anos, uma geração, um século, a mais” (SAUSSURE, 1972, *apud* GUILBERT, 1975, p. 33) ^(C - 40). Ou seja, o espaço de tempo não se define por um período histórico cronologicamente delimitado por duas datas, independentemente dos fatos a estudar e da rapidez das transformações intervindas. Exclui-se, lá mesmo, todo o rigor na delimitação; ocorre uma sincronia sob medida, em função do objeto a estudar. Assim, o lingüista pode manipular a seu modo a definição das fatias sincrônicas no que se refere à fonologia e à gramática. Ele não dispõe da mesma liberdade no que diz respeito ao léxico, porque este é mais diretamente ligado à história da sociedade, marcada por certos eventos, constituindo as etapas da transformação social e, simultaneamente, do léxico.

Os fatos diacrônicos referentes à sucessividade dos eventos são de ordem diferente: não podem ser considerados senão individualmente, e a forma antiga deve ceder lugar à nova. De acordo com o ponto de vista de Saussure, o novo termo não elimina necessariamente o antigo; uma nova palavra pode se estender dentro de uma geração de locutores, mesmo que a geração precedente continue a empregar seu próprio termo para designar a mesma coisa. Em diferentes épocas da história da língua, a retomada de termos antigos sempre foi considerada como um dos meios de enriquecer o vocabulário.

Daí a necessidade de se estudar o estado de língua e do léxico.

3.7 Estado de língua e léxico

A definição de uma nova palavra não pode ficar restrita dentro de uma compartimentação sincrônica definida segundo o conceito de estrutura. De acordo com a diacronia, só se pode reconhecer o aparecimento de uma forma lexical nova pela sua ausência no período imediatamente anterior. O conceito de exaustão serve de substituto ao de sistema e o inventário fundado sobre uma produção escrita de textos, em comparação a um balanço lexicográfico, não é mais capacitado do que este a representar o léxico real de uma época. Ele será significativo sob certo aspecto do vocabulário e não do conjunto do léxico. Podemos constatar diferentes tipos de comparações entre léxicos diferentes: ou empreendemos o ressurgimento da novidade de um termo, fazendo retornar uma época, em comparação à anterior, ou estabelecemos o conjunto das palavras novas dentro do período contemporâneo, por analogia à época imediatamente anterior.

O recenseamento de todas as palavras e de todos os empregos existentes no curso da história da língua é impossível. O recenseamento sincrônico jamais pode registrar todas as palavras que aparecem. Como menciona Hjelmslev (*apud* GUILBERT, 1975, p. 39), com clareza: “uma lista de signos ou um dicionário será sempre necessariamente incompleto... porque os signos novos surgem durante a redação do dicionário, e mais ainda no decorrer de sua utilização” (C – 41).

A descrição do léxico da língua comum pode ser observada segundo os procedimentos estatísticos. As palavras são arranjadas por ordem de frequência, sendo consideradas como da língua comum, as que possuem uma frequência maior. Mas, este método – considerado limitado - supõe que a amostragem de locutores dos quais recolhemos as palavras é realmente representativa da comunidade no seu conjunto e que as conversas registradas comportam todas as palavras mais frequentemente empregadas nas situações mais usuais de comunicação.

Torna-se importante definir as regras de análise para melhor fundamentar a definição do léxico de uma dada comunidade.

3.8 Regras de análise adotadas nesta pesquisa

Na visão de Guilbert (1975), o emprego inédito de uma palavra não consegue torná-la *imediatamente* merecedora de ser qualificada como neologismo. A sua *efetivação* só acontece depois que o neologismo passa por um certo uso, que não pode ser reduzido a uma comunicação única entre o autor da palavra criada e aqueles que tomam conhecimento desta produção.

A nossa pesquisa não se fundamentou no uso efetivo, por um determinado público, da nova unidade lexical e sim no seu surgimento, numa perspectiva de produção em um contexto próprio, que é a obra de A. de G.

Retomamos Guilbert (1975) que argumenta que é preciso ainda “que o neologismo seja recebido por um certo número de interlocutores que, por sua vez, o farão entrar nos seus meios de expressão” (GUILBERT, 1975, p. 44) ^(C - 42). Portanto, para ser *aceito*, o neologismo deve satisfazer a determinadas condições: o momento de sua produção e o momento de sua recepção pelos destinatários e entrada em um certo léxico. Um vocábulo, para começar a ser usado com certa constância, depende de sua aceitabilidade e esta é definida pela combinação de um certo número de variáveis dependentes de “regras morfossintáticas de produção do vocábulo construído, da estrutura semântica geral subjacente à língua e a uma certa norma social que rege o léxico de uma língua” (GUILBERT, 1975, p. 45) ^(C - 43).

O aspecto social do léxico caracteriza-se por sua apresentação como soma dos elementos lexicais memorizados dentro da comunidade lingüística. O léxico exprime as estruturas sociais desta comunidade dentro da língua e, por isso, torna-se uma estrutura desta mesma comunidade, com a qual compartilha uma norma comum, já que ele é um elemento de sua vida e de sua sobrevivência. De acordo com Guilbert, a decisão final de aceitabilidade e inserção de uma palavra em um dicionário, se dá porque “é ela que realiza a escolha entre os neologismos de palavra e os neologismos de língua” (*ibid.*, p. 53) ^(C - 44). Definitivamente, “todo registro de um vocábulo do léxico em um dicionário qualquer consagra sua existência como elemento lexical de uma língua” (*ibid.*) ^(C - 45).

Mais adiante tomamos conhecimento de opiniões contrárias de teóricos lexicográficos importantes, como Sablayrolles. Porém, este critério de aceitabilidade e inserção de uma palavra em um dicionário qualquer, como atestamento não-neológico, de acordo com Guilbert, é, sem dúvida, a sustentação teórica da nossa pesquisa. De outra forma, perderíamos toda a nossa capacidade argumentativa e de enfrentamento diante de outros critérios.

No item a seguir, apresentaremos os diferentes tipos de criatividades lexicais e os seus processos formadores, segundo Guilbert (1975).

3.9 As diferentes criatividades lexicais

Guilbert (1975) argumenta que a definição da neologia implica a diferenciação de dois tipos de criatividade lexical: neologia denominativa e neologia estilística.

A neologia denominativa – não está na vontade de inovação, mas na necessidade de nomear um objeto, um conceito novo. Relaciona-se somente ao desejo de comunicar uma experiência nova; inspira-se não em considerações estéticas mas no cuidado com a eficácia. Visa a uma exata identificação do nome com o seu objeto ou conceito, para evitar toda ambigüidade na designação. Tende a uma certa descrição da coisa designada, constatada nas nomenclaturas científicas onde as formas de denominação por um dos vários tipos de composição são bastante freqüentes.

A neologia estilística, por sua vez, baseia-se na busca de expressividade da palavra em si mesma ou da frase pela palavra, para traduzir as idéias não originais de uma maneira nova, visando exprimir de modo inédito uma certa visão pessoal do mundo. Esta forma de criação, propriamente dita poética, por meio da qual fabricamos uma matéria lingüística nova e uma significação diferente do senso mais expandido, está ligada à originalidade profunda do indivíduo falante, a sua faculdade de criação verbal, a sua liberdade de expressão, por trás de modelos recebidos ou contra os modelos recebidos. É própria dos escritores.

O escritor é sempre o especialista da criação lingüística: é um direito que alguns lhe conferem, espécie de privilégio profissional. Não somente ele a exerce como decide ceder à fantasia e se entregar às delícias do delírio verbal.

Todavia, Leonel (1997, p. 79-89), analisando Guilbert (1975), discorda de sua visão sobre a neologia estilística que, segundo **ele**, visa à tradução de “objetos e conceitos não originais de maneira nova”. Na opinião da autora, “a familiaridade com o texto literário [...] mostra-nos que objetos e conceitos expressos de modo especial adquirem significados também especiais” (LEONEL, 1997, p. 80).

Na criação lingüística literária parece não ocorrer limites para os desejos e delírios do escritor e suas “fórmulas inusitadas” são a causa do encantamento provocado pelo texto literário.

Mas Guilbert (1975) argumenta que é conveniente definirmos a relação entre criação literária, criação artística e criação lingüística. A criação artística talvez tenda absolutamente a satisfazer somente o sentimento estético do criador. Na medida em que a literatura é uma arte,

o escritor teria o direito de adotar a mesma atitude e se abandonar à fantasia. Porém, o texto literário é simultaneamente um ato lingüístico; e a criação lingüística não pode ser um ato de expressão puramente pessoal, porque a língua é ao mesmo tempo o objeto da criação e aquele pelo qual esta criação é veiculada. O ato de palavra constitui, em si mesmo, uma limitação à fantasia verbal pelas dificuldades inerentes ao código da língua, pela necessidade de comunicação na comunidade lingüística. O interlocutor, o leitor encontra-se necessariamente presente no ato de criação lingüística.

De acordo com esse autor, acima de tudo, o texto literário é definido segundo uma certa prática social da literatura. É considerado texto literário toda produção escrita dentro do quadro de um certo gênero, tendo aparecido em uma obra editada e difundida segundo uma certa hierarquia estabelecida por uma certa crítica que tem suas regras estéticas e ideológicas e após uma certa difusão em um público de leitores, em função das condições técnicas e sociais próprias do mercado do livro.

Jakobson (*apud* GUILBERT, 1975) define a função poética da linguagem: ela consiste em acentuar a forma lingüística considerada por si mesma como fonte de um certo jogo. Seria necessário fazer o recenseamento, quase impossível, das criações de sentidos de tal forma incorporados à expressão do autor, que não podem acessar o nível da língua. O escritor se satisfaz em quebrar a atenção do leitor, em produzir um efeito no ato de comunicação, ao invés de colar seu pensamento nas estruturas mais comumente produtivas do sistema ou nas palavras já adotadas.

Mas não devemos nos esquecer de que a criação verbal não é monopólio do escritor. O código lingüístico pertence a todos os membros da comunidade que podem usar e inventar, cada um a seu modo, novas expressões: o cientista, o técnico, tanto quanto o homem do povo. A expressão literária não constitui senão um nível particular da língua, definível somente porque se opõe a outros níveis. As formas neológicas provenientes da vontade deliberada de um locutor, de criar uma palavra que lhe seja apropriada, por oposição a uma forma lingüística já existente dentro do léxico, valorizam a fantasia verbal. A invenção verbal tanto pode tomar a forma espontânea da expressão “vulgar”, quanto a do refinamento literário. A característica aberrante de ambos, por comparação ao léxico comum, é suficiente para caracterizá-los como criações de autor e não criação de língua. Não importa a que categoria se refira a criatividade lexical, convém que analisemos os diferentes processos pelos quais ela pode ocorrer. Para tanto, um estudo de Barbosa (1981, p. 174) é esclarecedor. Na visão desta autora, na formação dos neologismos ocorrem os seguintes processos:

- 1- O neologismo pode ser decorrente da criação: neste caso, há uma criação “*ex-nihilo*”, ou seja, não se constata a dependência de bases lexêmicas ou morfemas gramemais previamente existentes, embora o novo signo tenha de se adaptar às estruturas fonológicas permitidas pelo código lingüístico, paralelamente à necessidade de que contenha os morfemas gramaticais ou formantes “exigidos pela classe sintáxico-semântica a que for integrado.”
- 2- A alteração no plano do significante, o que acarreta simultaneamente a mudança do significado.
- 3- Alteração do significado, embora se conserve o mesmo significante: são os casos de polissemia e homonímia.
- 4- Transformação sintagmática: não ocorrem mudanças mas combinações inéditas de morfemas dentro do significante, o que acarreta alteração no significado. São os processos de derivação e composição.
- 5- Importação de um termo que faz parte de outro sistema lingüístico.

Desses processos, decorrem quatro formas básicas de criação de neologismos. São elas:

1ª) O processo de formação de neologismo fonológico

Esse processo se desdobra em dois aspectos:

a) A criação fonológica específica ou propriamente dita

Neste processo, o neologismo pode ocorrer de duas formas:

- a) como seqüência inédita de fonemas, imotivada do ponto de vista da relação significado/significante;
- b) como seqüência inédita mas constituindo uma tentativa, por parte de um significante, de reprodução/imitação lingüística do objeto significado.

No primeiro caso, temos um exemplo do escritor Guimarães Rosa: “Olhou-me, zombaz, seus olhos muito perspectivos: - “Ele te *xurugou*?” - “Nunca mais vi Nininha” (ROSA, *apud* BARBOSA, 1981, p. 178). Neste caso, a intenção do autor é que a personagem diga coisas incompreensíveis aos seus interlocutores, externando um certo enigmatismo. Talvez nem mesmo o próprio autor possa decifrar o significado, ficando este “limitado” ao “conhecimento” da personagem que o emprega. Esse tipo de neologismo é o de menor

ocorrência dentre os tipos de processos neológicos, costumando acontecer, mais comumente, no discurso literário.

O segundo caso de criação fonológica específica relaciona-se à onomatopéia, em que ocorre, tanto quanto no caso anterior, uma frequência fonológica inédita havendo, contudo, uma motivação parcial pelo som produzido pelo referente que o termo procura representar ou interpretar lingüisticamente. Tal criação pode coincidir com a designação – que se refere ao objeto que a originou ou pode, ainda, aparecer uma criação onomatopaica muito tempo depois da ocorrência de uma designação daquele mesmo objeto. Aqui, duas unidades são acrescentadas ao inventário léxico: o signo que designa o objeto e que resulta de imotivação fônica; e o signo que tenta imitar o ruído produzido pelo objeto ou que a ele se relaciona: (onomatopéia – signo parcialmente motivado).

c) A criação fonológica como processo complementar

Nesse processo, o novo significante – uma sequência fonológica inédita – é criado a partir da derivação, justaposição ou aglutinação de duas outras. Mas esta criação é considerada consequência e não causa, produto e não processo. Pelo fato de haver, em nossa língua, um infindável número de unidades lexicais criadas a partir de elementos mórficos – lexêmicos ou gramêmicos – já existentes no universo lexical, considera-se natural a tendência dos falantes a recorrer a signos lingüísticos já existentes, para a criação de novos signos. É mais fácil, por exemplo, recorrermos aos termos positivos *investir* e *amar*, para criarmos o signo lingüístico correspondente ao conceito de “deixar de investir” ou “deixar de amar”; nesse caso, o termo positivo torna-se o centro do conceito negativo, quando criamos *desinvestir* e *desamar*; a codificação e decodificação destes termos são de mais baixo custo no mecanismo da comunicação do que a criação de uma palavra completamente nova.

Outro tipo de neologismo fonológico complementar é a aglutinação. Por esse processo, aglutinam-se duas palavras em uma única, formando uma terceira palavra. A princípio, esse tipo de neologismo poderia parecer essencialmente gráfico; mas dele resulta a produção de uma palavra neológica particularmente rica, já que traz consigo a carga semântica das duas palavras aglutinadas, com todas as suas implicações: a criação de um significado novo e o impacto provocado pela inovação e pelo processo por que passou. “Aquilo que pareceria ser um mero arranjo de significante, revela-se como um neologismo semântico e fonológico dos mais eficazes”, propõe Barbosa (1981, p. 192).

Mas há, ainda, outros tipos de formação fonológica complementar:

- a) o empréstimo de língua estrangeira;
- b) a passagem de uma sigla “de sequência gráfica a sequência fonológica coesa, sentida como uma lexia pelo falante”;
- c) a derivação regressiva, por ex.: *demo* (demônio); *fono* (fonoaudiologia);
- d) a passagem de uma sigla para um derivado de sigla, por ex.: *uspiano*;
- e) a modificação gráfica como manifestação de criação neológica, por ex.: Refresko, Kapricho, em que se criam neologismos semânticos e os grafemas diferentes são usados como consequência de uma intenção neológica semântica;
- f) a redistribuição e mudança de grafemas situados nas relações de oposição contrastiva. Ex.: O-gato-que-ri/u-gato-ki-ri; Q-refres-ko (que-refresko!) (BARBOSA, 1981, p. 187-191).

Convém acrescentar que, seja específico, seja complementar, a criação de um neologismo fonológico traduz-se necessária e concomitantemente na criação de um novo signo ou, por outro lado, o feixe de semas de um signo já existente é acrescido de novos traços semânticos. Historicamente, ao recuarmos nos estudos da evolução de nossa língua, constatamos poucos exemplos desse tipo de formação neológica.

2ª) Processo de formação de neologismo semântico ¹⁰

Nesse processo, “a substância significante utilizada como base preexiste no léxico, enquanto morfema lexical”, e tal base, talvez esteja funcionando sincronicamente no léxico da língua ou talvez tenha existido anteriormente, ou ser, também, emprestada de algum outro sistema lingüístico. Pode-se definir a neologia semântica, em contraste com a neologia fonológica, como “o surgimento de uma significação nova para um mesmo segmento fonológico”. Ou seja, não se modifica o segmento fonológico que constitui um morfema lexical, nem morfo-fonologicamente, nem no que se refere a novas combinações intralexemáticas de elementos. Mas este passa a funcionar como nova unidade de significação.

“A unidade lexical é ao mesmo tempo unidade de língua e unidade de discurso” diz Barbosa (1981, p. 202). Ela é tanto modelo teórico disponível quanto ocorrência, em inúmeros atos de fala e nos mais variados contextos intra e extralingüísticos. Ao mesmo tempo em que decorrem das necessidades e convenções de um grupo sócio-cultural, as

¹⁰ Nota da pesquisadora: Este processo, aqui enfocado sob as perspectivas de Barbosa (1981), Guilbert (1975), Sablayrolles (1996) e Leonel (1997) será retomado, em seguida, sob a perspectiva de Boulanger (1979), com a denominação de neologia de sentido (Ver tópico 3.10-2º, à p. 55).

unidades de léxico condicionam a percepção e o conhecimento que os participantes desse grupo têm do mundo. Ou seja, há um relacionamento entre língua e mundo, língua e sociedade e tal relação é indefinidamente “constituída e reconstituída pela mediação discursiva”. Em vista disso, torna-se inevitável que as estruturas lingüísticas sejam modificadas em concomitância com sua atualização em situações e contextos diversos.

É importante ressaltar o estreito relacionamento entre a lingüística semântica e a estrutura sintática da frase, o que parece já ter sido constatado no Dicionário de lingüística de Dubois *et al.*, (1978, *apud* LEONEL, 1997, p. 81), onde se distinguem neologia da forma e neologia de sentido.

Na neologia de sentido, um significante já existente na língua é empregado com novo conteúdo, “sendo o conteúdo ou conceitualmente novo ou expresso, até aquele momento, por outro significante”. O verbete neologismo, nesse contexto, é sempre descrito referindo-se a procedimentos dentro da língua, em oposição à palavra (LEONEL, 1997, p. 81).

De acordo com Leonel (1997), no Dicionário de filologia e gramática de J. Mattoso Câmara Júnior (1968), ocorrem dois tipos de neologismos: os vocabulares (novos vocábulos) e os sintáticos (novos tipos de construção frasal), estes resultando de “uma criação estilística que se padroniza na língua, ou de um estrangeirismo sintático” (LEONEL, *ibid.*, p. 81), não ocorrendo, portanto, nenhuma menção à neologia semântica.

Guilbert (1975, *apud* LEONEL, 1997, p. 81) introduz uma reflexão a respeito da neologia semântica, e

supõe uma nova união entre um determinado significado e um determinado significante, constituindo uma criação que não pode aparecer fora de um código lingüístico. Em consequência desse postulado, estabelece-se a diferença entre esse tipo de neologia e os demais: na neologia semântica, a substância significante utilizada como base pré-existe enquanto morfema lexical e, sem nenhuma modificação morfo-fonológica ou combinação intralexemática, constitui uma nova unidade de significação (GUILBERT, 1975, *apud* LEONEL, 1997, p. 81).

Para a análise estrutural, lembra Guilbert, mesmo que

a estrutura de significação ultrapasse os termos-objetos”, a palavra, como manifestação da significação, se torna a “unidade essencial da linguagem”. Isto ocorre porque a estrutura do conteúdo de significação “depende de uma lexicalização situada no interior do universo significante (*ibid.*, p. 82).

Assim sendo, os semas ou traços de significação, como elementos componentes da palavra – vista como unidade essencial da significação – “são examinados no universo da palavra-signo como feixes que permanecem ou se deslocam, formando novos complexos de traços” (*ibid.*).

Para Guilbert, a ocorrência da monossímia é rara. Considerar a polissemia como inerente ao signo lingüístico é fundamental e isso é ainda mais relevante, ao se tratar da neologia semântica estilística.

Romper com as regras de combinação, na criação de um sentido novo é necessário; e isso torna evidente a função básica da estrutura da frase na neologia semântica, como se depreende da análise de Guilbert:

A distribuição dos semas específicos de um vocábulo se manifesta inicialmente dentro da enunciação de uma frase; ela toma corpo em seguida, na mesma proporção que o neologismo semântico, no quadro do significante de um vocábulo, nas realizações frásticas, seja no nível da frase predicativa completa, seja no nível de um sintagma, redução de uma frase. E até o conjunto frástico, mesmo reduzido a uma determinação, é necessário para fazer aparecer o sentido novo, seja dentro do determinante, seja dentro do determinado (*apud* LEONEL, *opus cit.*, p. 82).

Do ponto de vista semântico, Sablayrolles (1996) afirma que “os neologismos comprovam uma estabilidade referencial desde sua aparição. Eles dão uma estabilidade àquilo que não havia anteriormente, e é freqüentemente uma de suas principais razões de existir” (SABLAYROLLES, 1996, p. 7) ^(C - 46).

Wagner (1976, *apud* SABLAYROLLES, 1996, p. 7) afirma que um dos papéis dos neologismos “é de incluir na trama conceitual do discurso um pouco daquilo que, no universo, jamais se perde, por falta de um nome que permita fazê-lo passar no discurso.” ^(C - 47).

Para Sablayrolles, quando se batizam uma coisa, uma ação, uma idéia, um conceito, etc., impondo-lhes um nome, o que se faz é proporcionar a esses elementos uma existência mais autônoma e uma vida própria.

Os signos lingüísticos memorizados pelos falantes de uma língua, bem como todas as séries lingüísticas impossíveis de serem explicadas, unicamente pela sintaxe, devem ser reconstruídos do léxico, porque representam desvios em relação àquilo que é esperado.

Todas as informações incapazes de predição por parte das regras são aprisionadas pelo léxico. “Assim, os grupos de nome determinado-determinante, sem preposição, do tipo *sistema Chaban, síndrome enfermeiras*, serão considerados como neologismos¹¹. Do mesmo

¹¹ Uma tal classificação se justifica, enquanto o procedimento continua marginal. Se ele se desenvolve, como parece ser o caso atualmente, talvez sob a influência do inglês, será preciso formular novas regras sintáticas para tratar estes casos. A noção de neologismo aparece de todo jeito relativamente. Estas construções parecem menos neológicas que um vocábulo-valise, por exemplo. Ressaltamos que estas construções como complemento de determinação sem preposição se desenvolvem com certas palavras como *sistema, síndrome* e outras. Elas permanecem, entretanto completamente impossíveis com o essencial do vocabulário. É, por exemplo, altamente improvável de entender um locutor nativo dizer: “*A casa meu pai por a casa de meu pai*, e esta impossibilidade se manifesta também com nomes que pedem uma complementação: *O filho meu vizinho, por o filho de meu vizinho* (SABLAYROLLES, *opus cit.*, p. 8)” ^(C - 48).

modo, uma mudança nos traços ou características registradas para uma lexia torna esta lexia neológica” (SABLAYROLLES, 1996, p. 8).

Para este autor, o processo de conhecimento de uma lexia implica a associação tanto de um significado e um significante, quanto de

informações gramaticais (gênero, grupo, eventuais irregularidades flexionais, etc.) e condições de emprego (nível de língua, frequência de emprego, conotações ou conhecimentos extralingüísticos, de certa forma largamente compartilhados pela comunidade lingüística),¹² associação privilegiada com outras lexias, para formar aquilo que denominamos vocábulos-bicicleta ou clichês, etc. (SABLAYROLLES, 1996, p. 8)¹³ (C – 49).

Ele afirma que tal concepção é “ampla, mas justificada” (p. 8), e provoca, independentemente da questão neológica, consequências diretas sobre a noção de novidade.

3ª) O processo de formação do neologismo alogênético

Pressupõe a distinção entre empréstimo interno e empréstimo externo de palavras. O primeiro implica o movimento realizado entre vocabulários regionais, vocabulários profissionais, entre estes e aqueles, além de poder compreender, também, o movimento realizado entre tais vocabulários e o vocabulário geral. O segundo relaciona-se ao empréstimo de palavras de outro sistema lingüístico, pertencente à outra macrossemiótica, realizado por um sistema lingüístico. O que podemos conferir ao longo de nossas análises neológicas de A. de G. nas inserções de vocábulos advindos do latim, do grego, do espanhol, do francês, dentre outros.

4ª) O processo de formação do neologismo sintagmático

Este processo consiste na combinação inédita de signos ou até mesmo de vocábulos, de acordo com os “modelos de estrutura vocabular de uma tipologia de língua” (BARBOSA, 1981, p. 264). A neologia sintagmática só pode ocorrer por um processo de derivação.

¹² “Assim, <as mochilas nas costas, a menor falta>, título de um artigo sobre uma estação turística difícil na Grécia, requer que se saiba o que representa o turismo mochila nas costas praticado pelos jovens pouco afortunados que freqüentam, então, pouco, as infra-estruturas turísticas” (SABLAYROLLES, *opus cit.*, p. 8).

¹³ “Os adjetivos *cortês e gentil* só são empregados no feminino, de acordo com Lexis. Diferentemente do Petit Robert, que oferece os dois gêneros – para qualificar uma serviçal/servente. Consideraríamos, então, outros empregos, como pouco neológicos. Isso aconteceria, por exemplo, se encontrássemos *um gentil advogado*.”

Diferentemente dos neologismos fonológicos, os neologismos sintagmáticos supõem a combinação de elementos já existentes no sistema lingüístico do português.

Os compostos neológicos sintagmáticos são, também, denominados de sintáticos porque a combinação de seus membros constituintes não se atém exclusivamente ao âmbito lexical (junção de um afixo a uma base), mas refere-se também ao nível frásico: o acréscimo de sufixos pode alterar a classe gramatical da palavra-base (exemplo encontrado em A. de G.: aroma + o sufixo al = *aromal*, subst. > adj.); a composição tem caráter coordenativo e/ou subordinativo (exemplo em A. de G.: *além-céu*, formando um adjetivo e evitando o uso de um sintagma preposicional). Os integrantes da composição sintagmática constituem elementos frásicos com o valor de uma unidade lexical.

No próximo item serão apresentados os modos de criação das neologias lexicais, segundo Boulanger (1979).

3.10 Tipologia geral da neologia: modos de criação das neologias lexicais

Boulanger (1979, p. 66) cita três grandes modos de criação das neologias lexicais:

1º) Neologia da forma

Este primeiro modo, a neologia de forma ou neologia morfológica, consiste na fabricação de novas unidades lexicais

(ou que jamais foram encontradas sob esta forma) partindo de elementos pertencentes ao sistema morfológico do francês ou dos sistemas estrangeiros antigos (latim, grego, etc.) ou atuais (inglês, alemão etc.). O novo signo pode ser empregado para designar uma noção nova ou referir a um significado anterior à criação do signo (*ibid.*)^(C-50).

Pertencem a essa categoria lexical:

a) Vocábulo criado por afixação

“São os termos criados por afixação, ou seja, pelo acréscimo de um prefixo ou sufixo, na base ou radical (ex. *avifaune*¹⁴; *calcinat*¹⁵; metalurgia)” (BOULANGER, 1979, p. 67) ^(C - 51). O afixo pode ser de vários tipos: sábio ou não, único ou múltiplo; provir de redução ou de truncção de um vocábulo pleno (ex. petrodolar: economia). Também pode provir “do acréscimo simultâneo de um prefixo e de um sufixo a uma base (ex. pluripartismo: política) ou da associação de um prefixo e de um sufixo (ex. *logophilo*¹⁶: lingüística)” (*ibid.*,) ^(C - 52).. Tais neologismos, no dizer de Boulanger, são denominados, às vezes, de parassintéticos.

A criação por meio de afixos (sufixos e prefixos) se denomina derivação e, é considerada como sábia, quando decorre do grego e do latim. No processo terminológico se retêm, primeiramente, “os termos susceptíveis de derivação em série, a fim de exprimir as diferentes situações do ato técnico ou científico: processo, método, qualidade, qualificação de emprego, etc.” (*ibid.*,) ^(C - 53).

b) Vocábulo criado por composição

“Os termos criados por composição são aqueles formados com duas ou várias bases a partir da reunião de termos individuais. Eles próprios, podem ser novos dentro da língua. A união desses termos constitui uma nova seqüência diferente e única” (*ibid.*, p. 68) ^(C - 54); tais termos funcionam de forma simples e exprimem uma realidade única, podendo ser nova ou não (*ibid.*, p. 68). Apresentam-se, quanto à forma, como vocábulos compostos como, por exemplo: *convoyeur-espaceur*¹⁷) ou sob a forma de sintagmas (ex. *detecteur de givre*/detetor de geada; *approche*¹⁸ *modélistique*/modelístico: gestão). “O neologismo de composição é monoreferencial independente de seu tipo de composição” (*ibid.*, p. 69) ^(C - 55).

c) Vocábulo criado por siglação

¹⁴ Vocábulo composto, não tendo sido encontrada sua tradução. Numa compreensão literal seria equivalente a ave-fauna, ou obra em que se descrevem as aves.

¹⁵ Também não se encontrou uma tradução para o termo. Trata-se de algum derivado de calciner (calcinar, queimar, submeter a altas temperaturas.)

¹⁶ Tradução livre: correspondente a logófilo

¹⁷ Equivalente a comboieiro-espçador. Não se encontrou uma tradução literal para o termo composto.

¹⁸ Equivalente a: proximidade, acesso.

Os termos oriundos da siglação representam igualmente um fenômeno de neologia morfológica. A siglação é a produção de um novo termo por justaposição de letras iniciais de uma denominação descritiva (ex. *habitation à loyer modéré*/habitação de aluguel moderado> HLM, ou pela contração de um vocábulo pleno (ex. lisergamida> LSD, esta abreviação se estendeu pelo alemão e pelo inglês) (BOULANGER, *opus cit.*, p. 69) ^(C - 56).

2º) Neologia de sentido

Este modo de criação lexical, a neologia de sentido, ou neologia semântica, consiste na utilização de um significante (forma) preexistente dentro de uma língua, conferindo-lhe um significado (conteúdo semântico) renovado, que pode provir de uma noção completamente nova ou ter sido expresso, por um outro significante, de acordo com Boulanger (1979, p. 89).

A aquisição de um sentido novo pode se efetuar de diversas maneiras:

a) Passagem de um vocábulo da língua geral a uma língua especializada

O deslocamento ou o aproveitamento de um vocábulo de trato comum para um trato específico acontece quando “o termo passa de uma língua geral para uma língua especializada (exemplo: *charme*, *étrangeté*/estranheza, *couleur*/cor, que exprime agora certas particularidades próprias das partículas elementares da física nuclear). Estes vocábulos podem gerar, a seu turno, neologismos científicos ou técnicos formais (ex. *charme* . *charmable*/charmável [que é somente virtual na língua geral])” (BOULANGER, 1979, p. 89-90) ^(C - 57).

b) Polissemia, segundo sentido, problemas de interpretação semântica

Mesmo que não modifique seu campo de aplicação especializada original, o termo pode se tornar polissêmico nesse domínio, gerar um segundo sentido e, neste caso, tornar-se bastante embaraçoso, causando problemas de interpretação semântica dentro dos contextos, porque “dar em um mesmo domínio de língua dois sentidos diferentes ao mesmo vocábulo é fonte de equívoco” (AGRON, *apud* BOULANGER, *opus cit.*, p. 91) ^(C - 58).

Ex. *couronne*, no domínio da exploração mineira significa:
1- “teto da abóbada”, inglês *back* /parte de trás, *roof* / telhado;
2- “*trépan*”/trépano, inglês *bit*, *drill bit*.

Os dois sentidos sendo aparentados, os riscos de confusões surgem.

A sinonímia pode vir a contribuir para a redução da polissemia. *Couronne*, no sentido de “*toit de la voûte*” é sinônimo de teto/telhado e no sentido de “*trépan*” /trépano/furadeira é sinônimo de fio, gume. Esta sinonímia foi trazida para empalidecer, em certos contextos, uma homonímia pelo menos atravancadora do gênero (BOULANGER, 1979, p. 92-93) ^(C-59).

c) Mudança de uma categoria gramatical para outra

Isto acontece quando há a mudança de uma categoria gramatical para uma outra, por parte do termo. Esta mudança de classe gramatical é também chamada neologia por conversão ou ainda derivação imprópria. Certos lexicógrafos “consideram a mutação sintática como uma mudança desencadeadora de uma forma semanticamente e sintaticamente autônoma” (GUILBERT *apud* BOULANGER, 1979, p. 94) ^(C-60). Este tipo de mudança não afeta a substância morfológica do vocábulo e pode provir “da substantivação de um adjetivo, da adjetivação de um substantivo, da substantivação de um verbo ou da adverbialização de um adjetivo” (*ibid.*) ^(C-61).

E. – *réacteur caloporteur* > *caloporteur*¹⁹ (física nuclear): adjetivo>substantivo.
- *bière à la pression* > *bière pression*²⁰ pressão. O termo adquire o gênero gramatical de sua antiga base dentro do sintagma.

Este procedimento é econômico e evita a multiplicação inútil de termos. (GUILBERT *apud* BOULANGER, 1979, p. 94) ^(C-62).

Nesse tipo de criações neológicas, ou seja, a neologia de sentido, deve-se evitar o calque semântico, “isto é, a adição de um sentido emprestado de uma outra língua ao sentido corrente de um termo. É assim que o verbo realizar adquiriu em francês um significado novo, o de *compreender*, por calque do inglês *to realize* “compreender”. Exemplos como estes ocorrem em todas as línguas e devem ser usados com critério. (*ibid.*, p. 95).

A. de G. produziu um grande volume de novas criações seguindo esta maneira de neologia de sentido. O que acabou por criar quase um estilo, à semelhança de Shakespeare, que influenciou fortemente a linguagem literária inglesa. Sua influência caracterizou-se pelo uso criativo do vocabulário já existente, a criação de novas palavras, a transformação de substantivos em verbos, e verbos em adjetivos; pela livre adição de sufixos e prefixos e o uso de linguagem figurada.

Em seu livro *Pulvis*, A. de G. faz uma homenagem a Shakespeare agradecendo o leitor com a leitura que ele (A. de G.) fizera de alguns dos protagonistas de Shakespeare. Isso nos

¹⁹ Reator portador de calor.

²⁰ Cerveja por pressão, cerveja pressão, pressão.

evidencia que A. de G., grande conhecedor de línguas que se mostrara, possivelmente, tenha sofrido, também, influência daquele autor naquilo que o constituiu e, até mesmo na sua produção literária e neológica.

3º) Neologia do empréstimo

Este terceiro modo de criação lexical apresentado por Boulanger (1979, p. 95), - a neologia do empréstimo consiste em uma transferência lexical para outra língua, de um elemento já formado, pertencente a uma língua estrangeira viva (inglês, russo, alemão etc.) ou morta (latim, grego, sânscrito etc.). É também denominada, às vezes, como neologia externa. Resumindo, consiste na adoção e não na criação do signo.

No processo de empréstimo ocorre, tanto a adoção de um significante completo quanto apenas a adoção de um elemento afixal, proveniente, principalmente, do latim ou do grego. No caso da adoção destes afixos sábios (do latim e do grego), trata-se de um empréstimo que pode ser considerado quase interno, visto que tanto a língua latina quanto a grega participam da evolução da língua francesa desde a origem desta. Pode-se afirmar que os elementos da morfologia que são afixáveis, são empréstimos, porém, o resultado, isto é, a unidade lexical produzida é bem da língua que o ‘afixou’. (BOULANGER, 1979, p. 96).

Ressaltando que o empréstimo não é um fenômeno sociolingüístico exclusivo dos tempos modernos, BOULANGER, entretanto, se restringe à análise do empréstimo lexical do período contemporâneo.(*ibid.*).

O autor afirma que as pessoas adotam atitudes diferentes, em face do empréstimo. Alguns o aceitam sem nenhum critério prévio, enquanto outros, mais reservados, recusam em massa todo elemento de outra língua; tal atitude demonstra um pouco caso pelas situações das línguas em contato e pela renovação do estoque lexical de uma língua. Tomar emprestado de outras línguas, com discernimento, meios de expressões particularmente vantajosos, contribui para o desenvolvimento, enriquecimento, harmonia e bem-estar de uma língua. (*ibid.*).

A grande fonte contemporânea de empréstimos continua, evidentemente, sendo o inglês, mormente dos vocabulários especializados, mesmo continuando a tomar emprestado do latim ou do grego [ex. *diáspora* (grego, de 1900); *placebo* (latim, de 1950); *mathesis* (grego, de 1966)]. No ponto de vista de Guilbert (1975, *apud* BOULANGER, 1979, p. 97) para fazermos uma boa avaliação dos empréstimos, na língua francesa, no período contemporâneo, é essencialmente analisar o caminho dos americanismos dentro da sua língua.

No próximo capítulo faremos um breve estudo lexicográfico abrangendo dicionários e glossários para darmos um embasamento à nossa pesquisa na busca do seu objetivo principal, que é o mapeamento dos neologismos do autor para a realização de um glossário.

4. LEXICOGRAFIA: DICIONÁRIOS E GLOSSÁRIOS

4.1 Dicionários

Com relação ao dicionário lingüístico, Oliveira e Isquierdo (2001) afirmam que este descreve o vocabulário da língua em questão, visando ao registro e definição dos signos lexicais que representam os conceitos elaborados e cristalizados na cultura. Mas o dicionário é, também, importante objeto cultural nas sociedades contemporâneas, podendo ser considerado uma das mais importantes instituições da civilização moderna. Por exercer funções normativas e informativas na sociedade, o uso desse produto cultural, dizem alguns, deveria ser obrigatório para todos os que utilizam a língua.

É grande a velocidade com que se renova o vocabulário de uma língua no mundo contemporâneo. Pesquisas indicam que o vocabulário de uma língua costuma se renovar, no prazo de 25 anos, em cerca de 10%, correspondendo a 5000 palavras num conjunto de 50000 vocábulos.

A constituição de um dicionário, no dizer de Oliveira e Isquierdo (*opus cit.*), é realizada por meio de entradas lexicais, ou lemas; estes ora dizem respeito a um termo da língua, ora são extraídos de um referente do universo extralingüístico.

Para Guilbert (1975), um projeto de dicionário não pode menosprezar as construções anteriores: o léxico de uma língua não pode ser reavaliado, a cada momento, em sua totalidade. “Uma nova obra é forçadamente uma estimação do estado do léxico em comparação aos registros operados por outros anteriores” (GUILBERT, 1975, p. 35) ^(C - 63). Mormente quando a obra pretende ser uma soma do léxico, a tendência é de juntar esse léxico, sem nenhuma supressão, ao que já foi feito, a fim de aparecer como mais completo. A descrição lexicográfica torna-se assim um certo gênero de obra lingüística possuidora de leis próprias, como gênero: ela deixa de ser prioritariamente o espelho do estado real do léxico de uma época. Só se pode medir o movimento neológico, comparando-se as diferenças “entre o conjunto lexical de duas edições aproximadas de um mesmo dicionário, em um período contemporâneo” (*ibid.*) ^(C - 64).

Tais análises e práticas talvez pudessem funcionar como reforço, levando-nos a decidir sobre o estatuto de uma lexia, se esta é ainda neológica ou não, em substituição àquela sobre a qual temos dúvidas, com base nos dicionários. Mas, como diz Sablayrolles (1996, p. 15) o recurso ao dicionário produz resultados pouco satisfatórios.

No que tange à definição, temos alguns conceitos importantes. Para Garcia (2002), a definição nos dicionários, como modo de saber (*modus sciendi*), é um recurso expressivo do qual nos valem para dizer aquilo que temos a intenção de dizer quando usamos uma dada palavra ou fazemos referência a um ser ou a um dado objeto. Sendo uma das categorias da lógica, ela (definição) se traduz, de acordo com Lalande (1962, *apud* GARCIA, 2002, p. 332), como uma proposição afirmativa que tem a finalidade de que se conheça com exatidão a

extensão e o entendimento de um termo e da idéia que corresponde a ele. Por isso, ela consiste numa forma verbal por meio da qual se expressa a essência de algo (ser, coisa/objeto, idéia). Ela é, então, uma operação do espírito na qual se pode determinar a compreensão que venha a caracterizar um conceito.

Duas espécies de definição, segundo Garcia (2002), são distintas pela semiologia:

a) a que se faz por referência à coisa denotada pelo signo (definição *denotativa*, *referencial* ou *ostensiva*);

b) e aquela que se faz por meio de signos pertencentes a um sistema construído, a uma língua artificial ou metalíngua (definição *semântica* ou *metalingüística*). Nos dicionários, costuma-se nomear essa segunda espécie de definição lexicográfica.

Nos dicionários, a definição, de acordo com Dubois (1973, *apud* GARCIA, 2002, p. 333), é uma análise semântica da palavra-verbete. Esta análise, freqüentemente, se mistura com a descrição do próprio objeto, da coisa a qual se refere. Por conseguinte, as palavras podem ser definidas numa definição metalingüística, como as coisas podem ser definidas descritivamente.

Os critérios para constatação de uma lexia dentro dos dicionários e suas possíveis falhas serão apresentados a seguir.

4.1.1 O dicionário como teste da duração de um neologismo

O fato de constatararmos uma lexia dentro do dicionário nos leva a concluir que ela não é neológica; caso contrário, ela o é²¹. Apesar dos diferentes posicionamentos de outros teóricos, confirmamos aqui que nossa pesquisa se fundamentou baseada em Guilbert (1975), que elege um *corpus* de exclusão seguindo o critério da exaustividade. Por isso delimitamos os dois grupos de dicionários – de época e atuais – para referendar e sustentar nossa pesquisa.

Apesar de definirmos o nosso seguimento teórico, não poderíamos deixar de mencionar o *point of view* de outros teóricos, que são contrários ou insatisfeitos com o posicionamento de Guilbert (1975). Como exemplo temos Sablayrolles (1996), que argumenta que

²¹ Guilbert (GLLF 1971) afirma que é por analogia ao dicionário ou mais ainda aos diferentes dicionários, que um termo aparece como neologismo.

A duração neológica se mede, assim, retrospectivamente pelo menos, por uma subtração. A lexia neológica é neológica dentro do intervalo compreendido entre o momento de sua criação (que é agora sempre conhecida e indicada, com um grau de precisão variável²²) e o de sua inserção no dicionário. Esta comparação, quase sempre recusada no plano teórico, mas quase sempre utilizada na prática, não sem alguns resultados, tem o mérito da simplicidade, mas ela se choca, dentro dos fatos, contra as dificuldades não sobrepostas e, de um ponto de vista teórico, contra as objeções que a tornam em parte inoperante e insatisfatória (SABLAYROLLES, 1996, p. 15-16) ^(C - 65).

4.1.2 O dicionário versus os dicionários

Uma importante questão a se colocar é com relação ao imenso número de dicionários. Em francês, Quemada²³ de acordo com Sablayrolles, calcula 30.000 dicionários dos mais variados tipos. Dentre tantos, por qual ou quais deveríamos optar? Mesmo se decidíssemos apenas pelos dicionários do francês corrente contemporâneo, estes também são numerosos. Além do mais, nenhum argumento é considerado indiscutível, quando se trata de escolher um e eliminar os outros. “Dimensão, número de vocábulos, suposto prestígio deste ou daquele editor, data de aparição, divulgação são também critérios discutíveis e não necessariamente convergentes” (SABLAYROLLES, 1996, p. 16) ^(C - 66).

Em português, existe a vantagem de possuímos um número pequeno de dicionários, em comparação à língua francesa. Por isso, a escolha dos dois dicionários de época mais consultados ou de maior representatividade, e dos dois atuais mais respeitados, tanto no português europeu quanto no brasileiro, foi-nos uma tarefa tranqüila e, talvez, bem justificada.

4.1.3 Os dicionários neológicos propriamente ditos, consistindo em

um conjunto que sofreu, teoricamente, no todo ou em parte, o tratamento de exclusão das duas categorias precedentes. Eles recenseiam os vocábulos da língua

²² Os dicionários têm mudado globalmente suas práticas a este respeito. As menções *neológica*, *recente* têm quase desaparecido em proveito de uma informação mais objetiva: a data da aparição. Esta, como explica LEROND na introdução do GLLF (1971), é mais ou menos fácil de estabelecer e mais ou menos precisa. Podemos, algumas vezes, fixar o dia ou o mês, como para *spoutnik* (outubro 1957); com mais frequência, é o ano em que a lexia aparece que é indicado. Quanto mais as criações são anciãs, menos precisas, em geral, são suas datações.

²³ No artigo *Dicionário da Enciclopédia Universal*.

corrente e termos técnicos e científicos tirados do dia a dia da imprensa e revistas especializadas, o que contribui para melhor delimitar a definição da neologia proposta aqui. Acolhem de muito boa vontade os empréstimos que são frequentes dentro dos domínios que tratam. Os dicionários neológicos do corpus são os seguintes: DMN, MDV, NMDV, CDM e DNE; podemos, além do mais, incluir dentro deste grupo os suplementos dos grandes dicionários correntes (cf. GLE S1 e S2, GR S, etc.). Dicionários de língua mais recentes, como o Lexis e o Logos, são um amplo lugar de neologismos (BOULANGER, 1979, p. 58) ^(C - 67).

Esta mesma cautela aconteceu nessa pesquisa com o propósito de fundamentarmos nosso glossário neológico. Elegemos, portanto, o *corpus* de exclusão, para fortalecermos e contra-argumentarmos quaisquer possibilidades outras advindas de outro *corpus*, que não estivera incluso na análise da pesquisa da obra de A. de G.

4.1.4 Lexias não neológicas e não repertoriadas

Sablayrolles aponta o fato de que os dicionários não são completos; isto significa dizer que o fato de não encontrarmos uma determinada lexia dentro de um dicionário não demonstra, necessariamente, que ela seja nova. Embora não seja essa a fundamentação teórica que sustentou nossa pesquisa, precisamos esclarecer ao leitor outros posicionamentos, mesmo por que isso traz transparência e definição à nossa pesquisa.

Retornamos a Sablayrolles (1996), que cita que tanto “os constrangimentos materiais, o respeito das decências” quanto a prudência costumam provocar a não incorporação de “vocabúlos raros, antigos, grosseiros”, ou que acreditamos não serem efêmeros e, portanto, que não desaparecem com a mesma rapidez com que são introduzidos. De fato, os vocabúlos não entram nos dicionários imediatamente após sua implantação na língua e é por isso mesmo, argumenta o autor, que Wijnands (1985) apresenta uma sugestão visando amenizar este problema: “que se insiram os vocabúlos novos em uma seção especial. Assim, eles passariam por uma espécie de antecâmara antes de serem admitidos definitivamente” (SABLAYROLLES, 1996, p. 16) ^(C - 68).

4.1.5 Diferenças: repertoriagem (compilação) e repertoriado (compilado)

Quando consultamos diferentes dicionários, visando evitar uma certa arbitrariedade, costumamos constatar a diferença dos vocabúlos repertoriados (compilados/reunidos). E então

nos ocorre uma dúvida: é possível decidirmos que um vocábulo não é neológico, apenas pelo fato de que ele ocorre em um dicionário? Ou decidiremos que a presença de uma lexia dentro de um único dicionário não é uma prova suficiente²⁴, passando a exigir sua presença em dois dicionários, ou na maior parte dos dicionários consultados? Por ocasião da verificação de vocábulos raros, antigos ou desconhecidos, Sablayrolles declara ter constatado uma diferença aproximada de 20% do repertoriado, apresentada pela comparação de dois dicionários: *Lexis* de Larousse e o *Nouveau Petit Robert*.

Os critérios, da simples constatação de uma lexia dentro dos dicionários e da sua datação, na realidade, não são nem satisfatórios nem muito instrutivos, afirma o autor. Por isso mesmo

somos conduzidos a concluir pela impossibilidade de delimitação automática, simples e uniforme, da duração da novidade dos neologismos: eles não dizem efetivamente nada sobre o funcionamento dessas lexias, porque não permitem ainda medir o sentimento neológico (SABLAYROLLES, 1996, p. 17) ^(C - 69).

Apesar do posicionamento adverso de Sablayrolles quanto às limitações impostas por um dicionário como parâmetro para atestar ou não uma possível nova lexia, a nossa pesquisa se voltou para o posicionamento de Guilbert, que vê e respeita um dicionário anterior como um baú de acervo lexical, ao qual os posteriores devem vir para somar. Por conseguinte, elegemos um *corpus* que nos norteia e nos protege. Contudo, não limitamos novas pesquisas, nem novos pesquisadores que poderiam, sem dúvida, ampliar seus *corpus* e enriquecerem o mundo científico com novas descobertas e novas respostas.

No próximo item faremos uma abordagem quanto às definições de glossário, porém, de um modo mais condensado e condizente com a nossa pesquisa, já precedendo o glossário, propriamente dito.

4.2 Glossários

²⁴ Segundo o ditado *testis unus, testis nullus* (do latim: do teste único, teste nulo). Não se trata somente de uma hipótese de escola: temos por exemplo confrontado com um caso deste gênero na definição de neologia. A acepção “doutrina teologia nova e ousada” é dada por um só dicionário: o dicionário universal de Pierre LAROUSSE 1874 agora que está ausente dos outros dicionários do século XIX (de acordo com Littré) ou do século XX, particularmente do DHLF e do TLF. Que estatuto dar agora a esta acepção para este vocábulo Selon l’adage *testis unus, testis nullus*. Il ne s’agit pas seulement d’une hypothèse d’école: nous avons par exemple été confronté à un cas de ce genre dans la définition de éologie. L’acception « doctrine théologique nouvelle et hardie » est donnée par un seu dictionnaire : le dictionnaire universel de Pierre LAROUSSE 1874 alors qu’elle est absente des autres dictionnaire du XIX (dont Littré) ou du XX, en particulier du DHLF, et du TLF. Quel statut donner alors à cette acception pour ce mot? »

De acordo com Boutin (1985), glossário é um repertório que define ou explica os termos velhos, raros ou desconhecidos. Já o Dicionário Houaiss (2001) o define como dicionário de palavras de sentido obscuro ou pouco conhecido, elucidário.

O Dicionário Aurélio (2001) traz a definição para o vocábulo de: vocabulário ou livro em que se explicam palavras de significação obscura: elucidário.

Biderman (1998), em seu *Dicionário Didático de Português*, define glossário como sendo uma lista de palavras em que se explica o significado e o uso desses vocábulos.

Para Barbosa (2001), ao passo que o dicionário é responsável por reunir locuções e expressões, o glossário interpreta palavras antigas, obscuras, contém glosas e o vocabulário se refere apenas a uns poucos vocábulos de um texto (poderíamos dizer obra), que são interpretados para estudantes ou para outros fins.

Já que o glossário se define, sustentado por vários teóricos dessa área, como o meio de desobscurecer a significação de vocábulos que precisam ser explicados, acabamos por elegê-lo para elucidar os vocábulos desconhecidos e obscuros, denominados neologismos, da prosa e da poesia de A. de G. Acreditamos na sua capacidade explicativa para amparar todo o trabalho que desenvolvemos ao longo da nossa pesquisa, apresentando notas e análises de sentido, que serão valiosas para as nossas interpretações ‘neologicais’.

Não temos a menor pretensão de criar um glossário de neologismos que ultrapasse os limites do autor eleito em nossa pesquisa. Isto se justifica porque se estamos a realizar uma análise contextual, e deixarmos este contexto e este autor, perdemos a direção que nos foi dada até aqui pelos estudos dos neologismos semânticos contextualizados.

Apresentaremos, no próximo item, uma exposição das estruturas constitutivas de um glossário para esclarecimento de todos os passos que são seguidos na apresentação e nas análises dos neologismos levantados da obra.

4.2.1 A Macro e a Microestrutura do Glossário

Do ponto de vista da macroestrutura este glossário ateu-se não apenas aos substantivos, adjetivos e verbos, como também a alguns advérbios, que representaram alto

valor de novidade, fazendo a verificação de seus atestamentos nos dicionários que foram eleitos como *corpus* de exclusão.

As entradas se apresentaram na seguinte constituição:

- Listagem dos nomes em ordem alfabética.
- Listagem sempre no masculino singular e, para os verbos, no infinitivo.
- Para o significado dos neologismos faremos explicação breve e objetiva com conteúdo semântico em relação ao contexto de ocorrência.
- A contextualização e embasamento das definições para as abonações poderão vir a utilizar desde um sintagma completo até uma estrofe, na poesia; e todo um parágrafo, na prosa.

Da microestrutura, o glossário constituiu-se de um paradigma, que apresenta um comportamento descritivo uniforme na estrutura do conjunto de entradas, seguindo esta fórmula estrutural:

- 1º) Entrada + categoria gramatical + gênero + número de ocorrência.
- 2º) Base Lexical.
- 3º) Abonação + referência bibliográfica.
- 4º) Notas (lingüísticas e/ou culturais, ou enciclopédicas), com análise explicativa.
- 5º) Sentido contextualizado.

Conseqüentemente, o glossário apresentou a seguinte formatação: Em primeiro lugar veio a palavra considerada neologismo em sua forma contextualizada; em seguida, apresentamos as definições das bases e seus componentes descontextualizados encontrados nos dicionários eleitos como *corpus* de exclusão; posteriormente, seguiu a abonação com o vocábulo destacado em negrito e entre os símbolos < >. A partir disso, fizemos uma análise lingüística explicativa do sentido do neologismo contextualizado e, finalmente, levantamos o sentido do neologismo encontrado na obra. Devemos realçar que a análise explicativa vocabular partiu de uma análise das bases e de seus componentes para podermos chegar ao sentido da lexia contextualizada, já que o artista-poeta adaptou um sema novo ao vocábulo, quase sempre se sustentando numa base, em conformidade com a hipótese da pesquisa.

5. APRESENTAÇÃO DO GLOSSÁRIO E ANÁLISE DOS NEOLOGISMOS ENCONTRADOS EM GUIMARAENS

Para melhor compreensão do nosso glossário, situamos o leitor do mesmo, com relação às bases lexicais apresentadas, conservando uma ordem fiel dos dicionários eleitos para comprovar o *não-atestamento* dos vocábulos encontrados na seguinte seqüência, como já mencionamos na metodologia adotada:

1º) em dois dicionários de época:

a) Dicionário da Língua Portuguesa Antônio de **Moraes** Silva, 5ª ed., 1844, Lisboa; Tomo 1 – A > E; Tomo 2 – F > Z;

b) Grande Dicionário Portuguez ou Thesouro da língua Portuguesa pelo Frei Domingos **Vieira** (dos Eremitas Calçados de Santo Agostinho), 5 volumes: V1 – 1871; V2 – 1873; V3 – 1873; V4 – 1873; V5 – 1874, Porto;

2º) em dois dicionários atuais:

a) **Dicionário Eletrônico Houaiss** de Língua Portuguesa, 1.0 – Dez./2001, Instituto Antônio Houaiss, Ed. Objetiva Ltda;

b) Novo Aurélio – O Dicionário da Língua Portuguesa – séc. XXI, versão 3.0 – Ed. Nova Fronteira, Aurélio Buarque de Holanda Ferreira, **AE (Aurélio Eletrônico)**.1999.

Quase todas as palavras que foram eleitas para compor o nosso glossário não existem em nenhum dos dicionários eleitos como *corpus* de exclusão. Exceções feitas apenas ao adjetivo *emurhecendo*, que não existe literalmente, mas pode se constituir como um adjetivo na forma de gerúndio do verbo; ao adjetivo *pêca*; e ao substantivo *sete-estrela*. Contudo, eles se constituíram como neologismos semânticos, pelo ligeiro deslizar de sentido nos novos contextos do autor. Estas palavras e todas aquelas que foram selecionadas como representação neológica do autor são apresentadas e analisadas logo a seguir.

5.1 Apresentação dos vocábulos não encontrados no *corpus* para atestamento

001 – ALÉM-CÉU (adj.); (3 oc.; 2 em Poesias e 1 na Prosa)

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Moraes (1844)
Além	prep. Da parte, ou da banda de lá; para lá de algum lugar. (Tomo I, p. 88).
Céo, ou céu	s. m. (do Lat. <i>coelus</i> , <i>i</i>) A região ethérea. fig. O lugar, onde está Deus, e os Bemaventurados. (Tomo I, p. 414).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Vieira (1871)
Além (cf.)	adv. Da parte ou da banda de lá; para lá de algum lugar. (Vol. I, 1871, p. 290).
Céo, ou céu	s. m. (Do latim <i>coelum</i> , que está por uma antiga forma <i>koilom</i> , que se liga ao grego <i>koilos</i> , cavo, ambas as quaes supõem uma fôrma greco-italica, <i>kavilos</i> , de <i>kavilos</i> , da mesma raiz que <i>cavus</i>). Espaço que vemos em fôrma de abóboda, estendido por cima das nossas cabeças e circumscripito pelo horizonte. (Vol. II, 1873, p. 170)

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Houaiss (2001) - DE
Além	☐ advérbio 1 da parte de lá, para o lado de lá, acolá 2 mais à frente, mais adiante 3 em lugar longe ou bem longe 4 para fora; afora ☐ substantivo masculino 5 lugar distante, remoto; confins 6 lugar fronteiro a outro, mediando entre ambos algum rio, lago etc. 7 o outro mundo, o mundo dos espíritos; além-mundo
Céu	☐ substantivo masculino 1 espaço onde se localizam e movem os astros 2 parte desse espaço, visível pelo homem limitada pelo horizonte; firmamento, abóbada celeste. 3 Rubrica: religião. local onde habitam Deus, os anjos, os bem-aventurados e as almas dos justos

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Ferreira (1999) - AE
Além	[Do lat. <i>ecce hinc</i> , 'eis ali', poss.] Adv. 1. Lá, acolá, lá ao longe 2. Longe, bem longe 3. Mais adiante; mais à frente S. m. 4. O que vem depois da morte; o outro mundo; a eternidade, o desconhecido, o além-mundo, o além-túmulo; a ultravida
Céu	[Do lat. <i>caelu</i> .] S. m. 1. Espaço ilimitado e indefinido onde se movem os astros. 2. O espaço acima de nossas cabeças, limitado pelo horizonte; firmamento. 3. A parte superior de uma armação; dossel, sobrecéu. 4. Região para onde, segundo as crenças religiosas, vão as almas dos justos.

	5. Qualquer lugar onde se possa ser feliz; paraíso.
	6. Fig. A Providência; Deus.

Abonação:

IV

“(…)

Seguiam-se legiões de fantasmas deicidas:

E nos teus olhos de <além-céu>, templos cobertos

De panos negros e de flores doloridas,

A solidão final dos túmulos abertos.

(…)”.

(Poema do livro: **Câmara Ardente**, in *Poesia Completa*, 2001, p. 207)

Notas: Além-mar é um composto, também usado pelo autor, que funciona como substantivo ou adjetivo, semanticamente nos transportando para o outro lado do mar, que concretamente pode ser transposto pelo homem terreno. O autor projeta em *além-céu* o mesmo valor semântico, porém não mais trespassado por seres humanos, mas sim por espíritos ou seres do outro mundo, remetendo-nos à transcendência, constituindo um neologismo semântico comparativo.

Sentido: outra vida ou outro mundo.

002 – ALFOMBROSO (adj.); (1 oc. na Prosa)

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Moraes (1844)
Alfombra	s. f. Alcatifa. (Tomo I, p. 91).
Alcatifa	s. f. (em Arab. <i>alcatifa</i> .) Tapete. Fig. Cobertor bordado. (Tomo I, p. 84).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Vieira (1871)
Alfombra	s.f. (Talvez corrupção de Alfambar.) Alcatifa, tapete, colcha, pano grande de uma só peça, tecido de seda e lã, com diversas cores e desenho variado. Fig.: a relva do prado, o musgo do rochedo. =N’este sentido, bastante usado na linguagem poética. (Vol. I, p. 297).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Houaiss (2001) - DE
Alfombra	☐ substantivo feminino 1 tapete espesso e muito macio, de cores e figuras diversas; alcatifa 2 Derivação: sentido figurado. certa extensão de relva, verdura, flores etc., que recobrem o chão; tapete (de verdura, flores etc.)

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Ferreira (1999) - AE
Alfombra	[Do ár. al-`umra (t), 'esteirinha', 'tapete'.] S. f. 1. Tapete espesso e fofo; alcatifa. 2. P. ext. Tapete de verdura ou de relva:

Abonação:

PERGUNTA IMPREVISTA

“(…)

Espíritos de nequícia, satanizados e torvos, como devem ser aquêles que, perseguindo-nos em vida, tentam apoderar-se da essência imaterial depois da morte, lutam com os anjos luminosos que em bandos tutelares fazem alas à minha alma, em ascensão para o alto como um raio de sol tomba sobre a terra; a desolação do meu ser entristece a onda crepuscular da tarde. Impregnado de misericórdia, o céu abre diante dos meus olhos aflitos o <alfombrroso> regaço das nuvens: o íris da bem-aventurança resplandece na última esfera que o meu olhar alcança, inacessível para a maior parte dos humanos, abrigo imaculado para onde convergem, com raios de sol ao redor de um halo de luz, as almas dos justos, e das virgens castas, e das inocentes que a água do batismo lustraliza.

(…)”.

(Conto da Prosa: **Mendigos**, in *Obra Completa*, 1960, p. 406)

Notas: O substantivo *alfombra* recebe o sufixo *-oso* que normalmente forma um adjetivo, com a idéia de “provido ou cheio de”, segundo Bechara (1989). Aqui o autor não nos diz de um regaço de nuvens cheio de tapetes, mas em toda sua *misticidade criativa* ele quer nos apresentar um regaço de nuvens atapetado com o sentido de uma trilha ou caminho que só pode ser percorrido por aqueles que tiverem uma alma leve, pura e limpa, sendo, pois, merecedores da misericórdia do Senhor, já que foram eleitos pelo Pai Celestial.

Sentido: atapetado, que forra uma passarela.

003 – ALVINENTE (adj.); (1 oc. na Prosa)

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Moraes (1844)
Alvo	adj. (do Lat. <i>albus</i> , branco de neve.) Muito branco, branco de neve.(Tomo I, p. 112).
Alvor	s. m. A alva da manhã. Nobiliário. Fig. brancura nívea. (Tomo I, p. 112)

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Vieira (1871)
Alvo	adj. (Do latim <i>albus</i> , no abl. <i>albo</i> , mudando o “b” na spirante “v”.) branco, claro, cor de leite, nevado. – Extensivamente; Candido, diáphano, límpido. (Vol. I, p. 247, 2ª col.).
Alvor	s. m. (Do italiano <i>albore</i> .) Alva do dia, claridade matinal, crepúsculo matutino, dilúculo; alvorada. – Fig., e próprio da linguagem poética, alvura, nitidez, clareza. (Vol. I, p. 247, 3ª col.).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Houaiss (2001) - DE
Alvo	adjetivo 1 que é branco; claro 2 Derivação: sentido figurado. dotado de pureza; cândido, inocente
Alvor	substantivo masculino 1 a primeira luz do amanhecer; alva, alvorada, claridade 2 Derivação: sentido figurado. brancura nêve; alvura 3 Derivação: por extensão de sentido. luz viva; fulgor, brilho

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Ferreira (1999) - AE
Alvo	[Do lat. albu.] Adj. 1. Branco, claro. 2. Fig. Puro, inocente, cândido. S. m. 3. A cor branca; branco.
Alvor	(ô). [Var. de albor.] S. m. 1. A primeira luz da manhã; alva. 2. Alvura, brancura. 3. Brilho, esplendor.

Abonação:

ESPECTRO

“(..)

A fotografia, porém, seria capaz de revelá-las, de reproduzi-las?

Como era natural, o fato extraordinário trouxe em susto contínuo a população inteira da pequena cidade, não havendo quem olhasse com bons olhos para o pobre rapaz, que, de resto, não tinha culpa alguma de ter sido escolhido pelas forças ocultas para representar tão fúnebre papel. Uma loira mocinha, que por êle de amores vivia, retirou-se espavorida da sua imagem, pensando com certeza não ser de bom agoiro ir completar a trindade de tão estranha dualidade; os amigos, medrosos, fugiam dêle, temerosos de verem levantar-se de parelha com o seu corpo, já não espectralmente como nos cartões fotográficos, mas em osso <alvinente> e palpável, o estupendo esqueleto.

(...)”.

(Conto da Prosa: **Mendigos**, in *Obra Completa*, 1960, p. 447)

Notas: De acordo com a gramática normativa, o sufixo *-ente* tem o sentido de *ação, qualidade ou estado*. Em um ambiente comum teria o novo vocábulo o sentido de brancura total. Porém, neste contexto o termo sugere um osso limpo, no sentido de descarnado, puro, quem sabe purificado, sem nenhuma proteção ou cobertura, já que se refere a um ser que não possui mais vida. É o *branco* simbólico – a cor branca é a mais importante dos simbolistas – sugerindo a pureza.

Sentido: branco.

004- AMANTES-DEFUNTOS (s. comp. pl.); (1 oc. em Poesias)

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Morais (1844)
Amante	s. dos 2. gen. A pessoa que ama; o namorado , ou a namorada. Fig. adj. Que ama. (Tomo I, p. 116).
Defunto	s. m. (do adj.) O morto; corpo morto, cadáver. A, adj. (do Lat. <i>defunctus</i> .) Morto. (Tomo I, p. 571).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Vieira (1871)
Amante	<i>adj.</i> e s. 2 <i>gen.</i> (Do latim <i>amans</i> , no abl. <i>amante</i> .) Pessoa que ama, estima, préza, venera; estremece, adora ou gosta; apaixonado, namorado, galanteador, namorado; (Vol. I, 1871, p. 353).
Defuncto ou Defunto	<i>adj.</i> (Do latim <i>defunctus</i>). Morto. -- S. m. Corpo morto, cadáver. (Vol. II, 1873, p. 738 e 739).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Houaiss (2001) - DE
Amante	adjetivo e substantivo de dois gêneros 1 que ou aquele que ama; namorado, apaixonado 2 que ou aquele que tem gosto ou inclinação por alguma coisa; amador, apreciador ☐ substantivo de dois gêneros 3 pessoa que tem com outra relações sexuais mais ou menos estáveis, mas não formalizadas pelo casamento; amásio, amásia
Defunto	adjetivo e substantivo masculino 1 que ou quem morreu; falecido 2 Derivação: por extensão de sentido. que ou o que caiu no esquecimento ☐ adjetivo 3 relativo a quem morreu; extinto

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Ferreira (1999) - AE
Amante	Do lat. <i>amante</i> .] Adj. 2 g. 1. Que ama.

	2. Que gosta de alguma pessoa ou coisa; amador, apreciador 3. Apaixonado, amoroso S. 2 g. 4. Pessoa que ama; namorado; apaixonado. 5. Pessoa que tem gosto ou inclinação por outra pessoa ou coisa; amador; apreciador 6. Pessoa que tem com outras relações extramatrimoniais
Defunto	[Do lat. defunctu.] Adj. 1. Que faleceu; morto, falecido, extinto. 2. Esquecido, olvidado; extinto: 3. De, ou próprio de defunto S. m. 4. Pessoa que morreu; cadáver

Abonação:

SONETO DE ROMEU

“(…)

E peito a peito, ó lírio, os meigos lábios juntos,

Poisaremos, Amor! a murmurar segredos,

Para não acordar os <Amantes-defuntos...>”

(Soneto do livro: **Pulvis: Lendo Shakespeare**, in *Poesia Completa*, 2001, p.415)

Notas: O autor cria um neologismo semântico composto sem perder os sentidos guardados nas bases dos vocábulos. Sendo nosso poeta, além de místico, grande conhecedor de outras línguas e de outras culturas, consegue recriar um poema comparativo com o do dramaturgo inglês Shakespeare dando ao seu substantivo composto um sentido de um amor que transcende a vida terrena perenizando na eternidade, como o de Romeu e Julieta. A influência de Shakespeare sofrida pelo autor foi tão grande que o seu poema *Ismália* – o representante número um do nosso poeta, pela crítica literária – deveria se chamar *Ofélia*. Porém o poeta não a esqueceu, homenageando-lhe, no livro *Pulvis*, com o poema que leva seu nome e fala da sua estória.

Sentido: aqueles que se amam além da vida, porque foram impossibilitados de se amarem na terra ou porque são representantes de um amor que deve continuar depois da vida terrena.

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Moraes (1844)
Archanjo	(do Lat. <i>archangelus</i> , do Gr. <i>arché</i>) primazia, e Lat. <i>angelus</i> , anjo) Espírito celeste, da 3. ^a hierarquia, do 8. ^a còro, superior ou, com primazia ao dos Anjos. (Tomo I, p. 187)
Angélico	adj. (do Lat. <i>angelicus</i>). Pertencente aos Anjos. = angelicál. (Tomo I, p. 140).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Vieira (1871)
Archanjo	s.m. Anjo de uma ordem superior; penúltimo na ordem dos nove coros dos espíritos celestes; são os mensageiros celestes, em numero de três. Na linguagem poética, creatura formosa, engraçada e pura. symbolo da perfeição. (Vol. I, 1871, p. 533)
Angélico	adj. Concernente, próprio, ou pertencente aos anjos; e extensivamente: bello, formoso, lindo, harmonioso. (Vol. I, 1871, p. 417)

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Houaiss (2001) - DE
Arcanjo	substantivo masculino Rubrica: teologia. anjo pertencente a uma ordem superior; espírito celeste que atua como mensageiro em missões especiais.
Angelical	adjetivo de dois gêneros 1 referente a ou próprio de anjo(s) 2 semelhante a anjo 3 Derivação: sentido figurado. completamente puro; imaculado 4 de grande beleza e perfeição

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Ferreira (1999) - AE
Arcanjo	Do gr. <i>archángelos</i> , pelo lat. <i>archangelu</i> .] S. m. 1 Anjo de ordem superior. 2. O primeiro dentre os anjos.
Angelical	Do gr. <i>angelikós</i> , pelo lat. <i>angelicu</i> .] Adj. 1. Relativo a, ou próprio de anjo(s). 2. Fig. Puríssimo, imaculado; 2 3. Belo ao extremo, ou perfeitíssimo. [Sin. ger.: angelical.]

Abonação:

III

“Murmurou-me, ao longe, demoradamente, uma voz <arcangelical>, límpida e branda, porque vinha de atravessar as esferas sublimes, e era, talvez, a onda sonora de um soluço de além:

— “Gemerás para sempre, desolado e mísero coração, pobre pêndulo a oscilar dentro da caixa óssea de um esqueleto, gemerás para sempre o instante em que a viste, a ela, Citarpa, o símbolo corpóreo da tua ilusão no mundo! Gemerás para sempre o instante primeiro e único em que ela surgiu diante de ti, evoluando-se como uma nuvem crepuscular. Ésse instante foi tôda a tua existência, pêndulo miserando!”

Só então compreendi que em relação à eternidade a nossa vida é um instante doloroso de êxtase em frente a um sonho que revestimos de púrpura e coroamos de mirtos misteriosos”.

(Do conto *Citarpa*, parte III, da Prosa: **Mendigos**, in *Obra Completa*, 1960, p. 405)

Notas: O autor cria um adjetivo composto a partir do substantivo *arcanjo* + o adjetivo *angelical* (= angélico) respeitando a carga semântica de suas bases, conseguindo inserir, mesmo na prosa, o tom melódico/musical da escola simbolista. O grande misticismo do autor nos transporta para um plano de espiritualidade onde estariam os anjos-guardiões do Senhor, que, de acordo com a teologia, atuam como mensageiros diretos para atender missões especiais, saudando aqueles que foram escolhidos pelo Senhor para receber a graça da visitação de tais mensageiros.

Sentido: perfeita pureza e audibilidade.

006- ARGENTAL (adj.); (1 oc. em Poesias)

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Moraes (1844)
Argento	s. m. t. poet. (do Lat. <i>argentums</i> , prata) Prata. (Tomo I, p. 193).
Argênteo	A, adj. poet. (do Lat. <i>argenteus</i>) De prata, feito de prata. (Tomo I, p. 193).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Vieira (1871)
Argento	s. m. (Do latim <i>argentum</i> , prata). Na linguagem antiga, prata, substância metálica, tipo de muitos gêneros na classificação dos metais. Na linguagem poética, o mar, tirado o nome da analogia entre a alvura da prata e a das ondas. (Vol. I, 1871, p. 547)
Argênteo	adj. (Do latim <i>argentum</i>). Que tem semelhança com a prata; fig. que tem a alvura brilhante da prata. (Vol. I, 1871, p. 546)

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Houaiss (2001) - DE
Argento	substantivo masculino Diacronismo: antigo. 1 Estatística: pouco usado. m.q. prata (quím.)
Argênteo	adjetivo 1 feito de ou que contém prata 2 brilhante como a prata; da cor da prata

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Ferreira (1999) - AE
Argento	Do lat. <i>argentu</i> .] S. m. Ant. 1. Prata.
Argênteo	Do lat. <i>argenteu</i> .] Adj. 1. Prateado, argentino 2. Feito de prata; argentino

Abonação:

XIV. ÁRIA DO LUAR

“O luar, sonora barcarola,
Aroma de <argental> caçoula,
Azul, azul em fora rola...
(...)”.

(Poema do livro: **Dona Mística: Ária do luar**, in Poesia Completa, 2001, p. 191)

Notas: O autor faz uso com grande pertinência do sufixo *-al*, que indica relação ou pertinência, no processo de derivação fazendo a junção do substantivo *argento* + o sufixo *-al* para formar um adjetivo relativo ao substantivo. Segundo Houaiss, “caçoula” quer dizer *recipiente us. para queimar substâncias ou misturas aromáticas*. Portanto, este é mais um contexto no qual encontramos a enormidade da relação simbólica das palavras em nosso autor: o cruzamento dos sentidos revelado nos termos neológicos. A base dessa palavra está diretamente ligada à visão, porém aqui ela cruza com o olfato realçando a grande sensibilidade do autor simbolista. Uma cor que consegue exalar cheiro agradável.

Sentido: cor prata (prateada), exalando um aroma característico no momento da queima das substâncias.

007- AROMAL (adj.); (1 oc. na Prosa)

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Morais (1844)
Aroma	s. m. (do Lat. e Gr. <i>aroma</i> , do Gr. <i>ari</i> , ou <i>ara</i> , forte, e <i>odmê</i> , cheiro). Toda a sorte de droga cheirosa, como incenso <i>beijaim</i> . Fig. Cheiro suave. (Tomo I, p. 199)
Aromar	v. a. poet. Perfumar, derramar aromas. (ibid.)
Aromático	A, adj. (do Lat. <i>aromaticus</i>) Pertencente ao aroma, da natureza dos aromas. (ibid.)

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Vieira (1871)
Aroma	s. m. (Do gr. <i>aroma</i> , perfume.) – Na linguagem usual, fragrância, perfume, cheiro, odor, effluvio, essência. (Vol. I, 1871, p. 561).
Aromar	v. a. (De <i>aroma</i> , com a terminação verbal ‘ar’.) Perfumar, derramar aromas, aromatizar. (ibid.).
Aromático	adj. (Do latim <i>aromaticus</i> .) Que é da natureza dos aromas; cheiroso, fragante, perfumado, odorante. (ibid.).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Houaiss (2001) - DE
Aroma	substantivo masculino 1 odor natural agradável 2 odor deleitante que emana dos preparados que se fazem com substâncias de origens diversas 2.1 perfume artificial 3 Derivação: por extensão de sentido. qualquer cheiro bom, agradável ao olfato
Aromar	verbo transitivo direto 1 difundir, exalar, espargir aroma em transitivo direto e pronominal 2 m.q. <i>aromatizar</i>

Aromático	adjetivo 1 relativo a aroma 2 que tem odor agradável
-----------	--

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Ferreira (1999) - AE
Aroma	Do gr. <i>ároma</i> , pelo lat. <i>aroma</i> . S. m. 1. Odor agradável de certas substâncias animais, vegetais, químicas, etc.; perfume, fragrância. 2. P. ext. Cheiro bom e mais ou menos penetrante 3. Essência odorífera.
Aromar	[De aroma + -ar2.] V. t. d. / V. int. / V. p. 1. Aromatizar
Aromático	[Do gr. <i>aromatikós</i> , pelo lat. <i>aromaticu</i> .] Adj. 1. De perfume agradável; odorífero; aromal.

Abonação:

“(…)

Ficaste outra vez só, como ao mundo vieste; mais desgraçado ainda, porque hoje vive contigo a lembrança <aromal> dos olhos dela, e toda a luz esmeraldina que dentro dêles refulgia. E a tristeza da morte ficou-te na alma, como uma sombra que não mais se esvai.

Que é a tua alma sem ela?

Imaginei a desolação de um lago quando a lua entre as nuvens desaparece”.

(Do conto: *Cena Segunda*, na Prosa: **Mendigos**, in *Obra Completa*, 1960, p. 432)

Notas: Novamente temos o sufixo *-al* formando um adjetivo a partir de um substantivo que, aparentemente, conserva o sentido da base. Contudo, outra vez, percebe-se a acuidade dos sentidos do autor, que era, sem dúvida, impregnado pelas características simbolistas quando desperta o sentido olfativo a partir do visual. Sinestesticamente, ele nos cria uma sensação de uma visão cheirosa e de uma luz perfumada.

Sentido: relativo a aroma.

008- AROMALIZADOS (adj.); (1 oc. em Poesias)

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Moraes (1844)
Aroma	s. m. (do Lat. e Gr. <i>aroma</i> , do Gr. <i>ari</i> , ou <i>ara</i> , forte, e <i>odmê</i> , cheiro). Toda a sorte de droga cheirosa, como incenso <i>beijaim</i> . Fig. Cheiro suave. (Tomo I, p. 199)
Aromar	v. a. poet. Perfumar, derramar aromas. (ibid.)
Aromático	A, adj. (do Lat. <i>aromaticus</i>) Pertencente ao aroma, da natureza dos aromas. (ibid.)

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Vieira (1871)
Aroma	s. m. (Do gr. <i>aroma</i> , perfume.) – Na linguagem usual, fragrância, perfume, cheiro, odor, effluvio, essência. (Vol. I, 1871, p. 561).
Aromar	v. a. (De <i>aroma</i> , com a terminação verbal ‘ar’.) Perfumar, derramar aromas, aromatizar. (ibid.).
Aromático	adj. (Do latim <i>aromaticus</i> .) Que é da natureza dos aromas; cheiroso, fragante, perfumado, odorante. (ibid.).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Houaiss (2001) - DE
Aroma	substantivo masculino 1 odor natural agradável 2 odor deleitante que emana dos preparados que se fazem com substâncias de origens diversas 2.1 perfume artificial 3 Derivação: por extensão de sentido. qualquer cheiro bom, agradável ao olfato
Aromar	verbo transitivo direto 1 difundir, exalar, espargir aroma em transitivo direto e pronominal 2 m.q. <i>aromatizar</i>
Aromático	adjetivo 1 relativo a aroma 2 que tem odor agradável

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Ferreira (1999) - AE
Aroma	Do gr. <i>ároma</i> , pelo lat. <i>aroma</i> . S. m. 1. Odor agradável de certas substâncias animais, vegetais, químicas, etc.; perfume, fragrância. 2. P. ext. Cheiro bom e mais ou menos penetrante 3. Essência odorífera.
Aromar	[De aroma + -ar2.] V. t. d. / V. int. / V. p. 1. Aromatizar
Aromático	[Do gr. <i>aromatikós</i> , pelo lat. <i>aromaticu</i> .] Adj. 1. De perfume agradável; odorífero; aromal.

Abonação:

VI. SONHOS BRANCOS

“(…)

E ao céu que sobre nós se arqueia, vamos

Enviando os beijos <**aromalizados**>

Que precedem, amor, desde que amamos,

A festa antiga e branca dos noivados”.

(Poema de: **Salmos da Noite (Versos da Mocidade)**, in Poesia Completa, 2001, p. 531)

Notas: As notas lingüísticas anteriores são válidas para este neologismo. Acrescentaremos a elas a derivação imprópria que ocorre aqui. Quando as palavras mudam de

classe gramatical sem sofrer nenhuma alteração da forma, diz-se que elas passaram por um processo derivacional impróprio. Neste ambiente lingüístico o particípio passado passou a adjetivo. O processo não é neológico, visto que é altamente previsível na nossa língua. A neologicidade do mesmo se dá pela cadeia neológica derivativa ocorrida: substantivo-base (aroma) – adjetivo (aromal) – verbo (aromalizar) – particípio passado (aromal-iz-ado) = adjetivo (aromalizado). Mais uma vez o poeta-artista cruza os sentidos sinestesticamente, só que neste contexto o cruzamento se dá pelo sentido olfativo despertado pelo tato ou toque. Um odor perfumado é suscitado pelo toque físico dos beijos.

Sentido: perfumado.

009- AROMALIZAR (v.); (1 oc. em Poesias)

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Moraes (1844)
Aroma	s. m. (do Lat. e Gr. <i>aroma</i> , do Gr. <i>ari</i> , ou <i>ara</i> , forte, e <i>odmê</i> , cheiro). Toda a sorte de droga cheirosa, como incenso <i>beijaim</i> . Fig. Cheiro suave. (Tomo I, p. 199)
Aromar	v. a. poet. Perfumar, derramar aromas. (ibid.)
Aromático	A, adj. (do Lat. <i>aromaticus</i>) Pertencente ao aroma, da natureza dos aromas. (ibid.)

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Vieira (1871)
Aroma	s. m. (Do gr. <i>aroma</i> , perfume.) – Na linguagem usual, fragrância, perfume, cheiro, odor, eflúvio, essência. (Vol. I, 1871, p. 561).
Aromar	v. a. (De <i>aroma</i> , com a terminação verbal ‘ar’.) Perfumar, derramar aromas, aromatizar. (ibid.).
Aromático	adj. (Do latim <i>aromaticus</i> .) Que é da natureza dos aromas; cheiroso, fragrante, perfumado, odorante. (ibid.).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Houaiss (2001) - DE
Aroma	substantivo masculino 1 odor natural agradável 2 odor deleitante que emana dos preparados que se fazem com substâncias de origens diversas 2.1 perfume artificial 3 Derivação: por extensão de sentido. qualquer cheiro bom, agradável ao olfato
Aromar	verbo transitivo direto 1 difundir, exalar, espargir aroma em transitivo direto e pronominal 2 m.q. <i>aromatizar</i>
Aromático	adjetivo 1 relativo a aroma 2 que tem odor agradável

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Ferreira (1999) - AE
Aroma	Do gr. <i>ároma</i> , pelo lat. <i>aroma</i> . S. m.

	1. Odor agradável de certas substâncias animais, vegetais, químicas, etc.; perfume, fragrância. 2. P. ext. Cheiro bom e mais ou menos penetrante 3. Essência odorífera.
Aromar	[De aroma + -ar2.] V. t. d. / V. int. / V. p. 1. Aromatizar
Aromático	[Do gr. <i>aromatikós</i> , pelo lat. <i>aromaticu</i> .] Adj. 1. De perfume agradável; odorífero; aromal.

Abonação:

VI

“(…)

As virgens de Israel as negras comas

<**Aromalizam**> com os ungüentos brancos

Dos nigromantes de mortais aromas...

(…)”.

(Do VI soneto da *Terceira Dor* do livro: **Setenário das Dores de N. Senhora**, in *Poesia Completa*, 1960, p. 227)

Notas: O vasto conhecimento da estrutura da nossa língua fez do nosso poeta um dos grandes neólogos da nossa literatura. Ele consegue com maestria criar neologismos ao explorar uma derivação em cadeia. E é isso que ele faz aqui ao verbalizar um adjetivo de sua criação a partir de um substantivo-base preexistente: aroma (subst.) + o sufixo *-al* = aromal (adj.), que ao receber a terminação *-ar*, que geralmente forma os novos verbos da nossa língua, é permeado pelo sufixo *-iz*, precedendo a vogal temática *-a* da terminação verbal, que transmite ao verbo um matiz significativo especial. O sufixo *-izar* possui um sentido *factitivo*, que quer dizer *atribuição de uma qualidade ou modo de ser*. O contexto nos dá um neologismo que tem o sentido de colocar aromas, perfumar um dado ambiente, atribuir a qualidade aromática usando produtos especiais para um momento ou ambiente especial.

Sentido: perfumar.

010- AURIFRANJADO (adj.); (1 oc. em Poesias)

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Morais (1844)
Áureo	A, adj. (do Lat. <i>aureus</i>) t. poet. De ouro, ou dourado. (Tomo I, 1871, p. 257).

Franja	s. f. (do Fr. <i>frange</i> , do Lat. <i>frangere</i> , quebrar). Cadilhos de linha, seda, ou fio de ouro, ou prata para guarnecer. (Tomo II, 1873, p. 61).
Franjado	p. p. de Franjar. (ibid.).
Franjar	v. a. Orlar, e guarnecer com franja. (ibid.).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Vieira (1871)
Áureo	adj. (Do latim <i>aureus</i> .) Feito de ouro, pertencente ao ouro. Dourado, brilhante, resplandecente, rutilante; louro, fulvo, flavo, amarello. (Vol. I, 1871, p. 660).
Franjado	<i>part. pass.</i> de Franjar. (Vol. III, 1873, p. 763).
Franjar	v. a. Guarnecer, ornar com franja. (ibid.).
Franção	s. m. Augmentativo de Franja. Franja larga. (ibid.).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Houaiss (2001) - DE
Áureo	adjetivo 1 relativo a ouro; áurico 2 feito de ouro; recoberto de ouro; aurífero, dourado 3 que é da cor do ouro; auricolor 4 Derivação: sentido figurado. que brilha, que espande; primoroso, magnífico
Franja	substantivo feminino 1 ornamento que consiste de fios ou tiras pendendo da orla de um tecido desfiado ou repicado 2 qualquer coisa semelhante a esse ornamento 3 cabelo puxado para a testa, que a encobre total ou parcialmente
Franjado	adjetivo que se franjou 1 guarnecido ou ornado com franja 2 cortado em franja 3 Derivação: sentido figurado. floreado, rebuscado (diz-se de estilo, frase etc.)
Franjar	verbo transitivo direto 1 aplicar franja ('ornamento') em; fimbriar transitivo direto 2 desfiar a borda de (algo), abrindo franjas 3 criar franja em (cabelo), aparando-o na testa transitivo direto e bitransitivo 4 Derivação: sentido figurado. rendilhar como franja transitivo direto 5 Derivação: sentido figurado. florear, rebuscar (o estilo, frases etc.)

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Ferreira (1999) - AE
Áureo	[Do lat. <i>aureu</i> .] Adj. 1. Da cor do ouro, ou a ele relativo 2. Feito de ouro. 3. Coberto de ouro; dourado. 4. Fig. Brilhante, magnífico; de grande esplendor. 5. Fig. Muito valioso.
Franja	[Do fr. <i>frange</i> .] S. f. 1. Cadilhos de linho, algodão, seda, ouro, etc., com que se enfeitam ou guarnecem peças de estofos 2. Cabelo puxado para a testa e aparado.
Franjado	[Part. de franjar.] Adj. 1. Guarnecido de franjas 2. Recortado à feição de franja.

	3. Fig. Rendilhado ou orlado como franja.
Franjar	[De franja + -ar2.] V. t. d. 1. Guarnecer, enfeitar, orlar com franjas 2. Cortar ou aparar em franja 3. Desfiar, abrir, separar em franjas 4. Fig. Rendilhar, recortar, orlar como franja V. t. d. e i. 5. Guarnecer (de coisa semelhante a franja) 6. Florear, arrebicar.

Abonação:

VIII. A UMA MENINA

“Nasceste num doirado e olímpico presepe,

<**Aurifranjado**> em luz, entre festões de rosas.

Não te envolveu da noite o entristecido crepe:

O ebúrneo luar beijava as estrelas morosas.

(...)”.

(Poema do livro: **Escada de Jacó: Caminho do Céu**, in Poesia Completa, 2001, p. 392)

Notas: O autor cria um adjetivo composto de dois adjetivos (*áureo* + *franjado* = *aurifranjado*) fiel a toda estrutura previsível da língua, porém enriquecendo-a ao conseguir gerar um composto semântico que abarca os sentidos das bases num só vocábulo, num contexto que metaforiza o nascimento de Jesus (numa manjedoura materialmente pobre), e o de sua menina – talvez sua amada – abençoada por todas as riquezas, elevando o berço que recebeu a recém-nascida a uma riqueza sem igual: felicidade, beleza e luminosas bênçãos.

Sentido: com franjas de ouro (iluminadas).

011- AURORIZAR (v.); (1 oc. em Poesias)

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Morais (1844)
Aurora	s. f. (do Lat. <i>aurora</i>) A primeira luz, que se descobre no oriente antes desair o sol; crepúsculo matutino.

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Vieira (1871)
Aurora	s. f. (Do latim <i>aurora</i> ; de <i>áurea</i> hora.) Em Astronomia, luz fraca, que começa a aparecer quando o sol chega ao 18° (grão) abaixo do horizonte, que vai aumentando a medida que o sol se eleva, e que dura em quanto este astro se alevanta.

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Houaiss (2001) - DE
Aurora	substantivo feminino 1 Rubrica: astronomia. claridade que aponta o início da manhã, antes do nascer do Sol 2 Derivação: por extensão de sentido, sentido figurado. o despontar da vida; infância
Aurorar	verbo transitivo direto 1 tornar claro como a aurora transitivo direto 2 Derivação: sentido figurado. tornar brilhante

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Ferreira (1999) - AE
Aurora	[Do lat. <i>aurora</i> .] S. f. 1. Período antes do nascer do Sol, quando este já ilumina a parte da superfície terrestre ainda na sombra. 2. A claridade rósea que ilumina o céu a este, neste período. 3. O início da vida; a infância:
Aurorar	[De aurora + -ar1.] V. int. 1. Aurorescer.

Abonação:

XXI. VENTURA

“(…)

“Todo o velho desconforto

Dos meus dias sem luz ponho a teus pés...

Piedade, amor! Ressuscita o morto,

Por seres tu quem és!

Eu nos teus braços, pra que mais te amasse,

Todos os sonhos e esperança pus,

Como se os colocasse

Nos braços de uma Cruz!”

De repente o amplo espaço se <auroriza>

E tudo em derredor de mim fulgura...

A imagem dela pelo céu desliza:

Foi-se a minha ventura!”

(Poema do livro: **Pastoral aos Crentes do Amor e da Morte**, in *Poesia completa*, 2001, p. 304/305)

Notas: O substantivo *aurora* recebe o sufixo *-izar* formando um verbo condizente com a previsibilidade da língua e com a base ‘semática’. Entretanto, o autor na sua grande inventividade criativa traz-nos um verbo que consegue descrever toda a claridade ou luminosidade circundante do ambiente no qual se encontra o poeta no momento em que se refere à ascensão celestial de sua amada, levando com ela suas esperanças e a possibilidade de uma vida venturosa. É um espaço que se torna brilhante, luminoso e claro pela aura que sua amada reflete.

Sentido: brilhar ou iluminar.

012- BACORESCAMENTE (adv.); (1 oc. na Prosa)

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Morais (1844)
Bácoro	s.m. (do Ara. <i>bagro</i> , cria nova de 1 até 2 anos). Porco novo de um anno. (Tomo I, p. 277)

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Vieira (1871)
Bácoro	s. m. (Do arabe <i>bagro</i> , cria nova de um até dous annos; na linguagem popular, ainda se diz Bacro.) Leitão, porco pequeno, porcalho. (Vol. I, 1871, p. 701).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Houaiss (2001) - DE
Bácoro	substantivo masculino porco novo; bácaro
Bacorada	substantivo feminino 1 grupo ou rebanho de bácoros; bacoral 2 Derivação: sentido figurado. Regionalismo: Portugal. Uso: pejorativo. linguagem ou dito de mau gosto; expressão obscena 3 Derivação: sentido figurado. Regionalismo: Portugal. falta de educação; grossura
Bacoral	adjetivo de dois gêneros 1 relativo a ou próprio de bácoro □ substantivo masculino 2 grupo ou rebanho de bácoros; bacorada 3 Derivação: por metonímia. chiqueiro de bácoros

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Ferreira (1999) - AE
Bácoro	[De or. controvertida.] S. m. 1. V. leitão (1).
Bacorada	S. f. Bras. Zool. 1. V. boicorá (1).
Leitão	[De leite + -ão1.] S. m. 1. Porco novo; bácoro, bacorinho.

Abonação:

VESTÍGIO DO PASSO DIVINO

“(…)

A ampla sala estava deserta como um hospital de onde houvessem despejado o último varioloso. Sômente o bibliotecário cochilava, a ressonar <bacorescamente>, mergulhado na sua rica poltrona de madeira preta, de espaldar de coiro arroxeadado; (...)”.

(Conto da Prosa: **Mendigos**, in *Obra Completa*, 1960, p. 469)

Notas: Em mais um neologismo o autor consegue uma produção neológica em cadeia. O substantivo *bácoro* recebe o sufixo *-esco*, que forma adjetivo com relação de pertinência com a base + o sufixo *-mente*, normalmente formador de advérbio de modo, segundo Bechara (1989). Toda essa seqüência altamente previsível pela estrutura da língua. Neste contexto estamos frente a uma questão que estigmatiza o funcionário público nos departamentos de atendimento direto como um indivíduo preguiçoso e acomodado. Isso se constitui como uma referência histórica, que posteriormente pode valer uma pesquisa mais aprofundada com o objetivo de checar se isso se fundamenta, ou se seria apenas preconceito. O nosso próprio autor fora um funcionário público quase toda a sua vida. O sentido desse advérbio neste contexto nos revela um atendente que, além de cochilar durante o trabalho, chegava a ressonar (quereria o autor dizer roncar?) à maneira de um *bácoro*; ou seja, de um porco, que está com a barriga cheia, e vivendo seu glorioso e confortável período de ceva; na tranqüilidade, conforto e segurança do seu ambiente de trabalho.

Sentido: de modo semelhante a um porco na ceva.

013- BEIRA-CÉU (adv.); (1 oc. em Poesias)

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Morais (1844)
Beira	s. f. (do Fr. <i>berge</i>) deriv. Do teutonico <i>berg</i> , (eminência, pequena altura) Borda, ribanceira, orela do mar, do rio. Fig. Margem, aba do telhado, as telhas que saem fora do corpo do edifício. (Tomo I, p. 302).
Céo/céu	s. m. (do Lat. <i>coelus</i> , <i>i</i>) A região etérea. fig. O lugar, onde está Deus, e os Bemaventurados. (Tomo I, p. 414).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Vieira (1871)
Beira	s. f. (Da baixa latinidade <i>beria</i> , campo plano.) Borda, extrema, aba, orla; riba, ribanceira, ourela, margem, ponta. (Vol. I, 1871, p. 749).
Céo/céu	s. m. (Do latim <i>coelum</i> , que está por uma antiga forma <i>koilom</i> , que se liga ao grego <i>koilos</i> , cavo, ambas as quaes supõem uma forma greco-italica, <i>kavilos</i> , de <i>kavilos</i> , da mesma raiz que <i>cavus</i>). Espaço que vemos em fôrma de abóboda, estendido por cima das nossas cabeças e circumscripito pelo horizonte. (Vol. II, 1873, p. 170).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Houaiss (2001) - DE
Beira	☐ substantivo feminino 1 parte que circunscreve os limites (de qualquer coisa); beirada, borda, aba 2 ponto em que a água de rio, lago, mar etc. se encontra com a terra; borda, margem, orla 3 área adjacente, espaço vizinho; cercania, circunvizinhança (tb. us. no pl.)
Céu	☐ substantivo masculino 1 espaço onde se localizam e movem os astros 2 parte desse espaço, visível pelo homem limitada pelo horizonte; firmamento, abóboda celeste. 3 Rubrica: religião. local onde habitam Deus, os anjos, os bem-aventurados e as almas dos justos

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Ferreira (1999) - AE
Beira	[De or. incerta.] S. f. 1. Borda, margem, orla. 2. Proximidade, vizinhança
Céu	[Do lat. <i>caelu</i> .] S. m. 1. Espaço ilimitado e indefinido onde se movem os astros. 2. O espaço acima de nossas cabeças, limitado pelo horizonte; firmamento. 3. A parte superior de uma armação; dossel, sobrecéu. 4. Região para onde, segundo as crenças religiosas, vão as almas dos justos. 5. Qualquer lugar onde se possa ser feliz; paraíso.

Abonação:

XII

“(…)

Escuto o céu à <**beira-céu**>. No ar

Nada mais há que silêncio e luar.

(…)”.

(Poema do livro: **Dona Mística**, in *Poesia Completa*, 2001, p. 190)

Notas: o autor (re)- cria a expressão composta a partir da expressão preexistente beira-mar, também usada pelo autor à página 188. Coloca-se, assim, um sentido que marca finitude no céu como se tem na terra, se transformando, pois, num neologismo semântico de

comparação. É como se o céu fosse uma entidade finita podendo ser comparado ao mar, que possui limites. Criando um advérbio de lugar com a capacidade de nos dar a impressão de que o céu e a terra possuem uma orla que os une, e que nós poderíamos ir até lá para refletir nossos estados de alma e de espírito. Percebe-se a obsessão do autor com o mar e o céu, como no poema *Ismália*, contracenando o sentido visual e o auditivo. Transporta-nos a um céu limitado, onde se pode situar suas fronteiras, como pontos definidos na terra, e com as bordas unidas à terra.

Sentido: fronteira do céu com a terra.

014- CHARLATANIZAR (v.); (1 oc. na Prosa)

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Moraes (1844)
Charlatanear	v. n. Charlar, palrar como o charlatão, futilmente, no que não sabe; mas inculca saber, para impor. (Tomo I, p. 426).
Charlatão	s. m. (do Fr. <i>charlatam</i> , do Ital. <i>charlatano</i>). O falador impostor que se vende por erudito; o que inculca drogas de muito prestimo, e segredos de medicina, e artes. Fig. Diz-se, como adj. de todos os que vendem, inculção mentiras sabias. (Tomo I, p. 426).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Vieira (1871)
Charlatanear	v. a. (De charlatão, como <i>sermonear</i> , de <i>sermão</i> , etc.) Charlar, palrar como o charlatão, futilmente, no que não sabe, mas inculca saber, para impor. (Vol. II, 1873, p. 197)
Charlatão	s. m. (Do italiano <i>ciarlatano</i> , de <i>ciarlare</i> , palrar; vid. Charlar). Operador ambulante que anda vendendo drogas, e para este efeito sobe geralmente a cima de uma meza, banco ou tablado nas praças publicas, e nas feiras, encarecendo ao povo a virtude dos seus remédios. (Vol. II, 1873, p. 197).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Houaiss (2001) - DE
Charlatanear	verbo transitivo direto e intransitivo agir como charlatão; usar dos métodos próprios dos charlatões
Charlatão	□ adjetivo e substantivo masculino 1 que ou aquele que se apresenta nas praças ou nas feiras para vender drogas e elixires reputados milagrosos, seduzindo o público e iludindo-o com discursos e trejeitos espalhafatosos (diz-se de mercador ambulante) 2 Derivação: por extensão de sentido. que ou aquele que se diz possuidor de remédios infalíveis (diz-se de curandeiro) 3 Derivação: por extensão de sentido. Uso: pejorativo. diz-se de ou pessoa muito esperta que, ostentando qualidades que realmente não possui, procura auferir prestígio e lucros pela exploração da credulidade alheia; mistificador, trapaceiro, impostor.

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Ferreira (1999) - AE
----------------	--

Charlatanear	[De charlatão + -ear2.] V. int. 1. Proceder como charlatão. 2. Exibir modos de charlatão; falar como charlatão.
Charlatão	Do it. <i>ciarlatano</i> .] S. m. 1. Vendedor público de drogas, cujas virtudes apregoa com exagero. 2. Explorador da boa-fé do público. 3. Impostor, embusteiro, trapaceiro.

Abonação:

PUDOR, PUNDUNOR

(Página escrita em 1908)

“(…)

Pelo nosso congresso federal, de onde que de mais vulto tem espadanado a flux são as sarabandas pessoais, que nada interessam ao bem público, podemos imaginar qual a solenidade dos parlamentos congêneres de povos civilizados.

O impudor invadiu também a ciência, que se <charlataniza> de cambulhada com as artes.

“(…)”.

(Conto da Prosa: **Mendigos**, in Obra Completa, 1960, p. 442)

Notas: O artista-poeta (aqui, seria um sátiro?) forma, como de outros momentos, o verbo a partir da base substantiva. Embora exista o verbo *charlatanear* em todos os dicionários consultados guardando uma idéia sinonímica, o autor parece conseguir superá-lo. Isso se explica porque apesar de todo o mau-caratismo do sentido da base, o autor ainda consegue, neste contexto, dar sentido enfático muito maior do que se tivesse usado a palavra que já estava disponibilizada pela língua. Retrata com perfeição os políticos do nosso país como se fora um fotógrafo de todos os tempos e com onisciência. (É impressionante o caráter vanguardista e profético que possui um artista! Ele jamais poderá ser visto como um homem comum, porque possui mesmo mais olhos, mais ouvidos e, é, infinitas vezes, mais reflexivo). Neste contexto, ele desnuda o político do seu tempo (ou de todos os tempos?) no que se refere ao bem público, comum, de comunitário; e ainda mostra a indecência com que eles tratam a ciência e as artes trapaceando e explorando a credulidade e a boa-fé daqueles que tem sonhos e esperanças. Os políticos, neste país, têm o poder de iludir, trapacear, enganar para seu próprio benefício, conseguindo levar vantagem até sobre a ciência e as artes.

Sentido: trapacear.

015- CLANGOROSA (adj.); (1 oc. na Prosa)

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Moraes (1844)
Clangor	s. m. (do Lat.) Som forte da trombeta. (Tomo I, p. 445)

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Vieira (1871)
Clangôr	s. m. (Do latim <i>clangor</i>). Som de trombeta. (Vol. II, 1873, p. 244)
Clangôso	<i>adj.</i> Que imita o som de uma trombeta. (Vol. II, 1873, p. 244).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Houaiss (2001) - DE
Clangor	substantivo masculino som forte, estridente, como o de alguns instrumentos metálicos de sopro (trombeta, trompa etc.)
Clangorar	verbo intransitivo 1 soar com clangor

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Ferreira (1999) - AE
Clangor	(ô). [Do lat. <i>clangore</i> .] S. m. 1. Som rijo e estridente como o de certos instrumentos metálicos de sopro, como, p. ex., a trompa e a trombeta:
Clangorar	De <i>clangor</i> + -ar2.] V. int. 1. Soar com clangor:

Abonação:

PERGUNTA IMPREVISTA

“(…)

No verde idílico da ramagem nemorosa, os pequenos pássaros irrequietos trinam agudamente, cheios de espanto à beira da assombrosa floresta, de onde partem gemidos de rolas magoadas e de sabiás aflitos; é uma bucólica virgiliana, de uma côr mui diferente daquela que orna as paisagens latinas, e muito mais cheia de cânticos de náiades amorosas e de desejos luxuriantes de sátiros selvagens. Pã ornado de plumas multicolores, aparece palrante e alegre como um papagaio de raça real: em vez de flauta, chega aos lábios rubros a inúbia <**clangorosa**>.

(…)”.

(Conto da Prosa: **Mendigos**, in *Obra Completa*, 1960, p. 407)

Notas: O adjetivo clangorosa, formado a partir do substantivo-base *clangor* + *oso*, que quer dizer ‘cheio de’ tem o sentido de uma inúbia (trombeta, segundo o tupi-guarani) com um

som forte e estridente, produzido por Pã – que segundo a mitologia, na tradição greco-latina, representa o deus dos pastores – para marcar sua presença, chamando a atenção de todos para a sua chegada. Este contexto nos remete à bíblia, numa passagem apocalíptica, quando os anjos tocarão suas trombetas para anunciar a exuberante volta de Jesus. Percebemos aqui a intensa musicalidade que perpassa o simbolismo.

Sentido: estridente e glamurosa.

016- CLARINETADO (adj.); (1 oc. na Prosa)

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Moraes (1844)
Clarinete	s. f. (do Ital. <i>clarinette</i>). Instrumento músico, de sopro, espécie de oboé. fig. s. m. o tocador d'este instrumento. (Tomo I, p. 446)

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Vieira (1871)
Clarinetista ou Clarineta	s. f. (Diminutivo de Clarim). Instrumento musico de vento, de palheta. — O que toca esse instrumento. — <i>É um bom clarinete.</i> = A fôrma Clarinete é hoje a mais usada. (Vol. II, 1873, p. 245).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Houaiss (2001) - DE
Clarinete	substantivo masculino Rubrica: música. 1 instrumento de sopro de palheta simples, utilizado em orquestras; clarinete, clarinete 2 m.q. <i>clarinetista</i> (subst.)
Clarinetista	adjetivo e substantivo de dois gêneros Rubrica: música. que ou aquele que toca clarinete

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Ferreira (1999) - AE
Clarinete	(ê). [Do fr. <i>clarinette</i> < it. <i>clarinetto</i> .] S. m. Mús. 1. Instrumento de sopro, de madeira ou de metal, cujo tubo, parcialmente cilíndrico, é dotado de uma palheta simples; 2. Registro de órgão e de harmônio.
Clarinetista	[De clarinete + -ista.] S. 2 g. 1. Tocador de clarinete; clarineta.

Abonação:

CAI A GAROA . . .

(Recordações de São Paulo)

“(…)

Em um sábado, bem o gordo galo do convento não havia ainda <clarinetado> o seu canto estridente, anunciando a vinda da madrugada, lá seguiu frei Martinho, (assim se chamava o astuto irmão que muito seria da homonímia involuntária que tinha com o herói de negregado e torpe o poema), lá seguiu frei Martinho em cumprimento de sua santa missão.

(...)”.

(Conto da Prosa: **Mendigos**, in Obra Completa, 1960, p. 460)

Notas: O autor cria o verbo *clarinetar* a partir de clarineta, e nos presenteia aqui com um neologismo no particípio passado com o sentido do cantar estridente do galo para anunciar a chegada do amanhecer, que colocava frei Martinho com o pé na estrada para a missão do seu dia. A questão da musicalidade simbólica é novamente explorada por vocábulos neológicos que buscam a sonoridade.

Sentido: cantado ou tocado sonoramente.

017- CONCAVEAR-SE (v.); (1 oc. em Poesias)

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Moraes (1844)
Concavidade	s. f. A parte cônica de uma esfera ôca, de uma caverna, barranco. (Tomo I, p. 478).
Côncavo	s. m. Concavidade. (Tomo I, p. 478).
Côncavo	A, adj. (do Lat. <i>concavis</i>) oposto a <i>Convexo</i> . Que parece cavado em redondo como a copa de um chapéu por dentro: o côncavo do Ceu. (Tomo I, p. 478).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Vieira (1871)
Concavár	v. a. (Do latim <i>concavare</i>). Tornar cavo, côncavo. (Vol. II, 1873, p. 372).
Concavidade	s. m. (Do latim <i>concavitate</i>). A parte côncava de um corpo. (Vol. II, 1873, p. 372).
Côncavo	adj. (Do latim <i>concavu</i>). Cavado, vasado, oposto de Convexo. (Vol. II, 1873, p. 373).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Houaiss (2001) - DE
Concavar	□ verbo transitivo direto e pronominal tornar (-se) côncavo
Concavidade	substantivo feminino 1 qualidade ou propriedade do que é côncavo 2 característica de um corpo que apresenta uma cavidade do formato igual ou semelhante a uma seção de esfera
Côncavo	□ adjetivo 1 que apresenta uma parte curva escavada 2 Derivação: por extensão de sentido. cuja superfície apresenta uma parte irregularmente escavada ou reentrante

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Ferreira (1999) - AE
Concavar	Do lat. <i>concavare</i> .] V. t. d. 1. Tornar côncavo

Concavidade	[Do lat. concavitate.] S. f. 1. Qualidade do que é côncavo. 2. Forma côncava. 3. Cavidade, cova, côncavo, depressão
Côncavo	[Do lat. concavu.] Adj. 1. Menos elevado no meio que nas bordas; cavado, escavado.

Abonação:

IX. SONETO CHINÊS

“(…)

<**Concaveia-se**> todo o céu com a áurea umbela

De um mandarim e passa em tudo o morno rastro

Da tonalização fulva e triste e amarela,

(…)”.

(Poema do livro: **Salmos da Noite**, in Poesia Completa, 2001, p.533)

Notas: Nesta criação neológica nosso autor re-cria o verbo *concavar* ofertando-nos o verbo *concavear-se*, que dá-nos a impressão de que assim pode-se perceber com maior nitidez a concavidade ou abóboda do céu como num jogo sinestésico. A sonoridade musical do novo verbo parece ampliar a convexidade do infinito azul. Sinestesia de som, imagem e sensações.

Sentido: de curvar-se de modo mais intenso.

018- CONÇOADAS (s.); (1 oc. em Versos Humorísticos)

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Moraes (1844)
Não consta	xxxxxxx

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Vieira (1871)
Não consta	xxxxxxx

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Houaiss (2001) - DE
Não Consta	xxxxxxx

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Ferreira (1999) - AE
Não Consta	xxxxxxx

Abonação:

XVIII
AO SALVADOR

“Hoje, ouvindo tocar o sino,
 Recordei-me das <conçoadas>
 Que tu me deste, abençoadas
 Em memória do Zé d’Aquino.

Oh portentosas bananas
 De mais que infindo sabor!
 Não há palavras humanas
 Que as defina com fulgor.
 (...)”.

(Poema dos **Versos Humorísticos**, *in* Obra Completa, 1960, p. 579/580)

Notas: Pela ausência de bases ‘semáticas’ para este neologismo ficamos amparados única e exclusivamente pelo contexto, no qual ela se acha inserida para podermos sondar o possível sentido que ela traz consigo. De acordo com Mallarmé, este é o uso exato do símbolo, misteriosamente sugestivo, apenas evocando um objeto, sem dar-lhe um nome exato, despertando a imagem que este objeto simboliza e não o objeto em si. Sugere-nos um presente que lhe fora dado cheio de bênçãos, sabor e refulgência, deixando bem clara as relações sinestésicas que cruzam os sentidos do poeta.

Sentido: presentes agradáveis.

019- DESUMORAR-SE (v.); (1 oc. na Prosa)

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Moraes (1844)
Humør	s. m. (do Lat. <i>humor, oris</i>). § fig. Boa ou má disposição do animo, causada dos humores, que constituem o temperamento, e influem nos costumes do homem, e no seu modo de obrar. (Tomo II, p. 137).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Vieira (1871)
Humor	— Fig: Indole, genio, condição, particularmente quando se dá a conhecer por algum acto exterior. — Boa disposição em que alguém se acha para alguma cousa. (Vol. III, 1873, p. 995).
Humorado	<i>adj.</i> (De humor, com o suffixo “ado”). Que tem humores. Usa-se de ordinário com os advérbios <i>bem</i> , ou <i>mal</i> , tratando-se dos humores corporaes de alguém; tambem significa o bom ou mão gênio de alguma pessoa. (Vol. III, 1873, p. 995).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Houaiss (2001) - DE
Humor	3 Rubrica: medicina. estado afetivo durável que depende da constituição psicofisiológica do organismo como um todo, constituindo o pano de fundo sobre o qual diferentes conteúdos psíquicos tomam uma tonalidade afetiva, p.ex., de irritabilidade, impassibilidade, tristeza etc., que ultrapassa sua ação imediata 4 (1665) Derivação: por extensão de sentido. estado de espírito ou de ânimo; disposição, temperamento
Humorado	□ adjetivo Rubrica: fisiologia. que tem humores; humoroso

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Ferreira (1999) - AE
Humor	(ô). [Do lat. <i>humor, oris.</i>] S. m. 4. Disposição de espírito:
Humorado	[De humor + -ado1.] Adj. Fisiol. 1. Que tem humores; humoroso. Cf. Adj. bem-humorado: 1. Que está de, ou tem bom humor (4).

Abonação:

CARNAVAL

“(…)

Nas cidades grandes (ao contrário do que sucede nessas pobres cidades mineiras onde tenho vivido) a multidão carnavalesca se recruta em tôdas as camadas sociais; ninguém se espantará ao saber que naquele pachola que ali vai, com ares de alfacinha aperaltado, todo polvilhado e cheio de perfumes parasienses, se oculta a sanchesca pança burocrática de um alto funcionário público, financista emérito, que, deixando de parte a Caixa de Conversão, o Convênio e o mais, deseja <desumorar-se> diabòlicamente como um Mefistófelis de arribação, em companhia de farsolas desconhecidos, tufuis anônimos que nem sem máscaras reconheceria.

(…)”.

(Conto da Prosa: **Mendigos**, in *Obra Completa*, 1960, p. 476)

Notas: O autor produz em estágio simultâneo dois verbos que deveriam ser antagônicos. Primeiro, a partir do substantivo *humor* + a terminação *-ar*, ele cria o verbo *humorar*, que seria ‘ter boa disposição de espírito ou de ânimo. Em seguida, o verbo *desumorar-se*, que neste contexto não tem o sentido de ‘perder a disposição de ânimo’, mas sim o sentido de ‘perder a posição compostural, impulsionada pelo aprisionamento aos valores sociais que nos são impostos cotidianamente’. O mascaramento de todo aquele momento produz uma libertação interior de maneira diabólica, não com malignidade, mas um diabo mais livre e autenticamente mais feliz, que vive em busca de liberdade real e alegrias sinceras.

Sentido: desmascarar-se por dentro.

020- DESPUDORIZAR (v.); (1 oc. na Prosa)

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Moraes (1844)
Pudôr	s. m. (do Lat.) Honestidade, modestia, honesta vergonha. (Tomo II, p. 573).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Vieira (1871)
Pudor	s. m. (Do latim <i>pudor</i>). Sentimento de vergonha que se experimenta todas as vezes que se percebe, vê ou faz em publico acções reprehensíveis, taes como as relativas á união dos sexos, ou outra qualquer que attrahe o desprezo das outras pessoas. — Vergonha honesta causada pela apprehensão do que póde ferir a modéstia, a honestidade. Syn: Pudor, decencia. (Vol. IV, 1873, p. 1020).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Houaiss (2001) - DE
Pudor	☐ substantivo masculino 3 vergonha, constrangimento, de base ger. cultural, para falar a respeito ou praticar determinados atos ligados à área da sexualidade, das funções fisiológicas, dos sentimentos íntimos, da afetividade etc.; recato, decência, pudicícia, pundonor. 4 sentimento de vergonha com respeito a atos que ferem as qualidades de caráter de um indivíduo, como a decência, a honestidade, a honra etc.; pejo
Pudoroso	☐ adjetivo 1 relativo a pudor 2 que tem pudor; pudico

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Ferreira (1999) - AE
Pudor	(ô). [Do lat. <i>pudore</i> .] S. m. 1. Sentimento de vergonha, de mal-estar, gerado pelo que pode ferir a decência, a honestidade ou a modéstia; pejo.

	2. P. ext. Este sentimento, ligado a atos ou coisas que se relacionam com o sexo; recato, vergonha, pudicícia
Pudoroso	(ô). [Do lat. <i>pudorosus</i> .] Adj. 1. Que tem, ou em que há pudor. 2. Relativo ao pudor.

Abonação:

PUDOR, PUNDUNOR

(Página escrita em 1908)

“(…)

Esta também se <**despudorizou**>, embora conserve sempre os seus ares circunspectos de outrora, do tempo em que possuía representantes como Sainte-Beuve e Taine, e não êsses que por aí perambulam, obrigados a serem críticos por falta de qualquer tendência criadora, vivendo a assimilar o que já foi dito e a repetir o que por várias vezes se editou.

(…)”.

(Conto da Prosa: **Mendigos**, in Obra Completa, 1960, p.443)

Notas: Neste conto, o autor faz uma crítica severa a todas as imoralidades que atingiram povos e culturas diferentes em todos os setores: políticos, sociais, morais e religiosos. Atinge, também, as ciências e as artes. Quando cria este neologismo verbal terminado em *-izar*, que ressoa muito mais pejorativo do que com apenas *-ar*, ele tem o propósito de dizer da perda da moral, da honra e da honestidade; e das manchas sofridas pela poesia que muitos poetas ‘menores’ macularam-na. Contudo, lembra do trono conquistado pela poesia, quando fora representado por grandes poetas, providos de criatividade e de dom artístico.

Sentido: perder a honra, o pudor e a honestidade.

021- DOIDIVAGAR (v.); (1 oc. na Poesia p.402, e 2 oc. na Prosa p.457 e 472/3)

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Moraes (1844)
Divagár	v. n. (do Lat. <i>divagari</i>) Andar de uma parte para outra, ser vagabundo. § fig. Afastar-se do assumpto, sair fóra da questão. (Tomo I, p. 685).
Dòudo, ou Doido	A, e deriv. (como alg. pronúncia) adj. es. Falto de juízo, louco por doença. § fig. Que usa mal do seu juízo por paixão, imprudência. § fig. Imprudente. § <i>Andar doudo com alguma cousa</i> ; loc. fig. encantado, embellezado. (Tomo I, p. 697).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Vieira (1871)
----------------	---

Divagar	v. n. (Do latim <i>divagari</i>). Andar vagando, errante; vagar, peregrinar por diversas partes, ser vagabundo. Fig: Affastar-se do assumpto. (Vol. II, 1873, p. 1075).
Dôudo ou Dôido	<i>adj.</i> Falto de juízo, louco por doença. — Que usa mal do seu juízo por paixão, imprudência. — Fig: Imprudente — <i>Ficar</i> doudo, endoudecer. (Vol. II, p. 1132)
Vagar (1)	v. — Andar, ocioso, sem officio, serviço, ou emprego. — Ficar livre, desoccupado, em ócio, sem obrigação de serviço, etc. — Vaguear. — Andar errando, sem caminho, ou destino certo. (Vol. V, 1874, p. 871).
Vagar (2)	s. m. Diz-se em opposição a <i>presa</i> , <i>diligencia</i> . (Vol. V, 1874, p. 871).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Houaiss (2001) - DE
Divagar	verbo intransitivo 1 caminhar sem rumo; andejar, vagar, vaguear transitivo direto 2 percorrer, correr intransitivo 3 Derivação: sentido figurado. desviar-se do assunto principal; fazer digressão intransitivo 4 Derivação: por extensão de sentido. falar coisas sem nexo; desvairar, desviar.
Doido	□ adjetivo e substantivo masculino 1 que ou aquele que age insanamente, apresentando sinais de loucura; louco, maluco 2 Derivação: por extensão de sentido. Uso: informal. que ou quem age como doido, de maneira insensata, desajuizadamente
Vagar	□ verbo intransitivo 1 andar sem rumo certo, perambular, vaguear intransitivo 2 movimentar-se ao sabor do vento, das vagas, do acaso transitivo direto 4 percorrer sem destino certo (um lugar, um país, o mundo)

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Ferreira (1999) - AE
Divagar	[Do lat. *divagare, por divagari.] V. int. 1. Andar sem rumo certo; vaguear 2. Sair arbitrariamente do assunto que estava sendo tratado; desconversar
Doido	[De or. controversa.] Adj. 1. Louco, alienado, demente. 2. Que age como doido; extravagante, insensato, imprudente, arrebatado, exagerado
Vagar	[Do lat. <i>vagare</i> .] V. int. 1. Andar sem destino; errar, vagabundear, 2. Espalhar-se, propalar-se, circular 3. Movimentar-se, oscilar sem rumo, ao sabor do vento, das ondas; vaguear 4. Andar passeando.

Abonação:

“(…)

Altivo seguirei, mesmo que o inferno surda

Vazando os olhos fiéis que para a crença reabro.

Pois se a carne pecou toda a minha alma é surda

Ao teu clamor, ao teu <doidivagar> macabro!

(…)”.

(Poema do livro: **Escada de Jacó**, in Poesia Completa, 2001, p.402)

Notas: O autor cria um substantivo composto a partir de duas bases substantivas preexistentes conservando suas cargas semânticas. Entretanto, o sentido contextual vai além de um *perambular* feito um *doido*. O poeta deixa clara a sua indiferença ao clamor ensandecido e errante daquele que pecou, não sendo merecedor do seu perdão. Este vocábulo nos evidencia a loucura e o inconsciente que são características básicas do simbolismo.

Sentido: um vagar enlouquecido e fúnebre do pecador que não será perdoado.

022 - DULCEDO (subst.); (1 oc. em Poesias)

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Morais (1844)
Dulcidão	s. f. ant. (do Lat. <i>dulcedo</i>). Doçura. (Tomo I, p. 700)
Dulcificár	v. a. t. med. Adoçar. (Tomo I, p. 700).
Dulcífico	A, adj. Assucarado, que deixa a boca doce. (Tomo I, p. 700).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Vieira (1871)
Dulcidão	s. f. Termo Antiquado. Doçura. (Vol. II, 1873, p. 1144).
Dulcificante	<i>adj.</i> 2 <i>gen.</i> Que dulcifica, que adoça. (Vol. II, 1873, p. 1144).
Dulcificar	v. act. (Do latim <i>dulcificare</i> , de <i>dulcis</i> , doce, e <i>facere</i> , fazer). Termo de Pharmacia. Tornar doce, adoçar, temperar o amargo, a acidez, a força d’um liquido misturando-o com outro liquido mais doce. (Vol. II, 1873, p. 1144).
Dulcífico	A, <i>adj.</i> Assucarado, que produz an bocca a sensação de doçura, que deixa um gosto adocicado. (Vol. II, 1873, p. 1144).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Houaiss (2001) - DE
Dulcidão	☐ substantivo feminino qualidade do que é doce ou tem doçura
Dulcificante	☐ adjetivo de dois gêneros e substantivo masculino 1 que ou o que dulcifica; adoçante
Dulcificar	☐ verbo transitivo direto 1 tornar doce; adoçar
Dulcífico	adjetivo 1 que é doce; açucarado 2 que dulcifica ou produz doçura

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Ferreira (1999) - AE
Dulcidão	Não Consta
Dulcificante	De dulcificar + -nte.] Adj. 2 g. 1. Que dulcifica.
Dulcificar	De dulci- + -ficar.] V. t. d. 1. Tornar doce; adoçar. 2. Tornar agradável, ditoso, feliz; adoçar
Dulcífico	[De dulci- + -fico.] Adj. 1. Que dulcifica. 2. Que é doce.

Abonação:

LII. Virgem Maria

“Vós que fostes o angélico <**dulcedo**>,

A encher-me o peito de eternal conforto;

Que me mostrastes o divino porto

Onde caminham anjos em segredo;

(...).”

(Poema do livro: **Pulvis**, in Poesia Completa, 2001, p. 442)

Notas: *Dulcedo* é uma palavra latina, que tem o sema de doçura, da qual herdamos todos os seus derivados significativos. Possivelmente o poeta a tenha usado neste poema devido à métrica rítmica que lhe era preciso, além do sentido de que ele recorria para referir-se à Virgem Maria, da sua angelical doçura que dava ao poeta conforto, orientação e guia.

Sentido: doçura.

023- EMPEROLADO (adj.); (1 oc. em Poesias)

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Moraes (1844)
Emperlár	v. a. poet. Adornar de perolas. (Tomo I, p. 727).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Vieira (1871)
Emperlado	<i>part. pass.</i> de Emperlar. Adornado, guarnecido de perolas. (Vol. III, 1873, p. 85).
Emperlar	v. a. (De em, prefixo, e perola). Termo d’antiga Poesia. Ornar, adornar, guarnecer de perolas. (Vol. III, 1873, p. 85).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Houaiss (2001) - DE
Emperlado	Não consta como adj.
Emperlar	☐ verbo transitivo direto e pronominal 1 guarnecer (-se) ou adornar(-se) com pérolas transitivo direto 2 dar forma de pérolas a; perlar

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Ferreira (1999) - AE
Emperlado	Não consta com adj.
Emperlar	[De em-2 + perla + -ar2.] V. t. d. 1. Pôr pérolas em. 2. Dar forma de pérolas a; perlar. 3. Cobrir ou adornar com pérolas. V. p. 4. Ataviar-se com pérolas.

Abonação:

XXXI

“(…)

Tudo me é sonoro e suave:

<**Emperolado**> de sol,

Bate as suas asas de ave

No meu peito um rouxinol.

(…)”.

(Poema do livro: **Pastoral aos Crentes do Amor e da Morte**, in Poesia Completa, 2001, p.312/313)

Notas: Como a nossa língua possui uma base *emperlar*, é bem possível que o autor tenha aumentado o número de sílabas da palavra para atender a uma fidelidade métrica. Ainda assim, podemos perceber o seu estado de alma, revelado em seu poema, que exalta o amor e a morte na crença de que a paz e a tranquilidade serão encontradas por ele na morte, já que em vida carregou sempre um coração cheio de amor que tirara sua paz terrena. Com a morte o encontro do ambiente tão sonhado: paz, e serenidade; e a libertação do seu amor aprisionado no peito, simbolizado pelo rouxinol que bate suas asas para o amor eterno.

Sentido: brilhante como uma pérola.

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Morais (1844)
Emmurchecèr	v. a. Fazer murchar, seccar, perder o viço, e frescòr. (Tomo I, p. 722).
Emmurchecído	p. p. de Emmurchecer. § adj. Murcho, sem graça, sem verdor proprio das plantas em bom estado. (Tomo I, p. 722).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Vieira (1871)
Emmurchecer	v. a. (De em, prefixo, e murcho). Fazer murchar, perder o viço e frescor, seccar. (Vol. III, 1873, p. 77).
Emmurchecido	<i>part. pass.</i> de Emmurchecer. Murcho, sem o verdôr proprio as plantas, às flores. (Vol. III, 1873, p. 77).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Houaiss (2001) - DE
Emurchece	□ verbo transitivo direto, intransitivo e pronominal tornar(-se) murcho; perder a vitalidade, o frescor
Emurchecido	□ adjetivo que (se) emurcheceu; murcho

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Ferreira (1999) - AE
Emurchece	[De e-3 + murcho + -ecer.] V. t. d. 1. Tornar murcho; fazer perder o viço, o frescor; murchece. V. int. 2. Tornar-se murcho; murchar(-se); murchece.
Emurchecido	Não consta como adj.

Abonação:

XXXVII. O Lírio e a Estrela

“(…)

A lua cintilava pelos vales.

Junto ao ribeiro o lírio fenecia...

E <emurhecendo> lentamente o cálix,

Morreu bem antes de amanhecer o dia.

(...)”.

(Poema do livro: **Pastoral aos Crentes do Amor e da Morte**, in *Poesia Completa*, 2001, p.

317)

Notas: Aqui temos um neologismo semântico. O sema primário do vocábulo referia-se a ‘perder o viço, e o frescor’, especialmente para as plantas. Neste contexto, assume um novo sema com o sentido de ‘morte’ – levando o lírio, que representa o poeta, a morrer lentamente

antes de começar a viver a verdadeira vida, que deveria chegar ao amanhecer com sua amada – representada pela estrela, que perdera a vida precocemente, antes do amanhecer do dia.

Sentido: definhando lentamente até à morte.

025- ENGOIVAR (v.); (1 oc. em Poesias)

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Moraes (1844)
Goivo	s. m. Flor vulgar, e bem conhecida. § <i>Goivo de N. Senhora</i> (Leuccion); outra especie (<i>Hesperis, idis.</i>). (Tomo I, p. 99).
Goivo	s. m. ant. (de <i>Gouvir</i>) Gozo, prazer, alegria. (Tomo I, p. 99).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Vieira (1871)
Goivo	s. m. Flôr vulgar. – Goivos <i>amarelos</i> . – Goivos de <i>N. Senhora</i> . — Ant. Contentamento, prazer, alegria, gozo. (Vol. III, 1873, p. 878)

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Houaiss (2001) - DE
Goivo	substantivo masculino 1 m.q. <i>gáudio</i> 2 Rubrica: angiospermas. design. comum a algumas plantas da fam. das crucíferas, dos gên. <i>Cheiranthus</i> e <i>Matthiola</i> , com flores aromáticas e melíferas, nativas da Europa e muito cultivadas como ornamentais 2.1 Rubrica: angiospermas. planta anual (<i>Cheiranthus annuus</i>), de flores brancas ou vermelhas, em racemos compridos, e siliquis deiscentes, com variedades de flores das mais diversas cores; goiveiro 2.2 Rubrica: angiospermas. planta (<i>C. cheiri</i>) com folhas us. como estomáquicas, flores vermelho-acastanhadas, lavadas de roxo, e siliquis eretas, com inúmeras variedades de flores simples ou dobradas, amarelas, azuis, escarlates ou roxas; aleli, goiveiro, goiveiro-amarelo, goivo-amarelo.

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Ferreira (1999) - AE
Aleli	[Do berbere al-`CrC.] S. m. Bot. 1. Planta ornamental da família das crucíferas (<i>Cheiranthus cheri</i>), de flores rubras raiadas de branco, ou amarelas, e cheirosas; 2. A flor dessa planta.
Goivo	[Do lat. <i>gaudiu</i> , 'gozo', 'alegria'.] S. m. Bot. 1. V. aleli.

Abonação:

I. CANÇÃO DE NÚPCIAS

“(…)

Senhora minha, deusa das noivas,

De cauda branca, de brancas luvas,
 Por que de flores roxas <engoivas>
 As tranças negras da cor das uvas?
 (...)”.

(Poema do livro: **Dona Mística**, in Poesia Completa, 2001, p. 182)

Notas: Cria-se o neologismo verbal *engoivar*. O neologismo atende bem a métrica da rima em primeira instância, se fazendo fiel à estética literária. O sentido contextual sugere o ‘enfeitamento’ das tranças negras da noiva com flor de goivo, que é uma flor roxa, sugerindo a viuvez e a tristeza das noivas (os) que se foram desta vida para outra, antes das alegres núpcias terrenas. A musicalidade de Baudelaire se evidencia no todo dessa canção.

Sentido: enfeitar com goivo.

026- ENGUILRLANDAR (v.); (1 oc. na Prosa)

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Moraes (1844)
Guirlanda	s. f. (do Fr.) V. Grinalda, que sign. o mesmo. (Tomo II, p. 119).
Grinállda	s. f. Capella, coroa de flores. (Tomo II, p. 111).
Grináldado	A, adj. poet. Ornado, cingido, coroado com grinalda. (Tomo II, p. 111).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Vieira (1871)
Grinalda	s. f. Capella, coroa de flores. (Vol. III, 1873, p. 923).
Grinaldado	A, <i>adj.</i> Termo poetico. Coroado com grinalda. (Vol. III, 1873, p. 923).
Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Houaiss (2001) - DE
Guirlanda	☐ substantivo feminino 1 m.q. <i>grinalda</i> ('coroa de flores') 2 festão ornamental feito de flores, frutas e/ou ramagens entrelaçadas
Grinalda	substantivo feminino 1 coroa de flores, ramos, pérolas ou pedrarias 2 Rubrica: arquitetura, decoração. m.q. <i>festão</i> 3 Derivação: sentido figurado. antologia literária, ger. de poesia lírica; florilégio 4 Rubrica: termo de marinha.
Grinaldar	☐ verbo transitivo direto 1 pôr grinalda ('coroa') em; engrinaldar transitivo direto 2 Rubrica: arquitetura, decoração. adornar com grinalda
Grinaldado	Não consta como adj.

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Ferreira (1999) - AE
Guirlanda	[Do fr. ant. <i>guerlande</i> (atual <i>guirlande</i>) < it. <i>ghirlanda</i> , 'coroa de flores', <

	provenç. guirlanda, 'coroa de fios d'ouro'; v. grinalda.] S. f. 1. V. grinalda (1). 2. Festão ornamental de flores, frutos ou ramagens.
Grinalda	[Do fr. ant. guerlande (v. guirlanda), com metátese.] S. f. 1. Coroa de flores, ramos, pedraria, etc.; capela, guirlanda. 2. Ornato arquitetônico de folhas ou de flores
Grinaldado	Não consta como adj.

Abonação:

RONDA DE BÊBEDOS

“(…)

E conclui-se a ronda dos bêbedos macrabamente, entre esgares e bamboleios de fantasmas ébrios; o céu de novo <**enguirlanda**> de coroas estelares, como o teto bizantino de uma catedral imane, e norte a sul levantam-se colunas, rematadas em capitéis, que são ramalhetes de astros”.

(Conto da Prosa: **Mendigos**, in Obra Completa, 1960, p.421)

Notas: O autor cria o verbo *enguirlandar* a partir da base *guirlanda*, que quer dizer ‘coroa de flores’. Em seguida, dá-lhe um sema novo de “coroas estelares”. O sentido contextual é de enfeitar com coroas de estrelas o céu que acoberta uma fúnebre ronda de bêbedos.

Sentido: enfeitar com coroas.

027- ENLUARAR (v.); (1 oc. em Poesias)

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Moraes (1844)
Luár	s. m. O clarão da Lua. (Tomo II, p. 267).
Lúa	s. f. ant. Lua. (Tomo II, p. 267).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Vieira (1871)
Lua	s. f. (Do latim <i>luna</i> , syncope de <i>Lucina</i> , nome de Juno ou de Diana; <i>Lucina</i> vem de <i>lucere</i>). Satellite que gyra em volta da terra, e que alumia de noute. (Vol. III, 1873, p. 1344).
Luar	s. m. O clarão da lua. (Vol. III, 1873, p. 1345).
Luã	s. f. Antiga fôrma de Lua. (Vol. III, 1873, p. 1345).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Houaiss (2001) - DE
----------------	---

Lua	substantivo feminino 1 Rubrica: astronomia. o satélite natural da Terra [Para evoluir em volta deste planeta e girar em volta do seu próprio eixo, a Lua gasta cerca de 27 dias e 8 h, motivo pelo qual sempre apresenta à Terra a mesma face.]
Luar	substantivo masculino 1 claridade da Lua que lhe provém, por reflexão, da luz solar 2 luminosidade fraca, difusa, efêmera

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Ferreira (1999) - AE
Lua	[Do lat. luna, por via popular.] S. f. 1. Astr. Satélite da Terra, cuja evolução em torno desta dura cerca de 27 dias e 8 horas, tempo que igualmente gasta para girar em torno de seu próprio eixo. Por essa razão, a face lunar voltada para nós é sempre a mesma. Não tem luz própria, mas reflete a do Sol, de forma diferente, conforme a posição onde se encontra. Tais variações se denominam fases, e podem ser: lua cheia, quando o reflexo da luz solar é feito por toda a superfície visível da Lua; lua nova, quando o Sol ilumina a face lunar oposta à que se apresenta à Terra, não podendo a Lua, assim, refletir para a Terra a luz solar; quarto crescente e quarto minguante, quando só uma parte da superfície visível é iluminada. Não tem atmosfera e sua superfície, seca e muito acidentada, apresenta montanhas e crateras. As regiões planas chamam-se, impr., de mares.
Luar	[Do arc. lār < lat. lunare (adj.), com desnasalação.] S. m. 1. Luminosidade refletida pela Lua ao ser iluminada pelo Sol. 2. O clarão que a Lua espalha sobre a Terra

Abonação:

LIII. Soneto de Neve

“(…)

Do meu imenso Amor a áurea luz movediça

<Enluara-o> todo em um beijo claro de gozo,

Como o sol aclarando as geleiras da Suíça.

(…)”.

(Poema do livro: **Outras Poesias**, in *Poesia Completa*, 2001, p.519)

Notas: A criação do verbo *enluarar* traz neste soneto o sentido de colocar uma luz que ilumina o imenso amor do poeta, colocando-o em plena evidência. O sentido de todo este poema realça a alvura, brancura e transparência dos mais íntimos estados de alma, plenamente sustentados pelo simbolismo, colocando uma luz clareadora sobre o amor sentido, com a idéia de trazê-lo à vista de todos.

Sentido: evidenciar com a luz da lua.

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Morais (1844)
Luár	s. m. O clarão da Lua. (Tomo II, p. 267).
Lúa	s. f. ant. Lua. (Tomo II, p. 267).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Vieira (1871)
Lua	s. f. (Do latim <i>luna</i> , syncope de <i>Lucina</i> , nome de Juno ou de Diana; <i>Lucina</i> vem de <i>lucere</i>). Satellite que gyra em volta da terra, e que alumia de noute. (Vol. III, 1873, p. 1344).
Luar	s. m. O clarão da lua. (Vol. III, 1873, p. 1345).
Luã	s. f. Antiga fôrma de Lua. (Vol. III, 1873, p. 1345).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Houaiss (2001) - DE
Lua	substantivo feminino 1 Rubrica: astronomia. o satélite natural da Terra [Para evoluir em volta deste planeta e girar em volta do seu próprio eixo, a Lua gasta cerca de 27 dias e 8 h, motivo pelo qual sempre apresenta à Terra a mesma face.]
Luar	substantivo masculino 1 claridade da Lua que lhe provém, por reflexão, da luz solar 2 luminosidade fraca, difusa, efêmera

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Ferreira (1999) - AE
Lua	[Do lat. luna, por via popular.] S. f. 1. Astr. Satélite da Terra, cuja evolução em torno desta dura cerca de 27 dias e 8 horas, tempo que igualmente gasta para girar em torno de seu próprio eixo. Por essa razão, a face lunar voltada para nós é sempre a mesma. Não tem luz própria, mas reflete a do Sol, de forma diferente, conforme a posição onde se encontra. Tais variações se denominam fases, e podem ser: lua cheia, quando o reflexo da luz solar é feito por toda a superfície visível da Lua; lua nova, quando o Sol ilumina a face lunar oposta à que se apresenta à Terra, não podendo a Lua, assim, refletir para a Terra a luz solar; quarto crescente e quarto minguante, quando só uma parte da superfície visível é iluminada. Não tem atmosfera e sua superfície, seca e muito acidentada, apresenta montanhas e crateras. As regiões planas chamam-se, impr., de mares.
Luar	[Do arc. <i>lār</i> < lat. lunare (adj.), com desnasalação.] S. m. 1. Luminosidade refletida pela Lua ao ser iluminada pelo Sol. 2. O clarão que a Lua espalha sobre a Terra

Abonação:

XLIV

“(…)

Sob a sombra dos robles e das faias,

Torna-se em gozo a dor e se <enluariza>

Quando, Selene, pelo céu desmaias.

Nessa hora (engano ao luar dos sonhos nossos!)

Ninguém por certo pensará que pisa

A terra que há de sepultar-lhe os ossos...”

(Poema do livro: **Pastoral aos Crentes do Amor e da Morte**, in *Poesia Completa*, 2001, p. 354)

Notas: Neste soneto o autor cria o verbo *enlunarizar*, que atende a medida rítmica, contudo o sentido parece-nos opôr-se a *enlunarar*. Neste contexto, parece que se coloca uma luz para esconder a dor e as tristezas sentidas pela solidão e pela saudade. É uma luminosidade que esconde a dor e os planos feitos para o futuro, sendo, portanto uma luz disfarçadora e não reveladora, como se espera que seja a luz. Podemos perceber que, num contexto simbolista, a luz, assim como o branco, é capaz de guardar sentidos antagônicos, já que pode clarear tanto quanto obscurecer.

Sentido: disfarçar ou esconder.

029 - EPICURIANA (adj.); (1 oc. na Prosa)

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Morais (1844)
Epicúreo	A. adj. Pertencente a Epicuro, ou á sua seita. § <i>Epicureo</i> ; s.m. O que seguia a seita de Epicuro. § fig. Homem voluptuoso, sensual, dado as delicias da mesa, aos prazeres do amor. (Tomo I, p. 787).
Epicurismo	s. m. Seita, doutrina, moral de Epicuro. § fig. Vida sensual, voluptuosa. (Tomo I, p. 787).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Vieira (1871)
Epicureo	A, <i>adj.</i> (Do latim epicurius). Pertencente a Epicuro ou a sua seita; conforme ás opiniões de Epicuro. — S. m. O que seguia a seita de Epicuro. — Por extensão. Homem voluptuoso, sensual, dado ás delicias da mesa, aos prazeres do amor. (Vol. III, 1873, p. 212).
Epicurismo	s.m. (De epicuro, e a terminação eismo). Doutrina de Epicuro e dos epicuristas. — <i>Querer a virtude para seu prazer é cair no epicurismo</i> . — Moral dos epicureos, indagação, pesquisa da volupia, quer no sentido elevado, quer no sentido baixo. — Fig. Vida sensual, voluptuosa. Epicuro era um philosopho grego que fazia consistir nos prazeres o summo bem ou as felicidades, não n’aquelles prazeres dos sentidos e dos vicios, como falsamente lhe imputavam os seus inimigos, mas sim nos do espirito e da virtude. Este celebre philosopho nasceu no anno 34º antes da era do Christo. (Vol. III, 1873, p. 212).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Houaiss (2001) - DE
Epicúrio	☐ adjetivo e substantivo masculino m.q. <i>epicurista</i>
Epicurismo	☐ substantivo masculino 1 Rubrica: filosofia. doutrina do filósofo grego Epicuro (341-270 a.C.) e seus epígonos, caracterizada por uma concepção atomista e materialista da natureza, pela busca da indiferença diante da morte e uma ética que identifica o bem aos prazeres comedidos e espirituais, que, por passarem pelo crivo da reflexão, seriam impermeáveis ao sofrimento incluído nas paixões humanas 2 Derivação: por extensão de sentido. o modo de viver, de agir, de quem só busca o prazer; sensualidade, luxúria 3 Derivação: por extensão de sentido. desregramento de costumes, falta de temperança; devassidão, libertinagem
Epicurista	☐ adjetivo e substantivo de dois gêneros 1 relativo a ou seguidor de Epicuro ou do epicurismo 2 Derivação: sentido figurado. que ou quem procura os prazeres do amor, os deleites sensuais ou gastronômicos

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Ferreira (1999) - AE
Epicúrio	Não consta
Epicurismo	[Do antr. gr. <i>Epíkouros</i> , Epicuro, + -ismo.] S. m. 1. Filos. Doutrina de Epicuro, filósofo materialista grego (341-270 a.C.), e de seus seguidores, entre os quais se distingue Lucrecio, poeta latino (98-55 a.C.), caracterizada, na física, pelo atomismo, e na moral, pela identificação do bem soberano com o prazer, o qual, concretamente, há de ser encontrado na prática da virtude e na cultura do espírito. [É errôneo identificar o epicurismo com o hedonismo.] 2. Sensualidade, luxúria. 3. Saúde do corpo e sossego do espírito.
Epicurista	[De epicurismo + -ista.] Adj. 2 g. 1. Relativo ao, ou que é partidário do epicurismo; epicureu (q. v.). 2. Diz-se de pessoa dada aos deleites da mesa e do amor. S. 2 g. 3. Partidário do epicurismo; epicureu. 4. Pessoa dada aos deleites da mesa e do amor

Abonação:

VESTÍGIOS DO PASSO DIVINO

“(…)

Errando como um sonâmbulo, fui ter à biblioteca pública, que é, em todos os países e sob todos os climas, o ádito menos freqüentado pela sociedade frívola e má dos nossos amaldiçoados dias, sempre enfebreada pelos prazeres coruscantes e rápidos que os teatros e os *bars* lhe proporcionam, na sua perene pose de choldra ateísta e <epicuriana>.

(...)”.

(Conto da Prosa: **Mendigos**, in *Obra Completa*, 1960, p. 469)

Notas: Através da derivação sufixal o autor cria com precisão o neologismo *epicuriana*, acrescentando ao substantivo *epicurio* o sufixo-*ano*, que forma nomes que indicam maneira de pensar; doutrina que alguém segue; seitas; ocupação relacionada com a coisa expressa pela palavra primitiva, de acordo com Bechara (1989). Daí o sentido de uma choldra, ou seja, ralé; gente à toa que segue o epicurismo.

Sentido: referente a pessoas ordinárias, sempre voltadas para a luxúria e para a sensualidade.

030- ESCOMBRAL (adj.); (3 oc. em Poesias) p. 296; 444 e 528

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Morais (1844)
Escombros	Não consta

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Vieira (1871)
Escombros	Não consta

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Houaiss (2001) - DE
Escomb-	elemento de composição antepositivo, do esp. <i>escombro</i> , regr. de <i>escombrar</i> 'desembaraçar de entulhos' (< lat.vulg. * <i>excomborare</i> , der. do celta <i>còmbòros</i> 'amontoamento, obstáculo'); ocorre em cultismos de fins do sXIX em diante: <i>escombrado</i> , <i>escombramento</i> , <i>escombrar</i> , <i>escombreiro</i> , <i>escombros</i>
Escombros	substantivo masculino plural destroços, entulhos

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Ferreira (1999) - AE
Escomb-	Não consta
Escombros	[Do esp. <i>escombros</i> .] S. m. pl. 1. Entulhos, destroços, ruína(s)

Abonação:

(...)

Doce <escombral> de ruínas, montão de ossos,

Carinho angelical das noites tristes!

Urna de padres nossos,

Como estás longe, como perto existes!

(...)”.

(Poema do livro: **Pastoral aos Crestes do Amor e da Morte**, in Poesia Completa, 2001, p.296)

Notas: *Escombros* é uma palavra de origem espanhola, que acabou inserida em nossos dicionários atuais com o significado de ‘destroços’. A partir dela (em esp.) o autor somou o nosso sufixo *-al*, que quer dizer “abundância, aglomeração, coleção”, segundo Bechara (1989). Isso fez com que a palavra ganhasse no contexto o sentido de uma grande quantidade de ossos em decomposição, representando uma realidade que espera por todos nós. Pode até parecer distante, mas é concreta e certa. .

Sentido: grande quantidade de (ossos em decomposição).

031- FLORDELISADO (adj.); (2 oc. em Poesias) p. 226 e 247

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Moraes (1844)
Lírio	s. m. (do Lat. <i>lilium</i> , <i>ii</i>) Flôr de varias especies. § Planta que dá esta flôr. § <i>Lírio branco</i> : açucena: “candor do lírio” § Lírio azul; flôr que tem as cores do íris. (<i>Íris</i> , <i>iridis</i>). (Tomo II, p. 258).
Lis	ant. por <i>lhis</i> , ou <i>lhes</i> . § V. Lis flor. (Tomo II, p. 258).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Vieira (1871)
Liz ou Lis	s. f. Flor, açucena. — <i>Flor</i> de Liz; figura de tres açucenas unidas, a do centro é direita, e as outras duas tem a ponta voltada para fora; distintivo das armas de França. (Vol. III, p. 1330).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Houaiss (2001) - DE
Lírio	substantivo masculino Rubrica: angiospermas. 1.2 planta (<i>Hemerocallis flava</i>) da fam. das hemerocalidáceas, nativa da Europa e de regiões temperadas da Ásia, cultivada em jardins, com folhas lineares, lanceoladas, e flores campanuladas amarelas, em panículas de até 1 m; lírio-amarelo

	1.3 m.q. <i>açucena-branca</i> (<i>Lilium candidum</i>) 1.4 m.q. <i>urucatu</i> (<i>Hippeastrum reginae</i>) 2 a flor dessas plantas; açucena, lis
Lis	substantivo masculino 1 Rubrica: angiospermas. m.q. <i>lírio</i> ('flor') 2 m.q. <i>flor-de-lis</i> ('emblema')

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Ferreira (1999) - AE
Lírio	[Do lat. <i>liliu</i> , com dissimilação; tax. <i>Lilium</i> .] S. m. Bot. 1. O gênero-tipo da família das liliáceas, plantas herbáceas dotadas de bulbo escamoso, folhas verticiladas ou esparsas, flores exuberantes, com perianto de seis segmentos, e fruto capsular. 2. Qualquer espécie desse gênero, todas elas dotadas de belas flores alvas, e que são cultivadas como ornamentais, como, p. ex., a <i>Lilium candidum</i> ou açucena-branca (q. v.).[Há cerca de 100 espécies.] 3. Bot. Qualquer espécime desse gênero, ou a flor dele; lis.[Sin. de 1 a 3: lílio.]
Lis	Do fr. <i>lis</i> , como voc. heráldico.] S. m. Bot. 1. V. lírio (3). 2. Flor-de-lis.

Abonação:

TERCEIRA DOR

IV

“(…)

Sobre a noite dos seus cabelos bastos

O luar resplende: as mãos curam martírios,

E os pés <**flordelisados**> deixam rastos

De fulgor estelar por entre lírios...

(...)”.

(Poema do livro: **Sentenário das Dores de Nossa-Senhora**, in *Poesia Completa*, 2001, p. 225/226)

Notas: O autor faz uso do sufixo – *ado*, que forma adj. de substantivo, com o sentido de “provido ou cheio de” na derivação sufixal, segundo Bechara (1989). A partir disso temos um neologismo derivacional com o sentido contextual de pés similares a uma flor-de-lis, isto é, com três pontas deixando rastos abrilhantados com uma refulgência estelar.

Sentido: semelhantes à flor-de-lis.

032- GAFORINHENTO (adj.); (1 oc. na Prosa)

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Moraes (1844)
Não consta	Não consta

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Vieira (1871)
Não consta	Não consta

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Houaiss (2001) - DE
Não consta	Não consta

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Ferreira (1999) - AE
Não consta	Não consta

Abonação:

ARENGAS E PALAVRÓRIOS

“(…)

Ao sisudo professor segue-se uma senhorita, que é sempre, nos noticiários, galantes e gentilíssima; com a voz primavera, onde pipilam os primeiros pássaros do amor, entoa sem tomar fôlego, uma homilia enluarada por laudares patrióticos, tranqüilamente escrita pelo mais romântico e <gaforinhento> poeta local e por ela decorada com fervor que de ordinário só emprega nas suas orações ou nas cartas ao namorado escolhido.

(…)”.

(Conto da Prosa: **Mendigos**, in Obra Completa, 1960, p.440)

Notas: Com esse neologismo estamos de novo frente a frente com Mallarmé, o signo apenas sugere uma imagem dentro do contexto. É esta a simbologia do mistério simbolista. Tem o sentido de um poeta despreocupado, mas romântico e apaixonado que vale a pena uma senhorita aprender seus poemas para louvar em suas orações e agradar ao namorado ou ao amado. Sugere um poeta relaxado, desligado de si e do mundo, voltado só para o amor e para a paixão, ou, possivelmente trancado na “Torre de Marfim” do simbolismo – expressão utilizada pejorativamente para caracterizar o componente raro, hermético, culto, aristocrático, estilística e psicologicamente requintado da poesia simbolista.

Sentido: despreocupado, relaxado, desligado de si e do mundo, ou fechado no seu eu-profundo.

033- GRAVIBUNDAS (adj.); (1 oc. na Prosa)

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Morais (1844)
Gráve	adj. 2 g. (do Lat. <i>gravis</i> e), Pesado, que deixado a si mesmo busca o centro da terra, ou da sua órbita: v. g. <i>os corpos graves. Som grave, accento grave</i> ; menos alto, e menos forte, que o agudo, e meio ente elle, e o baixo, ou mudo. (Tomo II, p. 109).
Abundar	v. intr. (do Lat. <i>Abundare, ab</i> e <i>Undare</i> inundar) Ter em abundancia, ser abastado. Fig. Neut. Bastar, ser sufficiente; Superabundar, ser demais. (Tomo I, p. 17).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Vieira (1871)
Abundar	v. n. (Do latim <i>abundare</i> , derramar-se como agua; no provençal, <i>abundar, abondar, aundar e aondar</i>). Fig.: Ter abundancia, bastar, affluir, não faltar, apparecer em demasia, apresentar em excesso. (Vol. I, 1871, p. 46).
Abundar	v. a. Abastecer, fertilisar, tornar abundante. (Vol. I, 1871, p. 46).
Abundoso	<i>adj.</i> Abundante, fertil, copioso, exuberante, abastado, farto, cheio. Vid. a sua synonymia em Abundante. (Vol. I, 1871, p. 46).
Grave	— Termo de Musica. Diz-se dos sons que produzem um pequeno numero de vibrações em um segundo, por opposição aos sons agudos que são produzidos por muitas vibrações n'este mesmo intervallo de tempo. (Vol. III, 1873, p. 918).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Houaiss (2001) – DE
Abundante =Abundoso	adjetivo de dois gêneros 1 que existe em grande quantidade ou abundância; copioso; farto 2 que é numeroso, que aparece em grande número
Abundar	verbo transitivo indireto e intransitivo 1 haver, existir em grande quantidade
Grave	adjetivo de dois gêneros e substantivo masculino 1 que ou aquilo que tem peso; que ou aquilo que está sujeito à ação da gravidade 2 Rubrica: acústica, física. diz-se de ou som produzido por ondas de baixa frequência 3 Rubrica: música. diz-se de ou qualquer das notas situadas no registro inferior de certos instrumentos ou da voz de certos cantores; baixo 4 Rubrica: música. diz-se de ou som com frequência lenta

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Ferreira (1999) - AE
Abundante	[Do lat. <i>abundante</i> .] Adj. 2 g. 1. Que tem ou existe em abundância; farto, abundoso 2. Em grande número; numeroso 3. Rico, abastado, abundoso. 4. Fértil, fecundo, abundoso.
Abundar	[Do lat. <i>abundare</i> .] V. int. 1. Existir em abundância, em grande quantidade; superabundar
Grave	[Do lat. <i>grave</i> .] Adj. 2 g. 9. Diz-se do som produzido por ondas de pequena frequência (4). 11. Mús. Diz-se do mais lento de todos os andamentos.

Abonação:

ARENGAS E PALAVRÓRIOS

“(…)

No ponto terminal da sua romaria espera-o o banquete; é então que os brindes se multiplicam assustadorosamente, e as mais graves e <**gravibundas**> vozes salmodiam longas tiradas retóricas, onde o patriotismo flameja onipotente enchendo de vibrações sonoras o ar perfumado pelos pitéus fidalgos.

(…)”.

(Conto da Prosa: **Mendigos**, in Obra Completa, 1960, p.440)

Notas: *Gravibundas* nos parece um composto formado do adj. *grave* (mus.) + o adjetivo *abundante*, com o possível sentido de um som muito grave, num processo de gradação hiperbólica, já que o adjetivo *grave* em estado ‘solo’ já precede o neologismo que nos parece ter o propósito de exagerar a sonoridade das vozes. Outro neologismo com a musicalidade simbólica em evidência.

Sentido: extremamente graves, numa idéia de abundar a gravidade das vozes salmodiantes.

034- HAUSTEANTE (adj.); (1 oc. em Poesias)

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Morais (1844)
Haurir	v. a. poet. (do Lat. <i>haurire</i>) Beber, esgotar, tirar agua da fonte ou poço. (Tomo II, p. 123).
Hausto	p. p. irreg. de Haurir (do Lat. <i>hauctus</i> , a, um) Bebido, esgotado. § s. m. (do Lat. <i>haustum</i> , ou <i>haustus</i> , ûs) poet. Gole, ou golpe de bebida. (Tomo II, p. 123).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Vieira (1871)
Haurir	v. a. (Do latim <i>haurire</i>). Termo de poesia. Beber, esgotar, tirar agua da fonte ou poço. 1.) HAUSTO, <i>part. pass. irreg.</i> de Haurir. 2.) HAUSTO, s. m. (Do latim <i>haustum</i>). Gole, trago, golpe de bebida. (Vol. III, 1873, p. 954).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Houaiss (2001) - DE
Haurir	verbo transitivo direto 2 consumir (algo) inteiramente; esgotar, esvaziar, beber
Hausto	substantivo masculino ato, processo ou efeito de haurir

	1 aspiração longa, profunda; ação de sorver o ar dessa maneira; sorvo 2 porção de ar que se sorve nessa aspiração 3 porção de bebida que se ingere de uma só vez; gole, trago
--	--

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Ferreira (1999) - AE
Haurir	Do lat. haurire.] V. t. d. 1. Tirar para fora de lugar profundo. 2. Esgotar, consumir. 3. Beber; sorver, aspirar
Hausto	[Do lat. haustu.] S. m. 1. Ato de haurir. 2. Trago, gole; sorvo. 3. Sorvo, aspiração

Abonação:

III. SALMOS DA NOITE

“(…)

— Salmo de tédio e dor, <**hausteante**>, negro e eterno,

E no entanto eu te sigo, ó verme luxúria,

E no entanto eu te adoro, ó céu do meu inferno!”.

(Poema do livro: **Salmos da Noite** , in Poesia Completa, 2001, p. 529)

Notas: O verbo *haurir* tem o sentido de retirar do fundo buscando esgotar. Neste contexto, é, talvez, assim que se sente o poeta arrancando do seu interior a dor profunda para encontrar a paz da eternidade. Sugere um esgotamento desgastante e destruidor.

Sentido: que consome o ser do poeta, que está na mais profunda tristeza pela paixão eterna que o destrói.

035- HINAL (s.); (1 oc. em Poesias)

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Moraes (1844)
Hymno	s. m. (do Lat. <i>humnus</i> , <i>i</i> , do Gr. <i>hymnos</i> , cantico) Composição poetica em louvor, e honra dos Deuses; ou de Deus, e seus Santos; § fig. Ode, cantico, religioso, ou em louvor de alguem. (Tomo II, p. 138).
Hymnologia	s. f. Recíta dos hymnos; collecção de <i>hymnos</i> . (Tomo II, p. 138).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Vieira (1871)
----------------	---

Hymnario	s. m. Termo litúrgico, que designa o livro que contém os hinos sagrados. (Vol. III, 1873, p. 999).
Hymno	s. m. (Do latim <i>hymnus</i>). Canção, cântico de Deus, da Virgem ou dos santos. (Vol. III, 1873, p. 999).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Houaiss (2001) - DE
Hinário	substantivo masculino 1 coleção de hinos 2 coletânea de hinos religiosos
Hino	substantivo masculino 1 poema ou cântico composto para glorificar deuses ou heróis 2 na liturgia cristã, cântico de louvor a Deus 3 qualquer dos cânticos do ofício divino, divididos em estrofes, com ou sem rima 4 canto ou poema lírico que é expressão de alegria, de entusiasmo, ao celebrar alguém ou algo 5 canto solene em honra da pátria e/ou de seus defensores 6 Derivação: sentido figurado. louvor, elogio
Hinologia	substantivo feminino arte de recitar, cantar ou compor hinos

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Ferreira (1999) - AE
Hinário	[Do lat. tard. Hymnariu.] S. m. 1. Coleção de hinos. 2. Livro de hinos religiosos
Hino	[Do lat. hymnu < gr. hWmnos.] S. m. 1. Poema ou cântico de veneração, ou louvor, ou invocação à divindade:
Hinologia	[Do gr. hymnología.] S. f. 1. Arte da composição de hinos. 2. Ato de cantar ou recitar hinos.

Abonação:

IV / NOIVA

“(…)

Parece que um <**hinal**> de suaves litanias

Acompanha a tua voz nas palavras que soltas.

Não sabia que assim tão outra voltarias:

Eras de negro olhar, de olhar azul tu voltas.

(…)”.

(Poema do livro: **Dona Mística**, in Poesia Completa, 2001, p. 181)

Notas: Novamente o poeta recorre ao processo de formação de palavras, chamado de derivação sufixal. Ele acresce aqui o sufixo – *al* a um substantivo para formar outro com o

sentido de “noção coletiva ou de quantidade”, conservando a base semântica do vocábulo <hino + al = hinal>. Nesse contexto, fica claro o sentido de um conjunto de hinos de ladainhas suaves.

Sentido: uma grande quantidade de hinos ou canções (de suaves ladainhas religiosas que acompanham a voz da noiva).

036- IMPÉRIAS (s.); (1 oc. na Prosa)

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Moraes (1844)
Imperiál	adj. 2 g. (do Lat. <i>imperialis</i> , e) Pertencente ao Imperador. (Tomo II, p. 151).
Império	s. m. (do Lat. <i>imperium</i> , a). Poder, autoridade do imperante, ou soberano; direitos de que goza. § O territorio, e habitantes, ou súbditos do Soberano, e propriamente dos Imperadores. § fig. Dominio. <i>Imperio</i> ; fig. o dominio forte, grande influencia, ou poder irresistível, que teem em nós as pessoas, a quem somos sujeitos, ou por direito, ou por amor, ou por vontade, ou por reconhecimento de superioridade. (Tomo II, p. 151).
Imperioso	A, adj. (do Lat. <i>imperiosus</i> , a, um) Que manda com imperio, que exige a execução dos seus mandados com suberba. (Tomo II, p. 151).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Vieira (1871)
Imperial	adj. 2 gen. (Do latim <i>imperialis</i> , de <i>imperium</i>). Que pertence a um imperador, ou a um imperio. (Vol. III, 1873, p. 1040).
Império	s. m. (Do latim <i>imperium</i>). Auctoridade, poder. (Vol. III, 1873, p. 1040).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Houaiss (2001) - DE
Imperial	adjetivo de dois gêneros 1 próprio de imperador, imperatriz ou império 2 Derivação: sentido figurado, por analogia. que apresenta magnificência; luxuoso, pomposo 3 (1899) Derivação: sentido figurado. Uso: informal. revestido de autoritarismo; autoritário, imperioso, arrogante 4 Derivação: sentido figurado, por extensão de sentido. de qualidade superior
Império	substantivo masculino 1 poder ou autoridade de um imperador ou de uma imperatriz 2 forma de governo monárquico, cujo soberano tem o título de imperador ou de imperatriz 3 Derivação: por metonímia. a nação assim governada e seus habitantes 4 o período de governo de um imperador 5 domínio soberano efetivo ou influência dominadora; autoridade, comando
Imperioso	adjetivo 1 que manda com energia, sem admitir réplica; que exige obediência; autoritário, dominador, arrogante 2 que demonstra arrogância; altivo, orgulhoso 3 Derivação: sentido figurado. que exerce forte influência, que impele, que obriga; irresistível, impreterível.

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Ferreira (1999) - AE
Imperial	[Do lat. <i>imperiale</i> .] Adj. 2 g. 1. Referente ao império ou ao imperador. 2. Imperioso, arrogante, autoritário.
Império	[Do lat. <i>imperiu</i> .] S. m. 1. Autoridade, comando, domínio. 2. Influência dominadora; predomínio, preponderância
Imperioso	(ô). [Do lat. <i>imperiosu</i> .] Adj. 1. Que manda com império; dominador 2. Soberbo, altivo, arrogante 3. Impreterível, inevitável, irresistível, instante.

Abonação:

CARNAVAL

“(…)

Ah! esses bailes de hoje, cheios de <impérias> avelhantadas, arrastando pelos salões dos clubes carnavalescos a sua beleza fanada que se vai como um sol que não mais volta, — são bem mais horríveis por serem bem mais reais!

(…)”.

(Conto da Prosa: **Mendigos**, in *Obra Completa*, 1960, p. 477)

Notas: A neologização deste substantivo se dá pela alteração do gênero do mesmo, que passa a ser feminino, e sugestiona pelo contexto o sentido de mulheres autoritárias, que estão envelhecidas e perdendo a beleza. . Este sentido apresenta um caráter de vaguidade, característica que também fundamenta o simbolismo.

Sentido: mulheres autoritárias.

037- INCENSORIAL (adj.); (1 oc. em Poesias)

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Moraes (1844)
Censôr	s. m. (do Lat. <i>Censor</i>) (...). Fig. O que crítica, censura obras litterarias. (Tomo I, p. 412).
Censório	A., adj. (do Lat. <i>Censorius</i>) Pertencente a censor, á censura. (Tomo I, p. 412).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Vieira (1871)
Censór	s. m. (Do latim <i>censor</i> , em oska <i>censtur</i> , em sanskrito <i>çanstr</i>). (...). -- An linguagem geral, o que censura o procedimento, as acções, os escriptos d’outros. (Vol. II, 1873, p. 167).

Censório	adj. (Do latim <i>censorius</i> , de <i>censor</i>) Pertencente a censor; relativo á censura. (Vol. II, 1873, p. 167).
----------	---

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Houaiss (2001) - DE
Censor	☐ substantivo masculino 1 na antiga Roma, magistrado que recenseava a população, cuidava da arrecadação dos impostos e era responsável pela manutenção dos bons costumes 2 funcionário público que se encarrega de examinar obras ou realizações de cunho artístico ou cultural, assim como os meios de comunicação de massa, com fins de censura, esp. política e moral (sXV) 3 aquele que aplica a censura 4 m.q. <i>bedel</i> ('chefe')
Censório	adjetivo relativo a censor (subst.) ou a censura

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Ferreira (1999) - AE
Censor	(ô). [Do lat. <i>censore</i> .] S. m. 1. Aquele que censura. 2. Crítico (7). 3. Funcionário público encarregado da revisão e censura de obras literárias ou artísticas, ou da censura aos meios de comunicação de massa: jornais, rádio, etc. 4. Entre os romanos, magistrado que recenseava a população e velava pelos bons costumes.
Censório	[Do lat. <i>censoriu</i> .] Adj. 1. De, ou pertencente ou relativo a censor ou a censura.

Abonação:

LVIII. A PRECE DAS JURITIS

“(…)

Puros e brandos como um domingo de festa.
E Deus, que não ouvira o clamor da floresta,
E que nem contemplava as inúmeras cruzes
Que as árvores ao céu erguiam entre obuzes
Estrondosos, e mil baques de corpos mortos,
Os seios da alma abriu, grande como dois portos,
Para escolher a prece ideal dos passarinhos:
E quando o fogo, a estuar, seguindo outros caminhos,
Ia abraçar o Bosque, amplo, no mesmo abraço,
A procela rasgou as cortinas do espaço,
E tombou, apagando a vermelha fomalha

Da mata extinta, imensa e fúlgida mortalha,
Encandecido, adusto, <incensorial> brasileiro...

Beijam-se as juritis no alto do salgueiro”.

(Poema do livro: **Outras Poesias**, in Poesia Completa, 2001, p. 524)

Notas: O autor promove, mais uma vez, um neologismo derivacional em cadeia. Parte-se de uma base substantiva preexistente *ensor* + o sufixo – *al* + o prefixo – *in*, sofrendo uma derivação sufixal e depois a prefixal, que altera ou nega o sentido do primeiro processo derivativo. Neste ambiente tem o sentido de *sem censura*. Um fogo que destrói vorazmente e não é condenado por ninguém.

Sentido: irresponsável, sem limites e sem penalização aos culpados.

038- INCUBATO (adj.); (1 oc. na Prosa)

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Moraes (1844)
Incubádo	A, p. p. de Incubar, e adj. Chocado, coberto da ave, das galinhas, etc. v. g. óvos incubados: que estão, ou estiverão, a chocar. V. Empolhado, que tem já pinto: <i>ovo</i> incubado, <i>são</i> , <i>choco</i> , <i>gero</i> , ou <i>empolhado</i> . (Tomo II, p. 166).
Incubár	v. a. (do Lat. <i>incubare</i>) Chocar os ovos, cobrir, ou assentar-se a ave sobre a sua postura, ou óvos, para com o calor os empolhar. (Tomo II, p. 166).
Incubo	A, adj. (do Lat. <i>incubo</i> , <i>onis</i> , ou <i>incubus</i> , <i>i</i>) Que se põe por cima como a ave no choco; <i>ave incuba</i> ; a que cobre os ovos no ninho: <i>demonio incubo</i> : que tem cúpula com mulher: é opp. a <i>succubo</i> . (Tomo II, p. 166).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Vieira (1871)
Incubado	<i>part. pass.</i> de Incubar. Chocado, coberto da gallinha, d’uma ave qualquer, ou tirado por incubação artificial. – <i>Ovos</i> incubados. (Vol. III, 1873, p. 1075).
Incubar	v. a. (Do latim <i>incubare</i>). Diz-se da ave que aquece os ovos conservando-os convenientemente sobre elles até os tirar fóra da casca. (Vol. III, 1873, p. 1075).
Incubo	A, <i>adj.</i> (Do latim <i>incubus</i>). Que se põe por cima, como a gallinha sobre os ovos. — <i>Demonio</i> incubo. — Que cobre os ovos no ninho. — <i>Ave</i> incuba. — <i>S. m.</i> Demonio. (Vol. III, 1873, p. 1075).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Houaiss (2001) - DE
Incubado	Não consta como adj.
Incubar	□ verbo transitivo direto e intransitivo 1 fazer chocar ou chocar (ovos), natural ou artificialmente

	transitivo direto 2 manter (ovos, embriões, bactérias etc.), ger. em incubadora, por período determinado e sob condições controladas (de temperatura e umidade, p.ex.), favoráveis ao desenvolvimento e à eclosão transitivo direto 3 trazer, ter em estado latente (uma moléstia)
Incubo	adjetivo 1 que está em posição deitada cobrindo alguma coisa; que se coloca por cima de alguma coisa 1.1 que cobre, que choca os ovos Obs.: p.opos. a <i>súcubo</i> 2 diz-se de pesadelo que, segundo a crença popular, seria provocado pelo demônio, que assume a forma masculina e se apodera das mulheres adormecidas levando-as ao pecado da carne ☐ adjetivo e substantivo masculino 3 (1926) diz-se de ou demônio a que se atribui esses pesadelos ☐ substantivo masculino 4 sonho aflitivo que produz sensação opressiva; pesadelo.

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Ferreira (1999) - AE
Incubado	Não consta como adj.
Incubar	[Do lat. <i>incubare</i>.] V. t. d. 1. Chocar (ovos). 2. Possuir em estado latente. 3. Premeditar, planejar, planear, projetar, predispor:
Incubo	[Do lat. tard. <i>incubu</i>.] Adj. 1. Que se deita sobre algo. S. m. 3. Etnogr. Demônio masculino que, segundo velha crença popular, vem pela noite copular com uma mulher, perturbando-lhe o sono e causando-lhe pesadelos.

Abonação:

CITARPA

II

“Por momentos a sua palidez de virgem que as larvas impuras perseguiram, tornava-se transparente como as pétalas dos lírios brancos, e o bafejo do pudor subia-lhe à fronte repentinamente; outras vezes, uma impudicícia inconsciente agitava-lhe todo o corpo soberano, e Ciparta comprazia-se talvez em possuir dentro de si algum espírito de <incubato>, que lhe acariciava a carne, martirizando-lhe a alma impoluta.

(...)”.

(Conto da Prosa: **Mendigos**, in *Obra Completa*, 1960, p. 404)

Notas: *Incubato* tem neste contexto uma conexão de sentido com *Incubo*, bem definido por Ferreira (1999) como um demônio masculino que perturba o sono e gera pesadelo nas mulheres, porque ele aparece à noite para com elas copular. Por isso, o autor sugere que Citarpa talvez guardasse esse demônio dentro de si e sentisse prazer carnal em tê-lo. Este neologismo tem o sentido de um espírito com um demônio, que tem o poder de despertar a luxúria e ativar os desejos sensuais femininos de maneira lúgubre e torturante.

Sentido: endemoniado (com um demônio no corpo ou em espírito).

039- LIVRAÇOS (s.); (1 oc. na Prosa)

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Morais (1844)
Livrète	s. m. dim. de Livro. (Tomo II, p. 261).
Livraria	s. f. Biblioteca, mesa, ou estante, onde estão os livros. (Tomo II, p. 260).
Livro	s. m. (do Lat. <i>Librus</i> , i) Collecção de cadernos escritos de letra de mão, ou impressa com typos; cosidos, ou soltos em folha. (Tomo II, p. 261).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Vieira (1871)
Livrète	s. m. dim. de Livro. (Vol. III, 1873, p. 1329).
Livraria	s. f. Loja de livros; estabelecimento onde se vendem livros. - Biblioteca; casa com estantes onde se guardam livros. - Collecção, reunião de livros em uma biblioteca. - Profissão de livreiro - Commercio de livros. (Vol. III, 1873, p. 1328).
Livro	s. m. (do latim <i>liber</i>). Collecção de cadernos manuscritos, ou impressos, cozidos e encadernados. (Vol. III, 1873, p. 1329).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Houaiss (2001) – DE
Livralhada	substantivo feminino Uso: informal. grande quantidade de livros; livroxada
Livraria	substantivo feminino 1 estabelecimento onde se vendem livros 2 coleção de livros, de uso particular; biblioteca 3 coleção de determinadas obras ou de determinados autores.
Livro	substantivo masculino 1 coleção de folhas de papel, impressas ou não, cortadas, dobradas e reunidas em cadernos cujos dorsos são unidos por meio de cola, costura etc., formando um volume que se recobre com capa resistente 2 livro (acp. 1) considerado tb. do ponto de vista do seu conteúdo: obra de cunho literário, artístico, científico, técnico, documentativo etc. que constitui um volume [Segundo as normas de documentação da ABNT e organismos internacionais, o livro é

	a publicação com mais de 48 páginas, além da capa.] Obs.: cf. <i>folheto</i> ('publicação não periódica')
--	--

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Ferreira (1999) - AE
Livralhada	[De livro + -alhada.] S. f. Fam. 1. Porção de livros; livroxada.
Livraria	[De livro + -aria.] S. f. 1. Loja de livros. 2. Quantidade mais ou menos considerável de livros.
Livro	[Do lat. <i>libru</i> .] S. m. 1. Reunião de folhas ou cadernos, cosidos ou por qualquer outra forma presos por um dos lados, e enfeixados ou montados em capa flexível ou rígida. 2. Obra literária, científica ou artística que compõe, em regra, um volume. [Dim. irreg. (nesta acepç.): livrete; deprec.: livreco; aum. deprec.: livrório.] 3. Seção do texto de uma obra, contida num tomo, e que pode estar dividida em partes.

Abonação:

VESTÍGIOS DO PASSO DIVINO

“(…)

As estantes também dormitavam, prenhes de <livraços> empoeirados, que ostentavam, no doiramento, no doiramento deslavado dos dorsos, os nomes esquecidos das obras, em versais eretas.

(…)”.

(Conto da Prosa: **Mendigos**, in Obra Completa, 1960, p.469)

Notas: Segundo Bechara (1989), – *aço* é um sufixo que indica aumentativo. Assim o autor pode criar um neologismo dentro de toda previsibilidade da língua. O sentido contextualizado é de estantes abarrotadas de livros grandes cheios de poeira, totalmente esquecidos pelos leitores, (ou seria de grandes livros?).

Sentido: grandes livros que lotavam as estantes.

040- LUSTRALIZAR (v.); (1 oc. na Prosa)

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Moraes (1844)
Lustrál	adj. 2. g. (do Lat. <i>lustralis</i> , e) De purificação, que serve para a lustração, que alimpa de impureza. (Tomo II, p. 270).
Lustrár	v. a. Purificar por meio de aspersões, com as ceremonias da lustração;

	fazer lustração. (Tomo II, p. 270).
Lustrár	v. n. Luzir, resplandecer. (Tomo II, p. 270).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Vieira (1871)
Lustral	<i>adj.</i> 2 <i>gen.</i> (Do latim <i>lustralis</i> , de <i>lustrare</i> , purificar). Termo da Antiguidade. Que serve para a purificação, que serve para a lustração. (Vol. III, 1873, p. 1353).
Lustrar	v. a. (Do latim <i>lustrare</i> , purificar, dar lustre). Purificar por meio d'aspersões, com as cerimônias da lustração; fazer lustração. — Fig.: Dar lustre, alisar; polir, envernizar, engraxar. — Dar brilho. (Vol. III, 1873, p. 1354).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Houaiss (2001) - DE
Lustral	adjetivo de dois gêneros 1 relativo a lustração ('cerimônia de purificação') 2 Derivação: por metonímia. que purifica, invoca proteção, livra de culpas (diz-se de água, aroma, fogo etc.) 3 Derivação: por extensão de sentido. em que se nomeia um recém-nascido (diz-se, p.ex., do dia do batismo cristão) ☐ adjetivo de dois gêneros e substantivo feminino 4 relativo a ou água us. em cerimônias de purificação (esp. aquela com que se benzia um recém-nascido na Roma antiga)
Lustrar	verbo Rubrica: religião. transitivo direto 1 purificar através de fumigações, aspersões etc.; lavar, limpar transitivo direto e pronominal 2 Derivação: por extensão de sentido. livrar(-se) de culpas; expiar, redimir

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Ferreira (1999) - AE
Lustral	[Do lat. <i>lustrale</i> .] Adj. 2 g. 1. Que serve para purificar ou lustrar: banho lustral 2. Diz-se da água do batismo cristão.
Lustrar	[Do lat. <i>lustrare</i> .] V. t. d. 1. Dar brilho ou lustre a; tornar brilhante ou polido; polir 2. Engraxar: lustrar sapatos. 3. Purificar com água lustral. 4. Purificar, limpar.

Abonação:

PERGUNTA IMPREVISTA

“(…)

Espíritos de nequícia, satanizados e torvos, como devem ser aqueles que, perseguindo-nos em vida, tentam apoderar-se da essência imaterial depois da morte, lutam com os anjos

luminosos que em bandos tutelares fazem alas à minha alma, em ascensão para o alto como um raio de sol tomba sobre a terra; a desolação do meu ser entristece a onda crepuscular da tarde. Impregnado de misericórdia, o céu abre diante dos meus olhos aflitos o alfombrado regaço das nuvens: o íris da bem-aventurança resplandece na última esfera que o meu olhar alcança, inacessível para a maior parte dos humanos, abrigo imaculado para onde convergem, com raios de sol ao redor de um halo de luz, as almas dos justos, e das virgens castas, e das inocentes que a água do batismo **<lustraliza>**.

(...)”.

(Conto da Prosa: **Mendigos**, in *Obra Completa*, 1960, p. 406)

Notas: A previsibilidade criadora do poeta, em muitos casos, respeitadora do sema, e apenas acrescentando um sufixo, forma palavras que são consideradas inéditas, e assim permanecem. Nesse ambiente, porém, o sentido fica retido no sema da purificação, que é, também, uma das buscas do simbolismo.

Sentido: purificar as almas dos justos, das virgens castas, e das inocentes que se faz através da água baptismal.

041- MISTERIAL (adj.); (1 oc. em Poesias)

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Moraes (1844)
Mistério ou Mystério	e der. (ort. etym.) s. m. (do Lat. <i>mysterium</i> , em Gr. <i>mystêrion</i> , de <i>myêo</i> , eu inicio nas cousas santas). Tudo aquilo que a razão humana não pôde por si sócompreender, conceber, ou conhecer. § Segundo Religião Christã, dogma, ponto de crença, que aos olhos da nossa limitada razão parece incompatível, e impossível; mas que devemos crer, sendo revelada por Deus. (Tomo II, p. 339).
Misterioso	A, adj. Que contém mysterio. (Tomo II, p. 339).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Vieira (1871)
Misterio, ou melhor, Mysterio	s. m. (Do latim <i>mysterium</i> , do grego <i>mysterion</i> , de <i>mystes</i> , iniciado, <i>myein</i> , iniciar, de <i>mycê</i> , cerrar, fechar). Termo de Antiguidade, Culto secreto no polytheismo, ao qual se não era admittido senão depois d’iniciações successivas. — Por extensão: O que a religião pagã tinha de mais occulto. — Na religião christã, tudo o que é proposto para ser o objecto da fé dos fieis, e que parece contradizer a razão humana, ou estar acima d’esta razão. (Vol. IV, 1873, p. 271).
Misterioso, osa	<i>adj.</i> (De misterio). Relativo aos mysterios religiosos. — Que contém algum mysterio, alguma cousa de occulto. — Que tem o character do mysterio. (Vol. IV, 1873, p. 271).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Houaiss (2001) - DE
Mistério	substantivo masculino 1 Rubrica: história da religião. culto secreto, ao qual não eram admitidos senão os iniciados 2 Derivação: por extensão de sentido. algo que é secreto, escondido, não repartido com outros; segredo 4 Derivação: sentido figurado. algo que é incompreensível, que não se consegue explicar ou desvendar; enigma
Misterioso	adjetivo 1 que se mostra apenas para um pequeno grupo de iniciados; secreto, oculto 2 que contém mistério; enigmático, inexplicável, obscuro 3 que não se entende, sem clareza; confuso, impenetrável, incompreensível 4 não desvendado; desconhecido, inexplicado

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Ferreira (1999) - AE
Mistério	[Do gr. <i>mystérion</i> , pelo lat. <i>mysteriu</i> .] S. m. 1. Ant. Conjunto de doutrinas e cerimônias religiosas que só eram conhecidas e praticadas pelos iniciados; culto secreto 2. Objeto de fé ou dogma religioso que é impenetrável à razão humana. 3. Tudo aquilo que a inteligência humana é incapaz de explicar ou compreender; enigma. 4. Coisa ou elemento oculto, obscuro ou desconcertante; segredo, enigma
Misterioso	(ô). [De mistério + -oso.] Adj. 1. Em que há, ou que envolve mistério; oculto, secreto 2. Inexplicável, enigmático. 3. Estranho, imponderável. 4. Dúbio, suspeito, dissimulado. 5. Que faz segredo de coisas insignificantes.

Abonação:

ESCADA DE JACÓ

“(…)

Para abrigar talvez o coração de um justo,

A vinha do Senhor mostrou-me os cachos de ouro.

No céu, que se prolonga, anda vogando um coro...

Segredo <misterial> do vosso trono augusto!

(...)”.

(Poema do livro: **Escada de Jacó**, in *Poesia Completa*, 2001, p. 409)

Notas: O sufixo – *al*, tantas vezes usado pelo autor, traz mais um adjetivo neológico, que tem o sentido contextual de um segredo cheio de mistério, da existência de um coro no céu, que é um misterioso segredo guardado pelo Senhor, do seu trono.

Sentido: misterioso.

042- PALRANTE (adj.); (1 oc. na Prosa)

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Moraes (1844)
Palrás	v. n. chul. Falar muito. § Parolar para impôr, e enganar. (Tomo II, p. 432).
Palrêiro	A, s. Aquelle, ou aquella que fala muito, e com pouco sisso. (Tomo II, p. 432).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Vieira (1871)
Palrador	s. m. Homem que falla muito, fallador. (Vol. IV, 1873, p. 641).
Palrar	v. n. Termo popular. Fallar muito. — Dar parolas para illudir. (Vol. IV, 1873, p. 641).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Houaiss (2001) - DE
Palrador	adjetivo e substantivo masculino que ou o que palra; falador, tagarela
Palrar	verbo intransitivo 1 articular sons incompreensíveis ou sem sentido intransitivo 2 emitir sua voz (diz-se de papagaio, pega, estorninho e outras aves cujo canto lembra a voz humana); chalrear intransitivo 3 falar muito, sem dizer coisas importantes; tagarelar

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Ferreira (1999) - AE
Palrador	(ô). [De palrar + -dor.] Adj. S. m. 1. Que ou aquele que palra. 2. Tagarela, falador
Palrar	[De falar, com metátese.] V. int. 1. Articular sons vazios de sentido; chalrar. 2. Falar muito; tagarelar, parolar. 3. Conversar, palestrar.

Abonação:

PERGUNTA IMPREVISTA

“(…)

No verde idílico da ramagem nemorosa, os pequenos pássaros irrequietos trinam agudamente, cheios de espanto à beira da assombrosa floresta, de onde partem gemidos de rôlas magoadas e de sabiás aflitos; é uma bucólica virgiliana, de uma côr mui diferente daquela que orna as paisagens latinas, e muito mais cheias de cânticos de naiádes amorosas e de desejos luxuriantes de sátiros selvagens. Pã ornado de plumas multicores, <palrante> e alegre como um papagaio de raça real: em vez de flauta, chega aos lábios rubros a inúbia clangorosa.
(…)”.

(Conto da Prosa: **Mendigos**, in *Obra Completa*, 1960, p. 407)

Notas: *Palrar* é um verbo que tem o sentido de *falar muito*. Ao receber o sufixo – *nte* forma o nome do agente daquela ação. Tudo isso está dentro da previsibilidade permitida da língua, mas é um ineditismo, talvez pelo fato até de usarmos pouco ou muito raramente este verbo. O sentido é linear entre o propósito do sufixo e a base, que tem o sentido neste contexto daquele que é falante e muito. Assim se dá a chegada de Pã, todo enfeitado e alegre.

Sentido: tagarela; falante como um papagaio da raça real.

043- PÊCA (adj.); (1 oc. em Versos Humorísticos)

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Moraes (1844)
Pecar	Fazer-se pèco. (Tomo II, p. 560).
Pêco	s. m. Vicio, que dá nas arvores, e frutos mal vegetados, e quasi seccos. (Tomo II, p. 561).
Pêco	A, adj. Que tem peco. (Tomo II, p. 561).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Vieira (1871)
Pecar	v. n. Tornar-se peco. (Vol. IV, 1873, p. 713).
Peco (1)	s. m. Vicio que costuma dar nas arvores, e fructos mal vegetados, e quasi seccos. (Vol. IV, 1873, p. 716).
Peco (2)	A, adj. Que tem peco. Fig.: Parvo, tolo, néscio. (Vol. IV, 1873, p. 716).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Houaiss (2001) - DE
Pecar	verbo intransitivo tornar-se peco
Peco	adjetivo e substantivo masculino 1 m.q. <i>néscio</i> ('estúpido') ☐ substantivo masculino 2 (a1612) doença dos vegetais que os faz definhar ☐ adjetivo 3 (1789) que pecou; que definhou; enfezado, raquítico 4 que não se desenvolveu

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Ferreira (1999) - AE
Pecar	De peco + -ar2.] V. int.

	1. Tornar-se peco.
Peco	(ê). [De or. incerta.] S. m.
	1. Mal que faz definhar os vegetais; definhamento

Abonação:

XXVIII

SONETO-TELEGRAMA

“(…)

A goela dêle está já tôda seca.

E a língua se lhe torna mais que <pêca>,

Por não mais ser regada com vinho.

Venha trazer-lhe a paz de um bom conforto.

— Santos Óleos e Unção do Excêlso “Porto”,

Senão encontra morto o João Bertinho!

(…)”.

(Soneto dos **Versos Humorísticos**, in *Obra Completa*, 1960, p. 584)

Notas: O adjetivo neológico semântico é, antes de tudo, usado para compor o ritmo melódico do verso na estrofe. Porém, o seu sentido contextual lembra-nos *secura* ou *vício*, baseando-nos nos significados das bases *semáticas*, representando uma língua seca por falta de bebida que já se constituía um vício. Hoje diríamos que João Bertinho é um alcoólatra, no pico máximo da dependência, correndo o risco de morte caso não receba o consolante conforto de um Vinho do Porto..

Sentido: viciada ou em definhamento por falta da bebida.

044- PERFÚMEO (adj.); (1 oc. em Poesias)

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Morais (1844)
Perfumante	p. a. de Perfumar, poet. Que perfuma. (Tomo II, p. 480).
Perfumár	v. a. Dar bom cheiro, queimando perfumes, e aromas, de sorte que o vapor, ou exalação se communique é cousa, que se <i>perfuma</i> . (Tomo II, p. 480).

Perfume	s. m. (do Lat. <i>per</i> , por entre, ao travez, e <i>fumus</i> , fumo) O vapor aromático, exhalado dos aromas, e cousas cheirosas; aroma. (Tomo II, p. 480).
---------	--

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Vieira (1871)
Perfumante	<i>adj. 2 gen.</i> (Part. act. de Perfumar). Que perfuma. (Vol. IV, 1873, p. 762).
Perfumar	v. a. Comunicar bom cheiro, defumar. — Fig.: Espalhar qualquer cheiro bom ou mau. (Vol. IV, 1873, p. 762).
Perfume	s. m. Vapor, fumo aromático; aroma, cheiro odorífero. (Vol. IV, 1873, p. 762).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Houaiss (2001) - DE
Perfumante	adjetivo de dois gêneros que perfuma; perfumado
Perfumar	verbo transitivo direto e pronominal 1 aplicar perfume em (alguém, algo ou si mesmo) transitivo direto 2 dar cheiro perfumado ou agradável a; aromatizar
Perfume	substantivo masculino 1 emanção aromática que exalam certos corpos, esp. as flores 2 qualquer composição odorífera ou preparado aromático 3 substância aromática us. na preparação de iguarias suaves, como licores 4 Derivação: sentido figurado. efeito suave, agradável; doçura

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Ferreira (1999) - AE
Perfumante	[De perfumar + -nte.] Adj. 2 g. 1. Perfumador (1).
Perfumar	[De per- + fumar.] V. t. d. 1. Espalhar perfume em ou sobre; impregnar de aroma. 2. Encher de perfume; tornar odorífero, aromático
Perfume	[Deriv. de perfumar.] S. m. 1. Cheiro agradável e penetrante exalado de uma substância aromática; aroma, fragrância. 2. Produto de preparação caseira ou industrial, feito de essências aromáticas, e us. para perfumar a pele, as roupas, etc.

Abonação:

XXV

“(…)

Porém quem primeiro descobriu o beijo?

Qualquer lábio em flor que, só por diversão,

Osculasse alguém, acaso, sem desejo...

Era em maio: o sol sorriu; doce canção
 Disse o melro; do <perfúmeo> solo,
 A suave rosa ergueu o colo.”

(Poema do livro: **Nova Primavera**, in Poesia Completa, 2001, p. 257)

Notas: O poeta cria novamente um neologismo derivacional quando forma um adjetivo a partir do substantivo, acrescentando o sufixo *-eo*, que tem o sentido de relação, semelhança, ou matéria: <perfum + e + eo = perfúmeo>. O sentido da base é mantido adjetivando o solo. Com isso, o autor sugere o sentido olfativo para perceber o solo perfumado, apresentando relações sinestésicas, do qual a rosa suave nasce ou brota.

Sentido: perfumado ou odorizado.

045- PESTILENCIAR (v.); (1 oc. na Prosa)

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Moraes (1844)
Péste	s. f. (do Lat. <i>pestis</i>) Doença epidêmica contagiosa, mui aguda e de ordinario mortal, causada da contágio do ar inficionado que penetra nos corpos, manifesta-se com bubões, anthazes, etc. e causa grande estrago. § fig. Diz-se de tudo o que traz grande mal, ou é summamente pernicioso. (Tomo II, p. 490).
Pestífero	A, adj. (do Lat. <i>pertifer</i>) Que traz, ou causa peste; pestilencial. (Tomo II, p. 490).
Pestilência	s. f. (do Lat. <i>pestilentia</i>) Peste; contágio da peste. (Tomo II, p. 490).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Vieira (1871)
Peste	s. f. (Do latim <i>pestis</i>). Doença endêmica e contagiosa. — Fig.: Superabundancia, excessiva abundancia de qualquer cousa, que causa prejuizo. (Vol. IV, 1873, p. 786).
Pestifero	adj. (Do latim <i>pestiferum</i>). Pestilencial, que traz ou causa peste, que ocasiona damno grave. (Vol. IV, 1873, p. 786).
Pestilência	s. f. (Do latim <i>pestilentia</i>). Peste, contágio da peste. (Vol. IV, 1873, p. 786).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Houaiss (2001) - DE
Peste	substantivo feminino 1 Rubrica: infectologia. doença infectocontagiosa que se manifesta sob a forma bubônica, pulmonar ou septicêmica, provocada por <i>Bacillus pestis</i> , que é transmitido ao homem pela pulga do rato 2 mal contagioso; pestilência 3 epidemia que acarreta grande mortandade 4 tudo que corrompe física e moralmente 5 coisa funesta 6 excesso de qualquer coisa prejudicial ou danosa
Pestilência	substantivo feminino

	1 doença contagiosa, epidêmica; peste 2 epidemia que acarreta grande mortandade; peste
Pestífero	adjetivo 1 que causa peste 2 Derivação: sentido figurado. que causa dano, que corrompe; nocivo, pernicioso
Pestilento	adjetivo 1 que tem o caráter da peste ou que a lembra 2 que transmite peste; pestífero 3 infectado de peste

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Ferreira (1999) - AE
Peste	[Do lat. <i>peste</i> , 'calamidade', 'flagelo'.] S. f. 1. Doença contagiosa grave; epidemia, pestilência. 2. Qualquer epidemia caracterizada por uma grande mortandade; pestilência 3. Med. Doença infecciosa, essencialmente do rato, causada pelo bacilo de Yersin, e que por meio da pulga se transmite ao homem, assumindo, neste, uma de duas formas: a bubônica (em que há o aparecimento de tumefações ganglionares denominadas, popularmente, bubões), e a pneumônica (que se desenvolve com um quadro clínico típico de pneumonia lobar). A primeira dessas formas é benigna, e a segunda acarreta a morte, praticamente, em todos os casos.
Pestilência	[Do lat. <i>pestilentia</i> .] S. f. 1. Peste (1 e 2). 2. Mal contagioso.
Pestífero	[Do lat. <i>pestiferu</i> .] Adj. 1. Que produz peste; pestilento 2. Fig. Danoso, nocivo, pernicioso, corrutor. S. m. 3. Med. Doente de peste.
Pestilento	[Do lat. tard. <i>pestilentu</i> .] Adj. 1. Que tem o caráter de, ou que é próprio de peste, ou que a lembra: febre pestilenta; cheiro pestilento. 2. Infectado de peste 3. Pestífero (1).

Abonação:

JACINTO

(Recordações de Vila Rica)

“(…)

O diabo soltou uma risada atroz, que <pestilenciou> ainda mais o ambiente sulfureado. Era o primeiro pedido dos novatos. Ali não havia água, único suplício, de resto, infligido aos condenados.

— E cerveja? e vinho? e restilo?

Nada absolutamente.

Como viver no inferno, então?

(...)”.

(Conto da Prosa: **Mendigos**, in *Obra Completa*, 1960, p. 412)

Notas: Jacinto tivera um sonho que estava no inferno. Toda a presvivibilidade deste verbo faz com que o entendamos neste contexto já que está conectado ao sentido do substantivo-base. Tem o sentido de *encher de peste* um dado ambiente, no caso, o próprio inferno. Usa, o autor, do sentido olfativo para descrever o ambiente de cemitério, especialmente, o de sepulturas ou covas com odor de sulfúrio ou enxofre.

Sentido: empestear ou contaminar o ambiente infernal no qual ele se encontrava.

046- PLACITUDE (s.); (1 oc. em Poesias)

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Moraes (1844)
Plácida mente	adv. Serena, tranquilamente, brandamente. (Tomo II, p. 503).
Plácido	A, adj. (do Lat. <i>placidus</i>) Quietos, mansos. (Tomo II, p. 503).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Vieira (1871)
Placidamente	adv. (De plácido, com o sufixo “mente”). Socegradamente, serenamente, com placidez. (Vol. IV, 1873, p. 212).
Plácido	adj. (Do latim <i>placidus</i>). Quietos, socegados, mansos. (Vol. IV, 1873, p. 212).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Houaiss (2001) - DE
Placidez	substantivo feminino qualidade de plácido; serenidade
Plácido	adjetivo 1 em que há sossego, serenidade, tranquilidade 2 que é brandos, suave 3 que tem ou revela paz; pacífico

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Ferreira (1999) - AE
Placidez	(ê). [De plácido + -ez.] S. f. 1. Qualidade ou estado de plácido; serenidade, tranquilidade; sossego.
Plácido	Do lat. <i>placidus</i> .] Adj. 1. Sereno, tranquilo 2. Manso, sossegado. 3. Pacífico, brandos

Abonação:

XXV. SEXTA-FEIRA SANTA

“Na Sexta-feira Santa o silêncio profundo

Do céu me envolve todo em mágoa funerária;
 Nem o mais leve sopro alenta os ares: a ária
 Da <placitude> embala os corações no mundo.
 (...)”.

(Poema do livro: **Escadas de Jacó**, in Poesia Completa, 2001, p. 401)

Notas: O adjetivo *plácido*, recebe ao sufixo *-tude*, que de acordo com Bechara (1989, p. 177) forma substantivos derivados de adjetivos indicando nomes de ação ou resultado de ação; estado, ou qualidade. O sentido do neologismo neste contexto refere-se a uma ária capaz de embalar os corações no mundo, tamanha serenidade e mansuetude despertadas pelas reflexões dolorosas da Sexta-feira Santa, sobre a Paixão e Morte de Jesus Cristo, e como isso pode ser assimilado com nossas próprias paixões doloridas. .

Sentido: calma e tranquilidade de uma ária que nos leva à reflexão.

047- POBRINHO (s.); (1 oc. em Poesias)

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Moraes (1844)
Póbre	s. 2. g. (do procedente) O que, ou A que pede pelas portas, o, ou a pedinte. (Tomo II, p. 507).
Póbresinho	A, adj. dim. de Pobre. (Tomo II, p. 507).
Pobréza	s. f. Falta do necessario para a vida. (Tomo II, p. 507).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Vieira (1871)
Pobre	<i>adj.</i> 2 <i>gen.</i> (Do latim <i>pauper</i>). Diz-se d’aquelle que não tem o necessario para viver, que não é rico. (Vol. IV, 1873, p. 817).
Pobresa	<i>s. f.</i> Vid. Pobreza. <i>Syn.</i> : Pobreza, <i>indigencia</i> , <i>penúria</i> , <i>inopia</i> . — Pobreza exprime a ideia de ter alguma cousa, porém não o bastante para as necessidades da vida. <i>Indigencia</i> exprime a ideia da carencia do necessario, por estar uma pessoa impossibilitada de o haver, de o ganhar. <i>Penuria</i> exprime a escasez extrema, em que se encontra uma pessoa, ou familia, a quem faltam as cousas mais indispensaveis á vida, que padece fomes, etc. <i>Inopia</i> é a palavra latina que geralmente exprime a falta, a carencia do que é mister, e diz-se das pessoas e das cousas. (Vol. IV, 1873, p. 819).
Pobresinho	A, <i>adj.</i> Diminutivo de Pobre, Muito pobre. — Substantivamente: <i>Um pobresinho</i> . (Vol. IV, 1873, p. 819).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Houaiss (2001) - DE
Pobre	adjetivo de dois gêneros 1 desprovido ou mal provido do necessário; de poucas posses; que não tem recursos próprios 2 que aparenta ou revela pobreza ☐ substantivo de dois gêneros 6 pessoa de poucos recursos

	7 pessoa que pede esmolas; mendigo, pedinte
Pobreza	substantivo feminino 1 estado de pobre 2 falta daquilo que é necessário à subsistência; penúria 3 a classe ou o conjunto dos pobres
Pobrezinho	Não consta o diminutivo, como nos dic. de época.

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Ferreira (1999) - AE
Pobre	[Do lat. <i>paupere</i> .] Adj. 2 g. 1. Que não tem o necessário à vida. 2. Cujas posses são inferiores à sua posição ou condição social. 3. Que revela pobreza
Pobreza	(ê). [De pobre + -eza.] S. f. 1. Estado ou qualidade de pobre. 2. Falta do necessário à vida; penúria, escassez. 3. A classe dos pobres
Pobrezinho	Não consta o diminutivo, como nos dic. de época.

Abonação:

XLVII

“(…)

Mendigo, ancião, <**pobrinho**> que apareça

Neste ponto final do meu caminho,

Há de benzer-me o esquife de mansinho

Com áurea bênção que das auras desça.

(…)”.

(Poema do livro: **Pulvis**, in *Poesia Completa*, 2001, p. 440)

Notas: A criação neológica se faz inédita pelo fato do autor recorrer a um processo de formação de palavras de sua própria criação, ou talvez, de uso popular, para atender às necessidades métricas e melódicas de seus versos na estrofe. O resultado é inusitado por não ser uma *abreviação* – processo redutivo, no qual se retiram sufixos –, e, sim um corte sufixal no interior da palavra: <*pobre*+(-za)+inho = *pobrinho*>. Sem dúvida, a inventividade artística do autor aliada às necessidades estéticas dos versos no poema revela-nos um poeta mergulhado mesmo de alma no seu tempo literário. Podendo, ainda, representar qualquer velhinho pobre (no sentido humilde, misericordioso, e de poucas posses) que passar ao lado do seu caixão poderá benzê-lo ou abençoá-lo com a fé que ele adquiriu ao longo de suas experiências de vida levando-o a alcançar uma aura de glória, luz e perdão.

Sentido: pobre em demasia.

048- REFULGOR (s.); (1 oc. em Poesias)

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Moraes (1844)
Refulgência	s. f. (do Lat. <i>refulgentia</i>) Resplendor do corpo lucido. (Tomo II, p. 630).
Refulgir	v. n. (do Lat. <i>refulgere</i>) Brilhar, lançar luz como os astros, e os corpos polidos. (Tomo II, p. 630).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Vieira (1871)
Refulgência	s. f. (Do latim <i>refulgentia</i>). Brilho, resplendor do corpo luminoso, ou resplandecente. (Vol. V, 1874, p. 153).
Refulgir	v. n. (Do latim <i>refulgere</i>). Resplandecer, brilhar, lançar luz brilhante. (Vol. V, 1874, p. 153).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Houaiss (2001) - DE
Refulgência	□ substantivo feminino qualidade de refulgente; resplendor
Refulgente	adjetivo de dois gêneros 1 que refulge, brilha, resplandece 2 Derivação: sentido figurado. que se distinguiu ou realçou muito; que se sobressaiu muito
Refulgir	verbo intransitivo 1 brilhar com intensidade; resplandecer

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Ferreira (1999) - AE
Refulgência	[Do lat. <i>refulgentia</i> .] S. f. 1. Qualidade de refulgente; resplendor, resplendência.
Refulgente	[Do lat. <i>refulgent</i> .] Adj. 2 g. 1. Que refulge ou resplandece; resplandecente, refúlgido
Refulgir	[Do lat. <i>refulgere</i> .] V. int. 1. Brilhar intensamente; resplandecer; refulgurar 2. Destacar-se pela celebridade, pela glória:

Abonação:

III

(...)

Tive no peito o <refulgor> de um Anjo.

Ainda agora com o meu olhar abranjo

Toda a amplidão serena destes céus...

(..."

(Poema do livro: **Pulvis**, in Poesia Completa, 2001, p. 448)

Notas: O sufixo *-or* acrescido a um verbo indica uma formação substantival de agente (aquele ou aquilo que faz aquela ação acontecer). O verbo *refulgir* dá-nos a base de *refulgor*, que tem o sentido de intenso brilho. A intensa refulgência que um anjo traz cria um grande

brilho aureolar em seu peito, capaz de expandir sua capacidade visual para enxergar com clareza toda a serenidade que nos céus se faz presente.

Sentido: brilho intenso.

049- RUSCINOL (s.); (1 oc. em Poesias)

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Moraes (1844)
Roussinól	s. m. (do Ital. <i>rosignolo</i> , corrupção do Lat. <i>lusciniola</i> , roussinol, pequeno, diminutivo de <i>lucinia</i> , feito segundo alg. etymol. de <i>lux</i> , <i>lucis</i> , luz, dia, ou de <i>lucus</i> , <i>luci</i> , bosque, e de <i>canere</i> , cantar; <i>qui canit sub lucem ou in lucis</i> , que conta ao amanhecer, ou nos bosques) Passarinho bem conhecido, cujo canto é mui agradável. (Tomo II, p. 699).
Rouxinól	V. Roussinol. (Tomo II, p. 699).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Vieira (1871)
Roussinol	s. m. Termo de zoologia. Passarinho bem conhecido, cujo canto é mui agradável. (Vol. V, 1874, p. 345).
Rouxinol	s. m. Vid. Roussinol. (Vol. V, 1874, p. 346).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Houaiss (2001) - DE
Rouxinol	substantivo masculino Rubrica: ornitologia. 1 ave passeriforme, migratória (<i>Erithacus megarrhynchos</i>), da fam. dos muscicapídeos, encontrada na Europa, Ásia e África, cujo canto, melodioso, é emitido pelos machos esp. à noite e durante o período reprodutivo; filomela Etimologia: prov.ant. <i>roussinhol</i> , der. do lat.vulg. <i>*lusciniolus</i> ; f.hist. sXIV <i>rousinol</i> , sXV <i>rousinoes</i> , sXV <i>rroussinoll</i> , a1552 <i>roisinhor</i> , 1616 <i>rouxinol</i> .

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Ferreira (1999) - AE
Rouxinol	[Do lat. vulg. <i>*lusciniolu</i> , pelo provenç. ant. <i>rossinhol</i> .] S. m. 1. Zool. Designação comum a aves passeriformes, turdídeas, gêneros <i>Luscínia</i> e <i>L. megarhyncha</i> , de coloração geral parda com tons ruivos, cabeça mais escura, garganta e peito mais claros, bico quase negro na parte superior e amarelo na inferior. Vive em toda a Europa e numa parte da Ásia central e meridional.

Abonação:

III / RIMANCE DE DONA CELESTE

I

“(…)

— Acaso, acaso a viste,

Meu suave <ruscinol>?

— Ouves a endechas triste?

Bem vês que não vi o sol.

(…)”.

(Poema do livro: **Dona Mística**, in Poesia Completa, 2001, p. 179)

Notas: Possível variante gráfica de rouxinol para melhor atender às necessidades estéticas e criadoras do poeta. Neste contexto, parece-nos indicar um ser soberano, quem sabe o próprio Senhor, que tem o poder de ver, ouvir e saber tudo de nós, independente do nosso controle terreno. Só o Senhor Deus poderia saber tanto dele e dela. Parece-nos um ser onisciente com a capacidade de responder todos os questionamentos e angústias do poeta, já que este ser sabe da sua tormenta noturna.

Sentido: o próprio pássaro rouxinol com o seu labor noturno.

050- SALMODEANTES (adj.); (1 oc. em Poesias)

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Moraes (1844)
Psálmo, ou Sálmo	s. m. (do Gr. <i>psalmós</i> , feito de <i>psallô</i> , eu canto) Hymno á honra do verdadeiro Deus. (Tomo II, p. 572).
Psalmódia, ou Salmódia	s. f. (do Gr. <i>psalmôdia</i> , feito de <i>psalmos</i> , e <i>aéidô</i> , eu canto) Os psalmos do Rei David. § O modo de os cantar nos coros. (Tomo II, p. 572).
Psalmodiár, ou Salmodiár	v. n. Cantar psalmos. (Tomo II, p. 572).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Vieira (1871)
Psalmodear	v. a. Vid. Psalmodiar. (Vol. IV, 1873, p. 1010).
Psalmodia ou Salmodia	s. f. (Do grego <i>psalmôdia</i>). Termo de liturgia. Modo de cantar, de recitar os psalmos. — Fig.: Modo monotono de ler, de declamar. (Vol. IV, 1873, p. 1010). — Diz-se do proprio estylo, quando é muito uniforme, e os sons não são variados. (Vol IV, 1873, p. 1010).
Psalmodiado	part. pass. de Psalmodiar. Termo de liturgia. — Fig.: Lido, declamado, escripto sem inflexão de voz, com monotonia. (Vol. IV, 1873, p. 1010).
Psalmodiar, ou	v. n. Termo de liturgia. Cantar, recitar psalmos ou outras partes do officio

Salmodiar	divino sem inflexão de voz. (Vol. IV, 1873, p. 1010).
-----------	---

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Houaiss (2001) - DE
Salmo	substantivo masculino 1 cântico sagrado dos hebreus, acompanhado por instrumento de cordas ou de sopro 2 Rubrica: religião. cada um dos 150 poemas líricos do Livro dos Salmos no Antigo Testamento, atribuídos, em sua maior parte, ao rei Davi (1015 a.C.-975 a.C.?), e que foram musicados para uso religioso 3 Rubrica: religião. oração em gênero poético, cuja característica é o duplo ritmo, o das palavras e o das idéias, para ser acompanhada pelo saltério.
Salmodia	substantivo feminino 1 maneira própria de cantar ou de recitar os salmos 3 Derivação: por extensão de sentido (<i>da acp. 1</i>). maneira monótona no ler, recitar, declamar 4 Derivação: sentido figurado. estilo literário monótono
Salmodiado	adjetivo que se apresenta como salmo
Salmodiar	verbo intransitivo 1 cantar ou recitar salmos sem alterar a inflexão de voz, com pausas marcadas transitivo direto e intransitivo 2 Derivação: sentido figurado. cantar, recitar de modo monótono intransitivo 3 escrever monotonamente; ter estilo enfadonho

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Ferreira (1999) - AE
Salmo	[Do gr. <i>psalmós</i> , pelo lat. tard. <i>psalmu</i> .] S. m. 1. Entre os antigos hebreus, poema religioso para ser acompanhado por qualquer instrumento, de cordas ou de sopro. 2. Rel. Oração em gênero poético, caracterizada por duplo ritmo, o das palavras e o das idéias, para ser acompanhada pelo saltério.
Salmodia	[Do gr. <i>psalmodía</i> .] S. f. 1. Modo de cantar ou recitar salmos. 2. P. ext. Monotonia no ler, recitar ou declamar. 3. Fig. Estilo literário monótono, sem variedade.
Salmodiado	Não consta como adj.
Salmodiar	[De salmodia + -ar2.] V. t. d. 1. Cantar em tom uniforme, com pausas iguais e sem inflexão de voz. 2. Cantar tristemente. V. int. 3. Entoar salmos sem inflexão de voz. 4. Cantar, ler ou recitar monotonamente. 5. Ter estilo monótono.

Abonação:

VI. SONHOS BRANCOS

“(…)

Pomos de amor – teus beijos <**salmodeantes**>,

Que são também os ninhos viajores

Que vão levando o pranto dos amantes

Pelo vácuo de um céu feito de flores.

(…)”.

(Poema do livro: **Salmos da Noite**, in Poesia Completa, 2001, p. 530)

Notas: O verbo *salmodiar* quer dizer ‘cantar hinos sem inflexão de voz’ e, figurativamente, ‘cantar ou recitar de modo monótono’. A partir do sema das bases, o autor cria o adjetivo *salmodiante* com um possível sentido de intervalos de tempo programado, para destacar que aqueles beijos acontecem de formas cíclicas e pausadamente, deixando no poema *Sonhos Brancos* certas lacunas que representam um vazio ou uma espera de algo mais intenso. (Todo o poema fala do noivado – momentos de espera que precede o casamento – e das tão esperadas núpcias.)

Sentido: cíclicos e pausados.

051- SEMILOUCA (adj.); (1 oc. em Poesias)

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Moraes (1844)
Lôuco	A, adj. (do Arab. <i>locção</i>) Sem sis, prudência, juízo, nem discrição; doudo. (Tomo II, p. 266).
Semi	adv. prefixo que se junta aos adj. para denotar que só tem a metade do attributo significado por elles. (Tomo II, p. 739).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Vieira (1871)
Louco	A, adj. Falto de juízo, de discernimento, entendimento; doido. (Vol. III, 1873, p. 1341).
Semi	Prefixo latino que significa <i>metade, meio</i> , e que se antepõe a muitas outras palavras para modificar a sua significação. (Vol. V, 1874, p. 466).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Houaiss (2001) - DE
Louco(a)	adjetivo e substantivo masculino 1 que ou aquele cujo comportamento ou raciocínio denota alterações

	patológicas das faculdades mentais 2 Derivação: por extensão de sentido. que ou aquele cujos atos e palavras parecem extravagantes, desarrazoados
Semi	prefixo culto, do lat. <i>semi-</i> , com equivalente morfossemântico no gr. <i>hemi-</i> , ver; ocorre em lat. tb., por razões fonéticas, como <i>sem-</i> , <i>sim-</i> , <i>sin-</i> , <i>se-</i> e mesmo <i>ses-</i> , com os sentidos de 'meio, metade', 'um meio a mais, uma vez e meia, mais metade'; seu emprego em port. começa no sXVI (com pal. já formadas em lat.), principiando apenas no sXIX a ocorrer em pal. formadas em port., à medida que vai assumindo certa autonomia morfossemântica lexical, com o sentido de 'quase', de 'metade' e de 'um tanto', que às vezes se acumulam numa só pal.; o V.O. registra: " <i>semi-</i> pref. (é seguido de hífen, quando se lhe junta elemento começado por vogal, <i>h</i> , <i>r</i> ou <i>s</i>)", fórmula que no essencial é a de Rebelo Gonçalves (1966); o espectro de emprego deste pref. é potencialmente aberto: <i>semidelirante</i> , <i>semideserto</i> , <i>semidramático</i> , <i>semilimpo</i> , <i>semilógico</i> , <i>semimatemático</i> , <i>semimole</i> , <i>semi-sujo</i> , <i>semiverdadeiro</i> , <i>semivolátil</i> são exemplos, ao acaso, não averbados; note-se que com nomes (adjetivos e substantivos) a form. é muito mais freqüente que com verbos (tipo <i>semicerrar</i> , <i>semidevorar</i> , <i>semidivinizar</i> , <i>semidomesticar</i> , <i>semi-erguer</i> , <i>semifechar</i>).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Ferreira (1999) - AE
Louco(a)	De or. obscura.] Adj. 1. Que perdeu a razão; alienado, doido, demente
Semi	[Do lat. <i>semi-</i> .] El. comp. 1. = 'metade', 'meio', 'um de dois'; 'um tanto': semi-anular, semicilíndrico, semiprecioso, semi-selvagem, semi-eixo.

Abonação:

XXIV. CANÇÃO

“(…)

Vai adejando, e conduz

O seu vôo, <**semilouca**>,

Para o ninho todo em luz

Que existe na tua boca...”

(Poema do livro: **Outras Poesias**, in *Poesia Completa*, 2001, p. 496)

Notas: O autor forma um advérbio de modo composto a partir do prefixo *semi* + o adjetivo *louca* = semilouca, sem o sufixo *mente*. A marca do autor em neologizar dentro dos limites impostos pelo sistema da língua nos revela como ele fora conhecedor de línguas, e não

só da sua. O novo advérbio poderia ser metade louca e metade sana, contudo ele se prende num segundo sentido guardado nas bases de ser *um tanto louco*. Contextualmente, tem o sentido de conduzir um vôo desvairadamente rumo à boca amada para encontrar seus beijos.

Sentido: de maneira um tanto louca (a ave alça um vôo em direção ao ninho iluminado).

052- SETE-ESTRELO (s. comp.); (2 oc. em Poesias) p. 144 e p. 432

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Moraes (1844)
Séteestrello	s. m. vulg. V. Pleiades. (Tomo II, p. 752).
Pleiádas	s. f. pl. (do Gr. <i>pleiades</i> , feito de <i>plein</i> , navegar) t. d'astr. Seis, ou sete estrelas, que estão no signo de Tauro, e que n'outro tempo erão sete, porque uma se fez mui nebulosa: formão a cara do signo alias <i>Hyadas</i> . (Tomo II, p. 505).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Vieira (1871)
Seteestrello	s. m. Termo popular. Vid. Pleiades. (Vol. V, p. 515).
Pleiadas	s. f. plur. (Do grego <i>pleiades</i>). Termo de astronomia. Grupo de seis ou sete estrelas que estão no signo de Tauro. Os poetas dizem que as pleiades eram sete, e faziam-se filhas de Atlas, e Pleione. — Fig.: Reunião de sete pessoas illustres. — Pleiada <i>philosophica</i> ; diz-se dos sete sabios da Grecia. (Vol. IV, 1873, p. 814).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Houaiss (2001) - DE
Plêiade= Plêiada	substantivo feminino 1 reunião de sete pessoas ilustres 2 Derivação: por extensão de sentido. grupo de homens ou de literatos famosos
Sete-estrela	Não consta (nem seteestrela)

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Ferreira (1999) - AE
Plêiade = Plêiada	[Sing. de plêiades.] S. f. 1. Astr. Cada uma das estrelas do aglomerado das Plêiades 2. Fig. Reunião de sete pessoas ilustres. 3. Reunião ou grupo de homens ou poetas célebres, etc.
Plêiades	[Do gr. pleiádos, pelo lat. pleiades.] S. f. pl. Astr. 1. Grupo de sete estrelas visíveis a olho desarmado, que fazem parte do aglomerado galáctico situado na constelação do Touro. [Com cap. Sin., pop.: sete-estrela, sete-cabrinhas.]
Sete-estrela	[De sete + estrela, por estrela.] S. m. Astr. Pop. 1. V. Plêiades.

Abonação:

XIII. ASCETAS

II

“Pudesse eu, pudesse eu viver acima disto,
 Onde... não sei, e nem me importa a mim sabê-lo...
 Em um lugar em que de ninguém fosse visto,
 Envolta a fronte num fulgor de <sete-estrela>.
 (...)”.

(Poema do livro: **Kiriale** , in Poesia Completa, 2001, p. 144)

Notas: É um neologismo semântico. Neste contexto altera a classe morfológica de substantivo para adjetivo e dá-lhe um sentido de brilho ou fulgor sete vezes mais brilhante, dado o conjunto estelar que compõe as plêiades astrais, de um elevado aumento da fulgência que envolve a fronte do poeta, que gostaria de viver num plano astral acima da visão de qualquer pessoa.

Sentido: septúplice mais brilhante (sete vezes mais brilhante).

053- SMARTIZAR (v.); (1 oc. na Prosa)

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Moraes (1844)
Não consta	xxxxxxxxxx

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Vieira (1871)
Não consta	xxxxxxxxxx

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Houaiss (2001) - DE
Não consta	xxxxxxx

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Ferreira (1999) - AE
Não consta	xxxxxxxxxx

Abonação:

DO RIACHO DO VENTO
I
SONÊTO MUITO EM SEGRÊDO

“(…)

Que a salvamento Deus, que é bom, me leve.

Preciso de alentar as minhas banhas

E <smartizar> meu passo de almocreve

Nessas ruas amplíssimas, tamanhas...

(...)”.

(Soneto dos **Versos Humorísticos**, in *Obra Completa*, 1960, p. 587)

Notas: *Smarten* é um verbo da língua inglesa que significa, também, *apressar-se*. O autor o insere em nossa língua não como estrangeirismo, mas fazendo-o sofrer um processo de ‘aportuguesamento’ com a adição do sufixo verbal – *izar*. Ainda assim, o autor respeita o sema da base na língua de origem e apenas cria mais um vocábulo para presentear o leitor. O contexto dá-lhe o sentido de *agilizar* o passo do poeta, considerado lento, devido ao ambiente pequeno e limitado em que ele sempre vivera (no caso Mariana/MG). Seu ritmo é comparado ao de um almocreve, ou seja de um condutor de bestas de carga; por isso muito lento. Ao se encontrar no Rio de Janeiro se sentia pequenino, diante até mesmo das ruas amplas que pareciam exigir passos mais ligeiros que os seus, para conseguir chegar a algum lugar na *tal* cidade grande.

Sentido: apressar o ritmo do passo do poeta.

054- SUDARIZAR (v.); (1 oc. na Prosa)

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Moraes (1844)
Sudário	s. m. (do Lat. <i>sudarium</i> , que propriamente significa lenço, pano que serve de limpar o suor) O pano de limpar o suor. § <i>O santo sudário</i> , aquelle pano em que se representa a figura de Christo ferido, e atormentado, e se mostra nos sermões de sexta feita santa. (Tomo II, p. 793).
Sudéiro	s. m. ant. Sudário, toalha, ou lenço de limpar o suor. (Tomo II, p. 794).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Vieira (1871)
Sudario	s. m. (Do latim <i>sudarius</i>). O pano de alimpar o suor. — <i>o santo sudário</i> : aquelle pano em que se representa a figura de Christo ferido, e atormentado, e se mostra nos sermões de sexta-feira e Paixão. (Vol. V, 1874, p. 621).

Sudeiro	s. m. Tolha ou lenço de alimpar o suor. (Vol. V, 1874, p. 621).
---------	---

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Houaiss (2001) - DE
Sudário	☐ substantivo masculino 1 pano com que antigamente se limpava o suor e que foi substituído pelo lenço 2 espécie de lençol com que se envolve o cadáver; mortalha 3 véu que se usava na Antiguidade para cobrir a cabeça dos mortos 4 Derivação: por analogia. qualquer coisa que cobre, encobre, oculta 5 tela que representa o rosto ensangüentado de Cristo
Sudeiro	Não consta

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Ferreira (1999) - AE
Sudário	[Do lat. <i>sudarisu.</i>] S. m. 1. Pano com que outrora se limpava o suor. 2. Véu com que, na Antiguidade, se cobria a cabeça dos mortos. 3. Espécie de lençol para envolver cadáveres; mortalha. 4. Tela que representa o rosto ensangüentado de Cristo.
Sudeiro	Não consta

Abonação:

VESTÍGIO DO PASSO DIVINO

“A MELANCOLIA que em certas horas crepusculares nos obriga ao isolamento silencioso do êrmo, <**sudarizando**> as nossas almas pavidamente inquietas, obrigara-me a procurar, numa aspiração louca de ascese, um lugar onde só me cercassem casas desabitadas e companheiros mudos.

(...)”.

(Conto da Prosa: **Mendigos**, in Obra Completa, 1960, p. 469)

Notas: A partir da base *sudário*, o autor cria o verbo *sudarizar*, que contextualizado, dá-nos o sentido de ‘acalmar com uma toalha santificada’ as almas aflitas naqueles momentos críticos ativados pela melancolia, sob a divina presença de Jesus através daquele manto santificado, que traz a divindade do Pai aos filhos necessitados.

Sentido: enxugar o suor do espírito acalentando nossas almas angustiadas.

055- SULFUREADO (adj.); (1 oc. na Prosa)

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Moraes (1844)
Súlfur	s. m. (do Lat. <i>sulfur</i>) V. Enxofre. (Tomo II, p. 795).
Sulfúreo	A, adj. Da natureza do enxofre. (Tomo II, p. 795).
Sulfuròso	A, adj. Sulfureo, enxofrento. (Tomo II, p. 795).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Vieira (1871)
Sulfur ou Sulphur	<i>s. m.</i> (Do latim <i>sulphur</i>). Vid. Enxofre. (Vol. V, 1874, p. 625).
Sulfurado	<i>part. pass.</i> de Sulfurar. Enxofrado, preparado com enxofre.
Sulfureo	<i>A, adj.</i> Da natureza do enxofre. (Vol. V, 1874, p. 625).
Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Houaiss (2001) - DE
Sulfur	substantivo masculino Rubrica: química. m.q. enxofre
Sulfúreo	adjetivo Rubrica: química. relativo a enxofre; sulfurino, sulfuroso 1 em cuja composição entra o enxofre; sulfuroso 2 que tem a aparência (cor, cheiro etc.) do enxofre
Sulfuroso	adjetivo 1 m.q. sulfúreo □ adjetivo e substantivo masculino Rubrica: química. 2 diz-se de ou ácido que contém menos oxigênio que o sulfúrico

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Ferreira (1999) - AE
Sulfur	[Do lat. sElfur ou sElphur, Tris.] El. comp. 1. = 'enxofre': sulfúrico.
Sulfúreo	[Do lat. <i>sulfureu</i> .] Adj. 1. Da natureza do enxofre. 2. Em cuja composição entra o enxofre; sulfuroso
Sulfuroso	(ô). [Do lat. <i>sulfurosu</i> .] Adj. 1. Sulfúreo (2).

Abonação:

JACINTO

(Recordações de Vila Rica)

“(…)

O diabo soltou uma risada atroz, que pestilenciou ainda mais o ambiente <**sulfureado**>. Era o primeiro pedido dos novatos. Ali não havia água, único suplício, de resto, infligido aos condenados.

(…)”.

(Conto da Prosa: **Mendigos**, in *Obra Completa*, 1960, p. 412)

Notas: Há uma crendice popular de que o inferno teria um cheiro de enxofre, por ser um local de expiação e sofrimento ausentado de luz, que provoca uma humidade constante e mal-cheirosa. Neste contexto, o neologismo se adapta bem ao ambiente, reforçando o seu sentido infernal. O autor cria o adjetivo referente ao substantivo-base sem violar o sema da base e presenteando a língua com um novo vocábulo, que equivale a *sulfúreo*, já existente.

Sentido: sulfúreo, ou seja, relativo a enxofre, reforçando o ambiente infernal com um cheiro peculiar.

056- SUPPLICIOSAMENTE (adv.); (1 oc. na Prosa)

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Morais (1844)
Suppliciar	v. a. Punir de pena afflictiva. (Tomo II, p. 799).
Supplício	s. m. (do Lat. <i>supplicium</i> , an acepção de castigo, e que propriamente significa rogativa publica, e em particular as preces que se fazião antes da execução de um criminoso, do verb. <i>supplicare</i>). Castigo, pena afflictiva. (Tomo II, p. 799).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Vieira (1871)
Suppliciar	v. a. Castigar com pena afflictiva. — Dar pena de morte. (Vol. V, 1874, p. 632).
Supplicio	s. m. (Do latim <i>supplicium</i>). Punição corporea ordenada por sentença da justiça; castigo, pena afflictiva. — Fig.: Grande e longo tormento, aflicção.

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Houaiss (2001) - DE
Supliciar	verbo transitivo direto 1 aplicar suplício em; torturar, martirizar transitivo direto 2 punir com a pena de morte; executar transitivo direto 3 Derivação: sentido figurado. fazer sofrer; afligir, torturar, magoar
Suplício	substantivo masculino 1 grave punição corporal ordenada por sentença; tortura, sevícia 2 sofrimento físico intenso provocado propositadamente em um ser, humano ou animal, por crueldade; sevícia 3 sofrimento intenso provocado em um ser humano por técnicas especiais que podem envolver aparelhos esp. desenvolvidos para isso, com o fim de obter revelações ou confissão de crimes, quer tenham sido, quer não, praticados por aquela pessoa; tortura 4 pena de morte 5 execução dessa pena 6 dor física intensa e prolongada 7 Derivação: por extensão de sentido. grande sofrimento moral; aflição intensa e prolongada.

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Ferreira (1999) - AE
Supliciar	[De suplício + -ar2.] V. t. d. 1. Infligir suplício a: Os senhores supliciavam negros escravos. 2. Aplicar a pena de morte a; executar. 3. Torturar, afligir, molestar, magoar.
Suplício	[Do lat. <i>suppliciu</i> .] S. m. 1. Dura punição corporal, imposta por sentença. 2. Pena capital. 3. Execução dessa pena. 4. Fig. Pessoa ou coisa que aflige muito; tortura.

Abonação:

PERGUNTA IMPREVISTA

“(…)

Achava-se agora no inferno, não aquê que imaginara em tempos de infância, — uma enorme cozinha onde os satanases assavam, em caldeirões vermelhos, milhões de danados, deixando-os sentir <**supliciosamente**> os ósculos de fogo das labaredas delgadas, finas como línguas; mas um lugar até certo ponto aprazível, divertido até, pois que os diabos eram de um cômico irresistível, com caras de cabras uns, outros iguais aos macacos, outros ainda do feitio dos sapos, de lunetas, de charuto na boca, o ar gentil. (…)”.

(Conto da Prosa: **Mendigos**, in *Obra Completa*, 1960, p. 412)

Notas: O autor caminha na previsibilidade permitida pela língua, mais uma vez, a trilha de neologizar em cadeia: <*suplicio+oso+mente* = *supliciosamente*>. Respeitando o sema da base o autor gera neologismos, sem violentar nossas estruturas. Neste contexto, o neologismo tem o sentido de sentir *de modo torturante* os beijos das labaredas de fogo.

Sentido: com muito sofrimento (os satanases recepcionavam os danados que chegavam ao inferno).

057- TENORIZADOS (adj.); (1 oc. na Prosa)

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Morais (1844)
Tenòr	s. m. (do Ital.) Voz entre contralto, e contra baixo. § O que canta n’esta voz. (Tomo II, 825).
Tenôr	s. m. Na Índia, espécie de vaso. M. P. e 124. “nos 4 cantos da casa quatro <i>tenores</i> , que levaria cada hum hum quarto, etc.”. (Tomo II, 825).
Tenòr	V. Theor, Estilo. (Tomo II, 825).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Vieira (1871)
Tenor (1)	s. m. Voz de homem entre contralto e contra baixo. (Vol. V, 1874, p. 699).
Tenor (2)	s. m. Na Índia, espécie de vaso. (Vol. V, 1874, p. 700).
Tenor (3)	s. m. Vid. Theor, e Estylo. (Vol. V, 1874, p. 700).
Theor	s. m. (Do latim <i>tenor</i>). O contexto da escriptura. — Theor <i>de vida</i> ; carreira, procedimento, conducta. — Fig.: Modo, maneira, estylo. (Vol. V, 1874, p. 720).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Houaiss (2001) - DE
Tenor	substantivo masculino Rubrica: música. 1 no canto, a voz de homem adulto mais alta, com uma extensão de uma oitava para o dó central

	2 Derivação: por metonímia. cantor que tem este tipo de voz
Tenorino	☐ substantivo masculino Rubrica: música. 1 voz aguda masculina de adolescente 2 tenor ligeiro, que canta em falsete 3 tenor de pequena importância, de poucos recursos

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Ferreira (1999) - AE
Tenor	(ô). [Do it. <i>tenore</i> .] S. m. 1. A mais aguda das vozes masculinas. 2. Homem dotado dessa voz. 3. Mús. Na polifonia medieval, designação da voz mais baixa, a que entoava o tema, i. e., a melodia tirada do canto gregoriano. Adj. 2 g. e 2 n. 4. Diz-se dos instrumentos de sopro cuja tessitura corresponde à da voz de tenor
Tenorino	[Do it. <i>tenorino</i> .] S. m. 1. Tenor ligeiro, que canta em falsete.

Abonação:

FÚNEBRE INAUGURAÇÃO

“A INAUGURAÇÃO de uma fábrica, de uma confeitaria, de um novo teatro, de uma sociedade carnavalesca, ou de uma casa comercial qualquer, é sempre acompanhada por um solene regabofe de secos e molhados, mais ou menos diplomático, em que os rubicundos ou pálidos convidados e comparsas, depois de encherem os respeitáveis ventres, desejam as maiores felicidades ao novo estabelecimento, entre hurras guturais e hipes <tenorizados> e trêmulos.

(...)”.

(Conto da Prosa: **Mendigos**, in *Obra Completa*, 1960, p. 472)

Notas: O autor cria o verbo *tenorizar* a partir de *tenor*, e forma, em seguida, o adjetivo referendado pelo particípio passado do verbo neologizado. Contextualizado, tem o sentido de possíveis aplausos e vivas, produzidos com sons extremamente agudos, como aqueles produzidos por um tenor, para ovacionar a inauguração de um novo estabelecimento comercial.

Sentido: agudizados ou tornados intensos.

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Morais (1844)
Vióla	s. f. (do Lat.) Flôr, aliás violeta, roxa escura. (Tomo II, p. 922).
Violál	s. m. Campo onde ha violas flores. (Tomo II, p. 922).
Violêta	s. f. Flor agreste, ou hortada, roxa. (Tomo II, p. 922).

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Vieira (1871)
Viola	s. f. (Do latim <i>viola</i>). Termo de botanica. Flor, aliás <i>violeta</i> , roxa-escura. (Vol. V, 1874, p. 958).
Violal	s. m. Campo onde ha violas flores. (Vol. V, 1874, p. 958)
Violeta	s. f. Termo de botanica. Flôr agreste, ou hortada, rôxa. Vid. Viola, porém violeta é termo mais usual e proprio. (Vol. V, 1874, p. 959)

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Houaiss (2001) - DE
Viola	substantivo feminino Rubrica: angiospermas. 1 design. comum às plantas do gên. <i>Viola</i> , da fam. das violáceas, que reúne cerca de 400 spp., a maioria de ervas, ger. conhecidas como violeta e com flores vistosas, poucas de subarbustos, nativas de regiões temperadas, esp. do hemisfério norte e dos Andes, cultivadas como ornamentais, como medicinais e para extração de óleos essenciais 1.1 m.q. <i>amor-perfeito</i> (<i>Viola tricolor</i>) 1.2 m.q. <i>¹violeta</i> (<i>Viola odorata</i> , <i>V. cornuta</i>)
Violal	substantivo masculino extenso aglomerado de violetas em determinada área
Violeta	substantivo feminino Rubrica: angiospermas. 1 design. comum às plantas do gên. <i>Viola</i> , da fam. das violáceas, ger. com flores vistosas, cultivadas como ornamentais e tb. conhecidas como viola 1.1 erva (<i>Viola odorata</i>) com folhas orbiculares e cordiformes, flores violáceo-escuras, lilases, ou brancas com calcar violáceo, e cápsulas subglobosas; viola [Nativa da Eurásia à África é muito cultivada como ornamental, com variedades de pétalas simples ou dobradas, pelas raízes e folhas purgativas e vomitivas, e para extração de essência us. em perfumaria.] 1.2 erva (<i>V. cornuta</i>) nativa da Espanha e Pireneus, com folhas ovadas ou cordiformes, flores azuis e cápsulas obtusas, da qual derivam muitas variedades cultivadas como ornamentais; viola 2 flor dessas plantas

Bases Lexicais	Definição do Dicionário – Ferreira (1999) - AE
Viola	[Do tax. <i>Viola</i> (< lat. <i>viola</i>).] S. f. Bot. 1. Grande gênero de plantas herbáceas acaules, ou de caules estolhosos, e de subarbustos, da família das violáceas, de folhas alternas, estipuladas, e flores solitárias, que nascem de pedúnculos, ou de estolhos por vezes ocultos sob a terra, estas últimas com pétalas ou purpúreas, ou amarelas, ou brancas, ou de cores variegadas, tendo corola irregular e que pode ser dotada de esporos. 2. Qualquer espécie desse gênero, como, p. ex., a <i>Viola odorata</i> (v. violeta2). 3. Qualquer espécime desse gênero.
Violal	[Do lat. <i>viola</i> , 'violeta', + -al1.] S. m. 1. Quantidade mais ou menos considerável de pés de violeta2 (1) dispostos proximamente entre si.

Violeta	(ê). [Do lat. <i>viola</i> + -eta.] S. f. 1. Bot. Pequena planta herbácea (<i>Viola odorata</i>) da família das violáceas, de origem européia, muito cultivada pelo valor decorativo e pelo perfume, e que floresce mal em climas quentes. Folhas arredondadas, e cordadas, com longo pecíolo, que parte de um rizoma pequenino; flores isoladas e pequenas, mas vistosas pela coloração, e de um odor peculiar, agradável. 2. Bot. A flor dessa planta. S. m. 3. A cor mais comum da violeta (1), a cor da ametista, etc.; roxo.
---------	---

Abonação:

V. ASPIRAÇÕES SUPREMAS

“(…)

Ser o Cruzado fiel, longe de sua dama,

Que planta <violetais> de mágoas no seu horto!

Ter na desilusão a aurora do conforto,

A clamar pela dor que só morte conclama!

(…)”.

(Poema do livro: **Escadas de Jacó**, in *Poesia Completa*, 2001, p. 391)

Notas: A partir da base *violeta*, que embora seja mais freqüente desde aquele tempo, temos o sinônimo *viola*. De *viola*, temos *violal*, que quer dizer campo de plantação de violas, ou seja de violetas. Num processo assimilativo elementar básico o autor criou-nos *violetal*, que tem no ambiente do poema, o mesmo sentido de *violal*, mas é um neologismo formal inédito. São campos de violetas, que simbolizam, por sua cor predominante – a roxa, as tristezas e as dores de um coração apaixonado. Podemos dizer em luto, como fora o coração do poeta por toda a sua vida, pela morte da noiva amada, que o *enviuvara* ainda na mocidade.

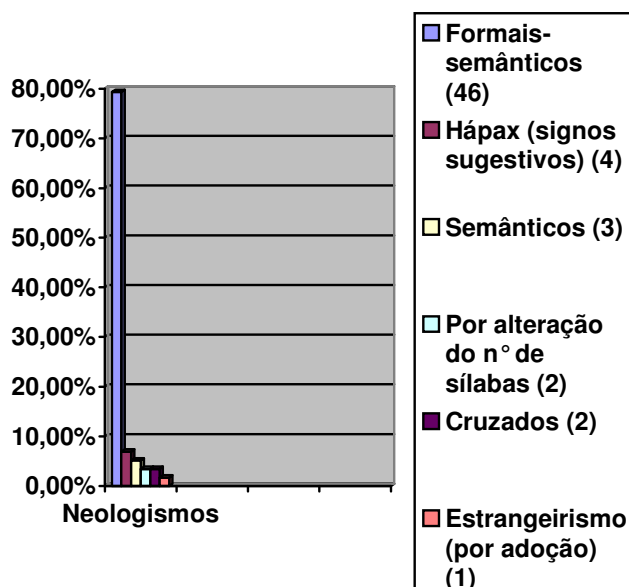
Sentido: campos de violetas.

5.2 Análises

Partimos da hipótese de que todo neologismo formal é também semântico, visto que toda unidade lexical nova guarda em si uma intenção significativa. A partir disso pudemos agrupar todos os neologismos formais encontrados – aliás, a maioria deles – numa primeira classificação que nomeamos duplamente como *neologismos formais-semânticos*. Em segundo lugar, separamos aqueles que foram classificados como *semânticos puros*, sem alteração na forma; em terceiro, *os hápax*, aqueles que não apresentaram referência de base semântica; em quarto, os *neologismos cruzados*, que são os formais de base significativa de outra macrossemiótica que acolheram um afixo da língua portuguesa, resultando num novo vocábulo, formado a partir de dois sistemas lingüísticos diferentes. Em quinto, os neologismos criados *por alteração do número de sílabas* em um vocábulo já existente; e, por fim, os *neologismos por empréstimo*.

Os vocábulos compostos, formados de bases preexistentes, foram, também, classificados como neologismos formais-semânticos, porque não há registros de tais formas nos dicionários eleitos como *corpus* de exclusão.

A partir das pontuações que acabamos de apresentar levantamos os seguintes dados estatísticos, que podem ser visualizados no seguinte gráfico:



Pudemos analisar a partir dos neologismos encontrados que a grande maioria deles são neologismos formais-semânticos. Num total de 58 neologismos registramos que 46 deles, ou seja, 79,31% mantêm o sema das bases, recebendo, com toda previsibilidade permitida pela língua, os afixos marcadores de substantivos, adjetivos, verbos ou até advérbios. São eles:

- 1- Além-céu
- 2- Alfombroso
- 3- Alvinente
- 4- Amantes-defuntos
- 5- Arcangelical
- 6- Argental
- 7- Aromal
- 8- Aromalizar
- 9- Aromalizados
- 10- Aurifranjado
- 11- Aurorizar
- 12- Bacoescamente
- 13- Beira-céu
- 14- Charlatanizar
- 15- Clangorosa
- 16- Clarinetado
- 17- Concavear-se
- 18- Desumorar-se
- 19- Despudorizar
- 20- Doidivagar
- 21- Engoivar
- 22- Enguirlandar
- 23- Enluarar
- 24- Enluarizar
- 25- Epicuriana
- 26- Flordelisado
- 27- Hausteante
- 28- Hinal
- 29- Incensorial

- 30- Incubato
- 31- Livraços
- 32- Lustralizar
- 33- Misterial
- 34- Palrante
- 35- Perfúmeo
- 36- Pestilenciar
- 37- Placitude
- 38- Refulgor
- 39- Ruscinol
- 40- Salmodeantes
- 41- Semilouca
- 42- Sudarizar
- 43- Sulfureado
- 44- Supliciosamente
- 45- Tenorizados
- 46- Violetal

Os hápax, de acordo com Houaiss (2001) e Ferreira (1999), são aquelas palavras que foram usadas uma única vez, numa tomada literária, num documento ou no meio científico. Como não sabemos se estes neologismos foram usados por algum outro escritor, não podemos assegurar que eles sejam verdadeiros hápax. Porém, há alguns, — 4 dos 58, ou seja, 6,89%, que não possuem referência de base *semática*, constituindo, talvez, aquilo que Sablayrolles chamaria de verdadeiros hápax, e Mallarmé, de signos sugestivos. Os que foram levantados em nossa pesquisa são os seguintes:

- 1- Conçoadas
- 2- Gaforinhento
- 3- Gravibundas
- 4- Impérias

Os neologismos semânticos puros encontrados foram 3, ou seja, 5,17%. Embora eles não existam em todos os dicionários do *corpus* de exclusão, eles foram encontrados em algum deles, por isso os consideramos existentes. Contudo, eles adquiriram um sema novo numa nova contextualização. Eles são:

- 1- Emurcheecer
- 2- Pêca
- 3- Sete-estrela

Encontramos, ainda, 2 dentre eles, 3,44%, que tomaram como base um sema de outra língua, que aceitou com naturalidade o sufixo da nossa língua, gerando assim um neologismo de formação matricial híbrida na língua portuguesa. Por isso os nomeamos de neologismos cruzados. São eles:

- 1- Escombral
- 2- Smartizar

Em 2 outros neologismos encontrados, isto é, em 3,44% deles, o autor fez alterações nas estruturas basais. Possivelmente, com o propósito de modificar o número de sílabas dos mesmos para bem atender à métrica literária dos seus versos, e, também, para enfatizar o ritmo melódico de seus poemas. No primeiro, ele acrescentou uma sílaba, e no segundo, ele reduziu uma sílaba, criando um neologismo de palavras preexistentes e socorrendo suas necessidades estético-literárias. Eles são os seguintes:

- 1- Emperolado
- 2- Pobrinho

Apenas *um* dos neologismos selecionados, - ***dulcedo*** – ou seja, 1,72% dentre eles, se enquadra na *neologia por empréstimo*, segundo Boulanger (1979); ou na *neologia alogênica*, como menciona Barbosa (1981). Já que este substantivo está sitiado na língua latina, que é matriz-base da língua portuguesa, tivemos uma certa dificuldade em categorizar que ele seja, de fato, uma neologia por empréstimo. Embora ele não exista nesta forma na língua portuguesa (isso pode ser verificado nos dicionários atuais), de acordo com Boulanger (1979), ele seria classificado como um empréstimo, porém em caráter de *adoção*, visto que a língua latina participa, efetivamente, da origem e evolução da língua portuguesa. Não podemos negar que ele é uma base semântica que deu à língua portuguesa uma cadeia de termos derivantes como *dulcidão*, *dúlcido*, *dulcificar*, *dulcificante*, entre outros.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir daquilo que foi proposto para a pesquisa, isto é, o levantamento neológico na obra de A. de G., visando à construção de um glossário de toda criação neológica do autor, considerando que a produção neológica do autor é inédita, sentimo-nos seguros para responder aos questionamentos feitos quando da delimitação do problema da pesquisa.

Analizamos os questionamentos feitos em nossa pesquisa e os respondemos de forma seqüenciada e consoante com os resultados que obtivemos:

a) De que tipo pode-se considerar os neologismos semânticos criados por A. de G.?

- Os neologismos semânticos encontrados atendem às diversas maneiras de aquisição de um novo sentido: passam de uma base de língua estrangeira para a língua portuguesa ao receber os afixos da língua-pátria; apresentam polissemia dentro de novos contextos; e mudança de categoria gramatical. Segundo Guilbert (1975), essa mudança categorial desencadeia uma forma semântica e sintática autônoma.

b) Ao criar novos sentidos para as palavras, quais as funções mais freqüentes dos neologismos encontrados em A. de G.?

- As funções mais freqüentes dos neologismos são os adjetivos determinantes ou especificadores. Embora o autor tenha produzido significativamente de todas as classes morfológicas carregadas de sentido, os adjetivos sobrepuseram-nas.

c) Os desvios no sistema de criação de palavras dentro da obra de A. de G. são mais facilmente encontrados em seus poemas ou em sua narrativa?

- Os desvios no sistema de criação de palavras são mais freqüentes na prosa. São aqueles vocábulos denominados nas análises de *hápax* ou *signos sugestivos*. A formação não se norteia por derivação afixal; no máximo, por composição, mas de modo inédito.

d) Na criação dos neologismos, o autor sofreu influência da escola simbolista?

- O autor sofreu grande influência do Simbolismo na sua criação neológica. Criou vocábulos ligados às cores e aos sentidos; usou de sinestesias; aliteraões e assonâncias para melhor descrever os ansiosos estados de alma e os anseios do homem do seu tempo, num ritmo melódico, reafirmando a musicalidade tão trabalhada pelo simbolista Verlaine. Isso veio favorecer as análises que fizemos dos neologismos encontrados, ajudando-nos a

interpretá-los rastreando as características simbólicas. Podemos citar alguns exemplos de sua produção neológica que comprovam importantes características da estética simbolista:

1-alvinente

2-argental

Estes destacam a cor branca, adotada pelo simbolismo para representar a pureza e a transparência, em algumas tomadas; e, em outras, camuflar o interior e a essência.

3-aromal

4-aromalizar

5-perfúmeo

Estes realçam o sentido olfativo, chegando a cruzá-lo com outros sentidos, confirmando as relações sinestésicas, uma das mais evidentes características simbolistas.

6-clangorosa

7-clarinetado

8-salmodeantes

9-tenorizados

Estes são perfeitos para ilustrar o ritmo e a musicalidade simbólica.

10-enluarar

11-lustralizar

12-refulgor

Nestes já temos destaque ao brilho e à luminosidade.

13-além-céu

14-beira-céu

Um destaque à transcendência, à evasão desta vida para outra, ao misticismo e à mediunidade.

15-doidivagar

16-semilouca

Realce feito ao inconsciente e ao subconsciente, lembrando-nos que a loucura, como a percebera Freud, faz parêlha com a sanidade.

17-conçoadas

18-gaforinhento

19-gravibundas

20-impérias

Os chamados signos sugestivos, de Mallarmé, são bem representados por estes vocábulos, pois, embora eles não possuam bases semânticas para lhes fundamentar uma

significação relativa, eles conseguem sugerir um sentido contextual no interior do seu texto, seja ele poético ou prosaico.

e) Com que frequência os neologismos encontrados em A. de G. podem ser descritos como sendo neologismos de sentido?

- Considerando que, não importa a sua tipologia todas as unidades lexicais novas são neologismos de sentido ou semânticos, podemos afirmar que essa frequência atinge 100% dos novos vocábulos.

f) Alguns dos neologismos de A. de G. podem ser considerados como *hápax*?

- Talvez toda a sua criação neológica seja *hápax*. No entanto, devido ao grande número de escritores e a enorme quantia de obras existentes, ficamos impossibilitados de garantir que todos sejam *hápax*. Contudo, de acordo com o *corpus* de exclusão eleito, podemos dizer que mais de 90% dos neologismos selecionados não estão presentes em nenhum dos dicionários.

g) Qual poderia ser a contribuição tanto qualitativa quanto quantitativa de A. de G. para a confecção de um glossário e posterior entrada num dicionário dos neologismos literários da Língua Portuguesa?

- Consideramos 58 neologismos uma quantia representativa, por isso podemos dizer que sua contribuição quantitativa para o posterior Dicionário Neológico será significativa. E qualitativa, também. Isso pode ser verificado pelas diversas análises que os mesmos puderam oferecer-nos.

Este autor deixa-nos, ainda, possibilidades diversas de pesquisa. Já que a pesquisa que fizemos conseguiu abranger quase todos os neologismos formais e inéditos, tanto no seu tempo, como no atual. Porém, precisamos salientar que foram descartados vocábulos diversos como:

- a) aqueles não-existent nos dicionários de época, mas existentes nos atuais (inclusive alguns abonados pelo próprio poeta em estudo);
- b) outros, existentes nos dicionários de época, porém, desapareceram ou não foram citados nos atuais;
- c) estrangeirismos não-lexicalizados de diversas línguas, dado o grande conhecimento de línguas do nosso poeta-artista.

As duas primeiras descobertas (a e b), lembram-nos Horácio (Ars poetica, vv.70 et. Seqq., *apud* HOUAISS, 2001, página introdutória), com sua máxima que diz: *Muitas palavras que já morreram terão um segundo nascimento, e cairão muitas das que agora gozam de honras, se assim o quiser o uso, em cujas mãos está o arbítrio, o direito e a lei da fala.*

Por conseguinte, concluímos que as pesquisas em torno do léxico de A. de G. estão apenas abrindo a primeira porta. Muito ainda pode ser desvendado deste poeta bem *mineiro*, que aparentemente estava *bem quietinho*, mas que, na verdade, guardara conhecimento para *além da vida* de muitos pesquisadores.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Ieda Maria. *Neologismo: criação lexical*. 2. ed. São Paulo: Ática, 2002.

_____. Neologia e tecnoleitos. In OLIVEIRA, Ana M.^a P. Pires de e ISQUERDO, Aparecida Negri (orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia* – 2. ed. – Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001.

BARBOSA, M^a Aparecida. *Léxico, Produção e Criatividade: Processos de Neologismo*. São Paulo: Global, 1981.

_____. Dicionário, vocabulário, glossário: concepções. In: ALVES, I. M. (Org.) *A constituição da normalização terminológica no Brasil*. 2. ed. São Paulo: FFELCH; CITRAT, 2001. p. 23-45.

BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa (Cursos de 1º e 2º Graus)*. 33. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1989.

BIDERMAN, Maria Tereza. *Teoria lingüística: (teoria lexical e lingüística computacional)*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001. – (Coleção leitura e crítica).

_____. As ciências do léxico. In OLIVEIRA, Ana M.^a P. Pires de e ISQUERDO, Aparecida Negri (orgs.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia* – 2. ed. – Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001.

_____. *Dicionário didático do português*. 2. ed. São Paulo: Ática, 1998.

_____. A ciência da Lexicografia. *Revista Alfa*. São Paulo, 28 (supl.): 1-26, 1984.

BOSI, Alfredo. *História Concisa da Literatura Brasileira*. 3. ed. São Paulo: Cultrix, 1987.

BOULANGER, Jean-Claude. Néologie et Terminologie – Néologie em Marche. **Série B : Langues de Spécialités, n° 4. Service des Publications, Direction des Communications**, Office da la Langue Française, Éditeur Officiel du Québec, 1979.

BOUTIN, Rachel. *Vocabulaire systématique de la terminologie*. Québec: Publications du Québec, 1985.

CARVALHO, Nelly. *O que é neologismo?* - São Paulo: Brasiliense, 1984.

COUTINHO, Ismael de Lima. *Pontos de Gramática Histórica*. 5. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1962.

FERREIRA, A. B. de Holanda. *Dicionário Aurélio Eletrônico – Século XXI, versão 3.0*. São Paulo: Nova Fronteira, 1999.

GARCIA, Othon M. *Comunicação em Prosa Moderna*. 22. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2002.

GUILBERT, Louis. *La Créativité Lexicale*. Paris: Larousse, 1975.

GUIMARAENS, Alphonsus de. *Obra Completa (Mendigos: prosa)*. Organização: Alphonsus de Guimaraens Filho. Rio de Janeiro: José Aguilar Ltda, 1960.

_____. *Poesia Completa*. Organização: Alphonsus de Guimaraens Filho, Vol. Único, Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2001.

HOUAISS, Antônio, VILLAR, Mauro de Salles; MELLO FRANCO, Francisco Manoel de. *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. 1. ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

_____. *Dicionário Eletrônico Houaiss de Língua Portuguesa 1.0*. Instituto Antônio Houaiss, Ed. Objetiva Ltda, Dez/2001.

LEONEL, Maria Célia de Moraes. Grande Sertão: Veredas: alguns neologismos semânticos. *Alfa (Revista de Lingüística)*, v. 41, São Paulo: UNESP, 1997.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. *Metodologia Científica*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2004.

MATTOSO CÂMARA JR, Joaquim. *Problemas de lingüística descritiva*. 5. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1971.

_____. *Princípios de lingüística geral*. 4. ed. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1973.

MELO, Gladstone Chaves de. *Alphonsus de Guimaraens (Poesia)*. Nossos Clássicos. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora, 1958.

MOISÉS, Massaud. *O Simbolismo*. Vol. IV de A Literatura Brasileira. São Paulo: Cultrix, 1966.

MURICY, José Cândido de Andrade. *Panorama do Movimento Simbolista Brasileiro*, 2. ed. – Brasília, vol. I, MEC: Instituto Nacional do Livro, 1973 (Coleção de Literatura Brasileira, 12).

OLIVEIRA, Ana M.^a P. Pires e ISQUERDO, Aparecida Negri (org.). *As ciências do léxico: lexicologia, lexicografia, terminologia*. 2. ed. , Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2001.

SABLAYROLLES, Jean-François. Néologisme et Nouveauté(s) - *Cahiers de Lexicologie*. Publicados pelo Instituto Nacional da Língua Francesa. *Revista Internacional de Lexicologia e Lexicografia*. Didier Erudition, 1996. (Tradução).

SILVA, Antônio de Moraes. *Dicionário da Língua Portuguesa*, 5. ed. (Tomo I: A>E; e Tomo II: F>Z). Lisboa, 1844.

SPERBER, Dan. *O Simbolismo em Geral*. Tradução de Frederico Pessoa de Barros. Ed. Cultrix: São Paulo, 1978.

VIEIRA, Frei Domingos. *Diccionario Portuguez ou Thesouro da Língua Português*. Porto, 5 volumes: Vol.I-1871; Vol.II-1873; Vol.III-1873; Vol.IV-1873; Vol.V-1874.

ANEXO A – Trechos Originais dos Autores Franceses (Citações)

- ¹ “Le concept d’exhaustivité sert de substitut à celui de système, il n’est qu’un présupposé opératoire...on est conduit, pour les périodes historiques déjà éloignées du présent, à recourir à la comparaison des lexiques, glossaires et dictionnaires. L’inventaire fondé sur une production écrite de textes n’a plus de chance de représenter le lexique réel d’une époque qu’un bilan lexicographique. Il sera significatif de tel aspect du vocabulaire et non de l’ensemble du lexique”. (p. 15)
- ² “...rassembler un ensemble de néologismes apparus dans une période précise de la vie da la communauté linguistique.” (p. 28)
- ³ “...l’auteur peut réassumer un terme qui existe déjà dans l’usage d’un certain milieu de locuteurs ou qui a été entendu déjà dans la bouche d’un autre locuteur ”. (p. 28)
- ⁴ “....mais il ne peut condamner un mot qu’il ne connaît pas comme incorrect”. (p. 30)
- ⁵ “l’interlocuteur peut tout au plus avoir le sentiment qu’il est nouveau parece qu’il ne l’a jamais entendu, sans pouvoir dire si ce mot doit être accepté ou non. ” (p. 30)
- ⁶ “...(par ex. : le passage de la construction intransitive d’un verbe à la construction transitive)”. (p. 30)
- ⁷ “...allant de la trivialité à la recherche littéraire, sans qu’aucun de ces termes puisse être condamné au nom d’une norme lexicale fondée linguistiquement ”. (p. 30)
- ⁸ “...qui passe par des signes lingistiques non autonomes (**morphèmes**) et autonomes (**mots**) jusqu’à des séquences longues et complexes qui se démarquent de lexies mémorisées”. (p. 31)
- ⁹ “...et non pas refléter des particularités de variétés régionales ou géographiques”.(p. 31)
- ¹⁰ “L’entrée trop massive de sigles, d’acronymes, d’emprunts divers, de termes démotivés (mots-valises mal construits, créations ex nihilo, etc.), menacerait la cohésion interne et l’unité de la langues. Dans les langues de spécialités ces dangers sont plus apparents et il doivent être examinés avec plus de critique et de rigueur” (p. 32).
- ¹¹ “...tout em évitant de provoquer des allusions gênantes, des connotations péjoratives, nuisibles au sens qu’on veut effectivement rendre (ex. Torchage « brûlage à la torche [...] des gaz [...] : pétrole-forage/production ; ce terme revêt des connotations scatologiques, du moins pour un Québécois. Des sigles comme CRAS (Comité régional d’action-santé), FOL (Fédération des oeuvres laïques), LASCAR (Laboratoire d’analyse spatiale et de cartographie automatique régionale) cachent de bonnes intentions mais ils prêtent à confusion lorsqu’ils sont prononcés et ils développent des motivations plutôt négatives dans l’esprit de la personne qui n’en connaît pas la signification”.(p. 32)

- ¹² “...le néologisme doit être apte à se prêter à des constructions variées basées sur une série lexicalisable. Ex. gestion : stratégie : stratégie de marché ; stratégie de prix ; stratégie de produit etc.” (p. 32)
- ¹³ “Les vocabulaires techniques et scientifiques comportent un type de suffixe spécifique. [...] il est, à lui seul, une référence à la réalité à exprimer, soit qu’il serve au classement d’une catégorie du réel dans un ensemble plus vaste, structuré en fonction des éléments de la réalité extra-linguistique, soit qu’il porte la désignation d’un composant organique.” (GUILBERT, 1971, apud BOULANGER, 1979, p. 44). (p. 33).
- ¹⁴ “(O feminino distingue o sufixo próprio da botânica daquele que é específico da zoologia/ Le féminin distingue ce suffixe propre à la botanique de celui qui est particulier à la zoologie. C’est le cas, par exemple, des suffixes de la chimie, du système de la zoologie (- idés « famille », - inés « tribu »), de la botanique (- acées « famille », - inées « tribu »)”. (p. 33).
- ¹⁵ “de la médecine où – ite indique une maladie aiguë et – ose une maladie chronique, etc.” (p. 33)
- ¹⁶ “Ex. physique nucléaire: charme: charmer; charmé ; charmable ; anticharme ; etc.” (p. 28).
- ¹⁷ “...le terme nouveau devrait, généralement, être le seul à assurer un rôle onomasiologique . ” (p. 33).
- ¹⁸ “Trop de propositions françaises pour remplacer un emprunt vont, au contraire, favoriser le maintien de ce terme étranger.” (p. 33).
- ¹⁹ “...allant de la “signification étymologique de forme ou de dessin aux notions extrêmes d’esthétique nouvelle et de technique fonctionnelle.” (p. 33)
- ²⁰ “Le terme est en effet unique, bref, clair et il répond à l’ensemble des besoins des spécialistes et tant qu’on ne lui opposera que des expressions longues, insuffisantes et obscures (qui ne recouvrent pas la totalité de la notion) l’emprunt demeurera. Son phonétisme demeure cependant étranger aux habitudes de la prononciation française. Chacun des phonèmes de ce mot cause des difficultés au locuteur français. (p. 34)
- ²¹ “Le néologisme répond-il à un besoin au moment où on le crée ? Est-il vraiment nécessaire dans le modèle de communication concernée ? ” (p. 34).
- ²² “(la fréquence d’emploi du terme, sa disponibilité, sa compréhension, son rayonnement (provisionnement terminologique), le jugement positif ou négatif lors de sa réception par l’usager, sa diffusion à l’intérieur et à l’extérieur du domaine d’application initial) . ”(p. 34)
- ²³ “L’espérance de vie du néologisme dépend du milieu où le terme est né, du prestige du créateur, de ceux qui l’emploient. ” (p. 34).

- ²⁴ “Le degré, le caractère de néologicit   d’une unité sera donc déterminé par rapport à l’ensemble du vocabulaire français répertorié et décrit dans un certain nombre de dictionnaires généraux et spécialisés reconnus”. (p. 35).
- ²⁵ “...dans un série de dictionnaires généraux, encyclopédiques et néologiques déterminés, puis dans une série de dictionnaires spécialisés variant selon les disciplines et considérés comme représentatifs d’un état de langue. Les résultats de ces recherches, c’est-à-dire la constatation du caractère néologique, autant du point de vue morphologique que sémantique, ou du caractère lexicalis   de l’unité, sont transcrits sur la fiche du corpus d’exclusion qui sert ainsi à dresser le dossier linguistique du terme dépisté (ou proposé).” (p. 35).
- ²⁶ “rédaction de la définition, des notes linguistiques) et le traitement...(attribution d’un domaine définitif, notes techniques, etc.) qui compl  teront le dossier de la nouvelle unité.” (p. 35).
- ²⁷ “Parmi les éléments à mémoriser quando on apprend une lexie, il y a sa flexion, et ce n’est pas par hasard que les faits flexionnels sont entrés complètement dans certains dictionnaires électroniques (tels ceux du LADL). Toute forme nouvelle, qu’elle remplisse un vide (verbe défectif : *ils closirente* ; flexion nominale incomplète : pluriel de causal : *causals* ou *causaux* ; création d’une forme féminine inusitée *  crivaine*, ou jeunes filles *fr  tillones* alors que l’adjectif *fr  tillon* est donné comme   pic  ne par Littré) ou qu’elle soit formée « régulièrement » pour une lexie    flexion irrégulière (*nous nous en allerons*, *il vivat*, etc.) relève de la néologie.” (p. 36).
- ²⁸ “...qui font figurer les anomalies flexionnelles attachées à telle ou telle lexie dans le contenu de l’article, considérant que ce sont des informations qui doivent être connues au même titre que le sens. L’inexistence du pluriel de *causal* est ainsi clairement indiquée par Littré, alors que le *Nouveau Petit Robert* indique l’existence concurrente de *causals* et *causaux*. Littré regrette explicitement l’absence des formes défectives de *clor  *”. (p. 36).
- ²⁹ “En revanche, il existe des recueils de mots créés par des écrivains comme le *Dictionnaire des mots sauvages* (1969) de RHEIMS qui collectionne des mots ciselés par des auteurs et sans extension d’emploi. ”. (p. 38).
- ³⁰ “On ne peut exclure les hapax et autres mots d’auteur ou de discours ni de la lexicologie ni de l’anaylse de discours. Nous tenons pour néologismes relevant de la langue les lexies dès leur création et première apparition parce que c’est la langue qui les a rendues possibles et qu’on ne peut pas faire qu’elles n’aient jamais été émises”. (p. 38)
- ³¹ “Dans le cas de la diffusion, quelle qu’elle soit, rapide ou lente, temporaire ou durable, restreinte ou élargie dans l’espace social ou géographique, on est confronté au problème de l’imposition de limites à la nouveauté”. (p. 39).
- ³² “...les premiers réemplois par les premiers récepteurs qui les reproduisent devant d’autres auditeurs. En élargissant encore, on peut considérer comme nouveaux les réemplois faits par ces auditeurs qui forment un deuxième cercle de récepteurs qui ne connaissaient pas la lexie nouvelle et qui peuvent à leur tour les réemployer. Mais de proche en proche on peut aller loin. Or il n’y a pas, a priori, de raison de placer la barre à tel ou tel endroit et de décider qu’au-delà de dix, vingt, etc., réemplois, la lexie n’est plus néologique. Mais le

nombre absolu des réemplois, en supposant qu'on puisse le connaître, n'est pas nécessairement très significatif: une lexie néologique peut être employée fréquemment par un locuteur à qui elle plaît sans être reprise par aucun autre locuteur. Elle constitue alors une caractéristique de l'idiolecte de cet individu et son nombre d'emplois n'est pas plus révélateur de sa diffusion dans la langue que si c'était un hapax". (p. 39).

³³ "...complètement intégrée au code et que son aspect nouveau s'est complètement effacé: deux, dix, um million?" (p. 39).

³⁴ "...il n'y a aucune raison de fixer la limite à tel ou tel nombre. Par ailleurs, tous ces ré-utilisateurs, quel qu'en soit le nombre, peuvent évoluer dans l'entourage direct du créateur de la lexie: la transmission ne s'étend pas en profondeur". (p.40).

³⁵ "...il n'y a aucune raison de fixer une limite numérique au nombre des cercles de ré-émetteurs en deçà duquel la lexie serait néologique et au delà duquel elle ne le serait plus". (p. 40).

³⁶ "...ils seraient impossibles à mettre en oeuvre, car, sauf à être omniscient, on ne voit pas très bien comment on pourrait connaître les chiffres pour effectuer de tel calculs. Mais ce qui est important c'est que l'aporie est autant théorique que pratique". (p. 40).

³⁷ "...que les néologismes doivent être en grande partie mesurés à l'aune de la durée des vies humaines et du renouvellement des générations. Il est en effet difficile de concevoir des durées de nouveauté brèves, de l'ordre de la seconde ou même de quelques heures, pas plus que des durées longues comme un demi-siècle ou un siècle. Prendre quelques années comme durée de la nouveauté paraît donc plausible. Le travail comparatif mené par DUBOIS, GUILBERT, MITTERAND, PIGNON (1960) entre deux éditions du *Petit Larousse* (1949 et 1960), pour mesurer le renouvellement lexical, confirme la validité de cette échelle temporelle puisque, en à peine plus de dix ans, c'est presque un quart du vocabulaire recensé qui est touché par des changements (disparitions, apparitions de formes nouvelles, de sens nouveaux)". (p. 41).

³⁸ "...une sorte de réflexe sur lequel on ne s'interroge guère mais, à y regarder de plus près, il est peu satisfaisant". (p. 41).

³⁹ "Peut-on opérer la même simplification théorique en ce qui concerne le lexique ?" (p. 42).

⁴⁰ "Le concept de coupe synchronique dans le continuum diachronique peut se fonder sur un « espace de temps plus ou moins long pendant lequel la somme des modifications survenues est minime », c'est-à-dire « dix ans, une génération, un siècle, davantage même » (Cours, p. 142, apud GUILBERT, opus cit. p. 33). " (p.42).

⁴¹ "Une liste de signes, un dictionnaire sera toujours nécessairement incomplet...parce que des signes nouveaux prennent naissance pendant qu'on rédige le dictionnaire et bien davantage encore pendant qu'on l'utilise." (p. 43).

⁴² "Il faut encore qu'il soit reçu par un certain nombre d'interlocuteurs quei, à leur tour, le feront entrer dans leurs moyens d'expression." (p. 44).

- ⁴³ “... règles morphosyntaxiques de production du terme construit, à la structure sémantique générale sous-jacente à la langue et à une certaine norme sociale qui régit le lexique de la langue.” (p. 44).
- ⁴⁴ “C’est elle qui opère le tri entre les néologismes de parole et les néologismes de langue.” (p. 44).
- ⁴⁵ “...tout enregistrement d’un terme du lexique dans un dictionnaire quelconque consacre son existence en tant qu’élément lexical de la langue”. (p. 44)
- ⁴⁶ “Du point de vue sémantique, nous pensons, comme REY (1976) et contre WIJNANDS(1985), que les néologismes font preuve d’une stabilité référentielle dès leur apparition. Ils donnent une stabilité à ce qui n’en avait pas auparavant, et c’est souvent une de leurs principales raisons d’exister...”. (p.51).
- ⁴⁷ “... est d’inclure dans la trame conceptuelle du discours un peu de ce qui, dans l’univers, se perd à jamais, faute d’un nom qui permette de le faire passer dans le discours”. (p. 51).
- ⁴⁸ “Un tel classement se justifie tant que le procédé reste marginal. S’il se développe, comme il semble que ce soit le cas actuellement, peut-être sous l’influence de l’anglais, il faudra formuler de nouvelles règles syntaxiques pour traiter ces cas. La notion de néologisme apparaît de toute façon relative. Ces constructions semblent moins néologiques qu’un mot-valise, par exemple. On remarque que ces constructions à complément de détermination sans préposition se développent avec certains mots comme *système*, *syndrome* et quelques autres. Elles demeurent néanmoins complètement impossibles avec l’essentiel du vocabulaire. Il est, par exemple, hautement improbable d’entendre un locuteur natif dire : * *la maison mon père pour la maison de mon père*, et cette impossibilité se manifeste aussi avec des noms qui appellent une complémentation : * *le fils mon voisin, pour le fils de mon voisin*. (SABLAYROLLES, 1996, p. 8).” (p. 52: : rodapé)
- ⁴⁹ “...des informations grammaticales (genre, groupe, éventuelles irrégularités flexionnelles, etc.) et des conditions d’emploi (niveau de langue, fréquence d’emploi, connotations ou connaissances extralinguistiques plus ou moins largement partagées par la communauté linguistique, association privilégiée avec d’autres lexies pour former ce qu’on appelle des mots-tandem ou clichés, etc.)”. (p. 52).
- ⁵⁰ “(ou qui n’ont jamais été rencontrées sous cette forme) à partir d’éléments appartenant au système morphologique du français ou à des systèmes étrangers anciens (latin, grec, etc.) ou actuels (anglais, allemand, etc.). Le signe nouveau peut être employé pour désigner une notion nouvelle ou pour référer à un signifié antérieur à la création du signe.) (BOULANGER, 1979)”. (p. 53).
- ⁵¹ “Les termes créés par affixation (adjonction d’un préfixe ou d’un suffixe) d’un élément de base ou radical (ex. *avifaune*; *calcinat*: *métallurgie*)”. (p. 54).
- ⁵² “Le néologisme peut naître également par l’adjonction simultanée d’un préfixe et d’un suffixe à une base (ex. Pluripartisme : politique) ou de l’association d’un préfixe et d’un suffixe (ex. Logophile : linguistique)”. (p. 54).

- ⁵³ “En terminologie, on retiendra davantage des termes susceptibles de dérivation en séries afin d’exprimer les différentes situations de l’acte technique ou scientifique: procédé, méthode, qualité, appellation d’emploi, etc”. (p. 54).
- ⁵⁴ “Les termes créés ... de la composition, c’est-à-dire des formes ... à deux ou plusieurs bases (avec...), issues de la réunion de termes individuels, aient eux-mêmes nouveaux dans la langue. L’union de ces termes constitue une nouvelle séquence lexical différent est unique”. (p. 54).
- ⁵⁵ “Le néologisme de composition est monoréférentiel quel que soit son type de composition”. (p. 54).
- ⁵⁶ “Les termes issus de la siglaison représentent également un phénomène de néologie morphologique. La siglaison est la production d’un terme nouveau par juxtaposition de lettres initiales d’une dénomination descriptive (ex. habitation à loyer modéré > HLM), ou par la contraction d’un mot plein (ex. lysergamide > LSD, cette abréviation a été répandue par l’allemand et l’anglais) ”. (p. 55).
- ⁵⁷ “Le terme passe de la langue générale à une langue spécialisée (ex. Charme, étrangeté, couleur, que expriment maintenant certaines particularités propres aux particules élémentaires en physique nucléaire). Ces mots peuvent générer à leur tour des néologismes scientifiques ou techniques formels (ex. charme > charmable [qui n’est que virtuel dans la langue générale]) ”. (p. 55).
- ⁵⁸ “donner dans un même domaine de langage deux sens différents au même mot est source d’équivoque”. (p. 56).
- ⁵⁹ “Ex. couronne dans le domaine de l’exploitation minière signifie :
1. “Toit de la voûte”, anglais back, roof ;
 2. “trépan”, anglais bit, drill bit.
- Les deux sens étant apparentés, les risques de confusions surgissent...La synonymie peut venir contribuer à réduire la polysémie. Couronne au sens de “toit de la voûte” est synonyme de toit et au sens de “trépan” est synonyme de taillant, trépan. Cette synonymie a été amenée pour pallier, dans certains contextes, une homonymie pour le moins encombrante du genre. (p. 56).
- ⁶⁰ “considèrent la mutation syntaxique comme un changement entraînant une forme sémantiquement et syntaxiquement autonome”. (p. 56).
- ⁶¹ “... de la substantivation d’un adjectif, de l’adjectivation d’un substantif, de la substantivation d’un verbe ou de l’adverbialisation d’un adjectif”. (p. 56).
- ⁶² “Ex. réacteur caloporteur > caloporteur (physique nucléaire) : adjectif > substantif.
- bière à la pression > bière pression > pression. Le terme acquiert le genre grammatical de son ancienne base dans le syntagme ”. Ce procédé est économique et il évite la multiplication inutile de termes . (p. 56).
- ⁶³ “Un nouvel ouvrage est forcément une estimation de l’état du lexique par rapport aux enregistrements opérés par d’autres auparavant”. (p. 59).

- ⁶⁴ “...la seule mensuration possible du mouvement néologique est la comparaison des différences entre l’ensemble lexical de deux éditions rapprochées d’un même dictionnaire dans la période contemporaine”. (p. 59).
- ⁶⁵ “La durée néologique se mesure alors, rétrospectivement du moins, par une soustraction. La lexie néologique est néologique dans l’intervalle compris entre le moment de sa création (qui est maintenant souvent connu et indiqué avec un degré de précision variable) et celui de son insertion dans le dictionnaire. Cette approche, souvent récusée sur un plan théorique, mais souvent utilisée pratiquement, non sans quelques résultats, a le mérite de la simplicité, mais elle se heurte, dans les faits, à des difficultés insurmontables et, d’un point de vue théorique, à des objections qui la rendent en partie inopérante et insatisfaisante”. (p.61).
- ⁶⁶ “Dimension, nombre de mots, prestige supposé de tel ou tel éditeur, date de parution, divulgation sont autant de critères discutables et pas nécessairement convergents”. (p. 61).
- ⁶⁷ “... un ensemble ayant subi, théoriquement, en tout ou en partie, le traitement d’exclusion des deux catégories précédentes. Ils recensent des mots de la langue courante et des termes techniques et scientifiques puisés au jour le jour dans la presse et les revues spécialisées, ce qui aide à mieux délimiter la définition de la néologie proposée ici. Ils accueillent très volontiers les emprunts qui sont fréquents dans les domaines qu’ils traitent. Les dictionnaires néologiques du corpus sont les suivants : DMN, MDV, NMDV, CDM, et DNE ; on peut, de plus, inclure dans ce groupe les suppléments des grands dictionnaires courants (cf. GLE S1 et S2, GR S, etc.). Des dictionnaires de langue plus récents, tels le Lexis et le Logos, font une large place aux néologismes”. (p. 62).
- ⁶⁸ “... d’insérer les mots nouveaux dans une section spéciale. Ils passeraient ainsi par une sorte d’antichambre avant d’être admis définitivement”. (p. 63).
- ⁶⁹ “...nous sommes conduit à conclure à l’impossibilité de délimitation automatique, simple et uniforme de la durée de nouveauté des néologismes : ils ne disent en effet rien sur le fonctionnement de ces lexies car ils ne permettent guère de mesurer le sentiment néologique”.(p. 63).

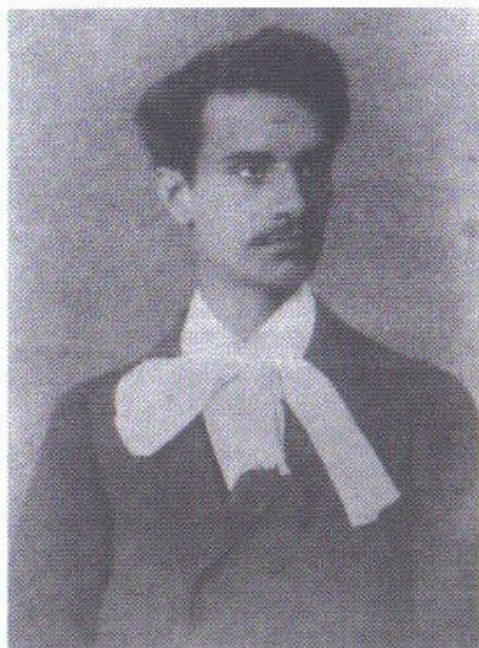
ANEXO B – História Iconográfica de Alphonsus de Guimaraens
(*apud* GUIMARAENS, 2001, p. 111 a p.120).



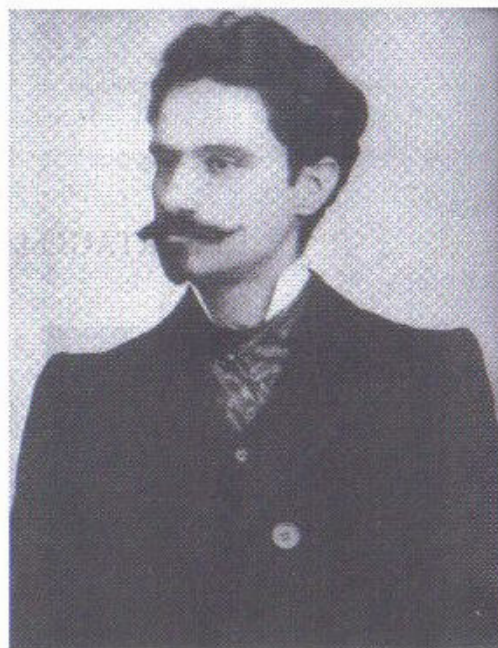
*Albino da Costa Guimarães e D. Francisca de Paula Guimarães Alvim,
pais de Alphonsus de Guimaraens.*



*A. de G. (ao centro) aos três anos de
idade, com seus irmãos Estefânia e Artur.*



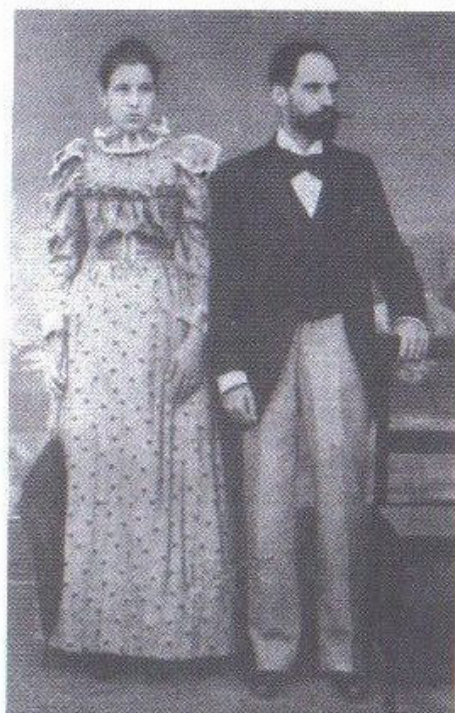
A. de G. em 1888.



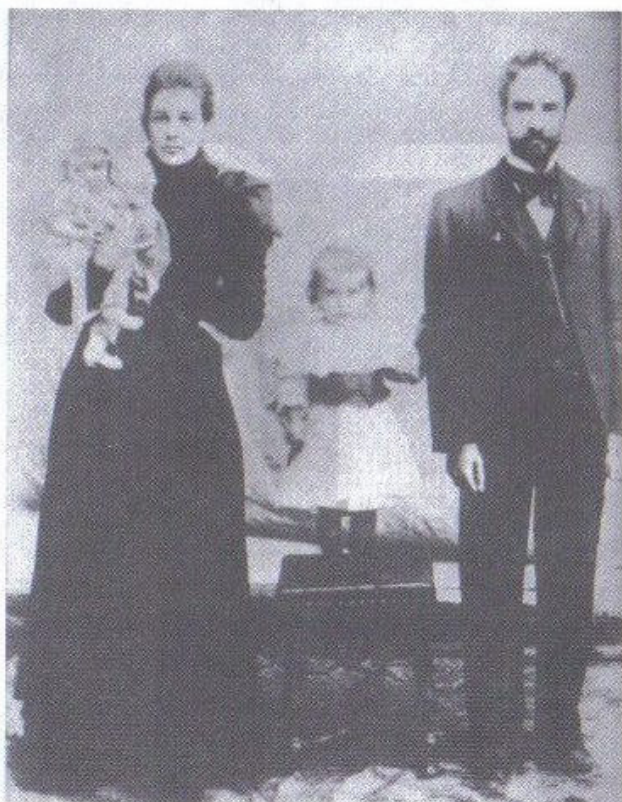
A. de G. em 1894.



A. de G. e sua esposa, D. Zenaide, no ano de seu casamento, 1897.



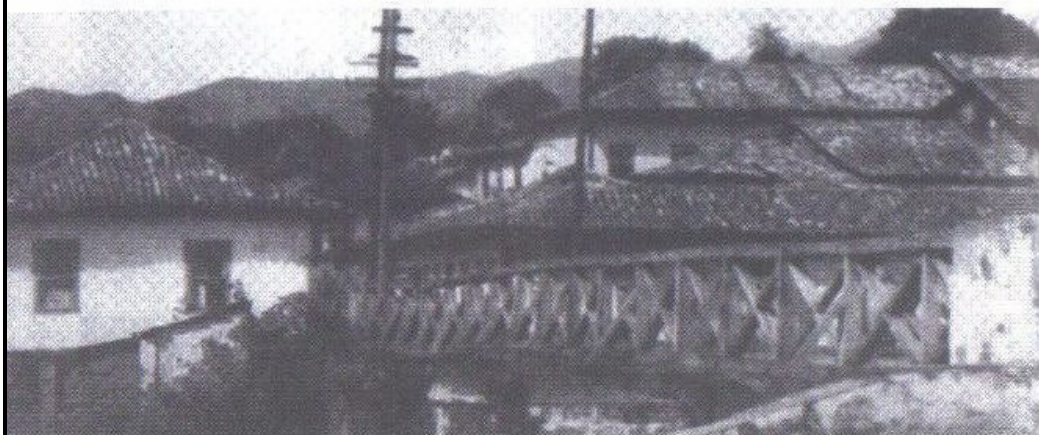
A. de G. e D. Zenaide, em 1897.



*A. de G. com a esposa
e duas filhas, em foto feita
em Conceição do
Mato Dentro, 1899.*



A rua Direita, em Mariana.



*A antiga "Ponte de Tábuas",
atualmente "Ponte Alphonsus
de Guimaraens".*



*Casa onde morou e faleceu A.
de G. na rua Direita, em
Mariana, transformada em
Museu-Casa A. de G.*



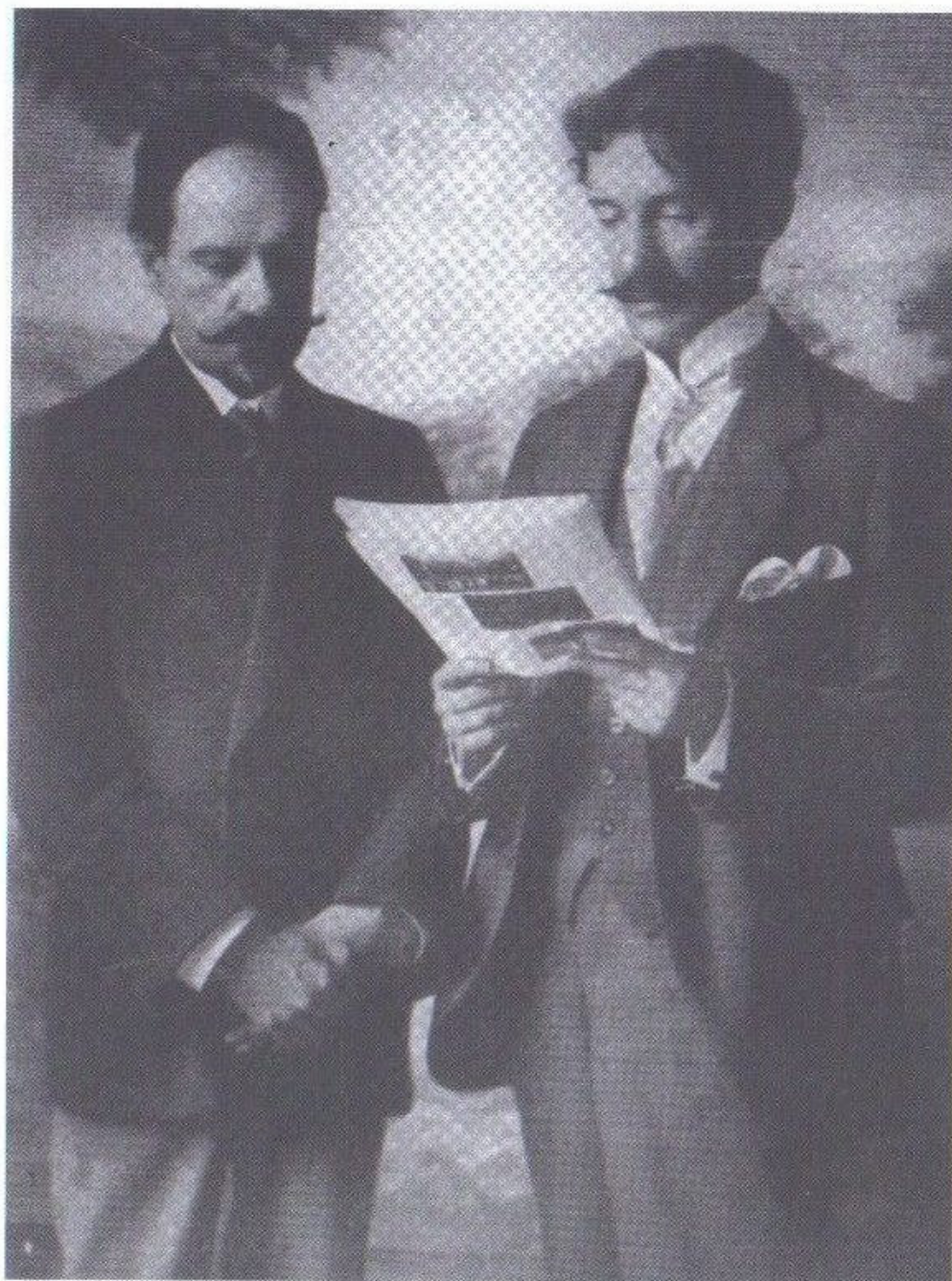
A. de G. aos trinta anos, aproximadamente.



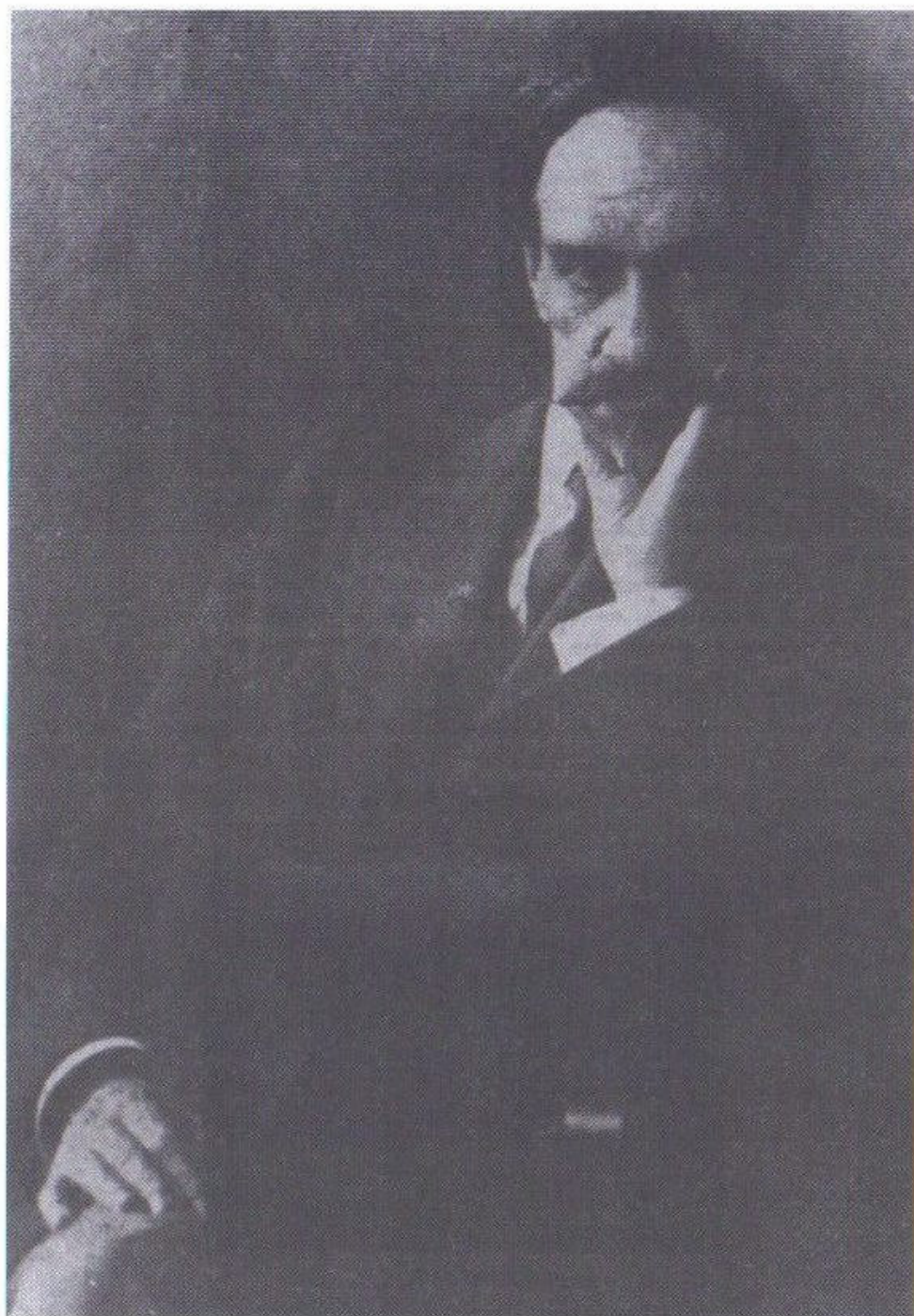
*A. de G. e seu amigo Ataliba Santos.
Mariana, 1914.*



*A. de G. ao lado de seu grande amigo, o poeta José Severiano
de Resende, em fotografia feita em Belo Horizonte, 1915.*



*A. de G. e seu irmão Archangelus Guimaraens, também poeta,
em fotografia feita em Belo Horizonte, 1915.*



*A. de G. em fotografia que figurou na primeira edição da
Pastoral aos Crentes do Amor e da Morte.*



*Retrato de A. de G., na casa dos vinte anos,
que figurou na edição de 1938 das Poesias.*

*A viúva de Alphonsus, em 1939, com seus quatorze filhos.
Atrás, da esquerda para a direita: Alphonsus Filho, Guy, José,
João Alphonsus e Albino;
no primeiro plano: Ana Eulira, Altair Stela, Maria do Carmo,
Afoncina Stela, a viúva do poeta, Francisca Zilá, Maria Guiomarina,
Joaquina Stela, Acidália e Nazareno.*



A ventura

Da solidão dos meus olhos estancos
Senti estertorar a borda cunhrica
Dos meus pesares, nas fétas arrancas
Esquejos e aneias cavas da agonia.

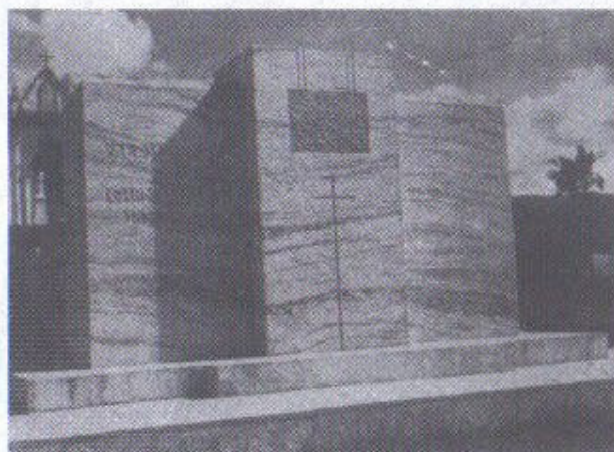
Era a ventura que surgia, - os flancos
Iluminados pelo albor do dia ...
Ubrei - a. Duave como um sonho, os brancos
Pirraços erquitos para mim, sorria.

Antes eu nunca a viisse, nem mirasse
O seu olhar, relampago fugace,
A scintillar em palpebras de setella...

Não soffreria a dôr a que resisto:
A pauda sem fim de tel-a visto,
Sem esperança de tornar a vel - a.

Alphonsus de Guimarães

Um autógrafo de A. de G.



O mausoléu de A. de G.,
erguido pelo governo de Minas Gerais
no Cemitério Municipal de Mariana.

ANEXO C – Cronologia da Vida e da Obra
(*apud* GUIMARAENS, 2001, p. 107 a 109)

1870	24 julho. Nascimento em Ouro Preto. Filho de Albino da Costa Guimarães e D. Francisca de Paula Guimarães Alvim, sobrinha materna de Bernardo Guimarães
1871	10 junho. Batizado.
1882 a 1886	Estudo secundário e exames de preparatórios no Liceu Mineiro de Ouro Preto.
1887	Matrícula no Curso Complementar da Escola de Minas. Primeiros versos e namoro com a prima Constança, filha de Bernardo Guimarães.
1888	28 dezembro. Falecimento de Constança.
1891	Matrícula na Faculdade de Direito de São Paulo. Jornalismo, com Severiano de Resende e Adoldo Araújo. Frequência da Vila Kirial, de Freitas Vale.
1893	Transferência para a terceira série do curso de Ciências Jurídicas da Faculdade Livre de Direito de Minas Gerais, recém-fundada em Ouro Preto.
1894	15 julho. Colação de grau. Aparece no quadro de formatura o seu nome literário definitivo, Alphonsus de Guimaraens. Voltando a São Paulo, concluiu em fins desse ano a 3ª série de ciências sociais, cujo grau recebeu em 8 de janeiro de 1895.
1895	Viagem ao Rio de Janeiro. Convívio com Cruz e Sousa. De regresso, visita a Lucindo Filho, em Vassouras. 13 março. Promotor de justiça da comarca de Conceição do Serro. 17 junho. Juiz substituto.
1896	31 outubro. Noivado com Zenaide, filha do capitão João Alves de Oliveira, escrivão da Coletoria Estadual da Conceição do Serro.
1897	20 fevereiro. Casamento. Agosto. Viagem de núpcias a Ouro Preto.
1899	Publicação de <i>Setenário das Dores de Nossa Senhora, Câmara Ardente e Dona Mística</i> .
1900	Janeiro. Viagem do casal a Ouro Preto, para batizar a segunda filha. 5 a 24 fevereiro. Viagem do poeta a Belo Horizonte e Rio de Janeiro. Março. Regresso da família a Conceição do Serro.
1902	Publicação de <i>Kiriale</i> , cronologicamente seu primeiro livro.
1903	Supressão do cargo de juiz substituto. Direção do jornal <i>Conceição do Serro</i> , órgão

	oficial do Município.
1904	20 março. Aparecimento do primeiro número do jornal. Setembro. Renomeação para promotor da justiça da Comarca de Conceição do Serro. Deixou a direção do jornal.
1906	11 de fevereiro. Nomeação para juiz municipal de Mariana.
1908	5 março. Falecimento do pai.
1910	8 janeiro. Falecimento da mãe.
1915	Setembro. Viagem a Belo Horizonte, para encontra-se com Severiano de Resende. 25 setembro. Banquete oferecido pelos intelectuais belorizontinos aos dois poetas.
1920	Publicação de <i>Mendigos</i> .
1921	16 maio. Morte de Constança, sua filha, nascida no ano anterior. 15 julho. Falecimento do poeta, em Mariana. Aparecimento póstumo do livro <i>Pauvre Lyre</i> , ainda revisto pelo poeta.
1923	Publicação de <i>Pastoral aos Crentes do Amor e da Morte</i> , organizada por João Alphonsus.
1938	Publicação das <i>Poesias</i> , pelo Ministério da Educação e Saúde, em edição organizada e anotada por João Alphonsus e dirigida e revista por Manuel Bandeira.
1944	23 maio. Falecimento de João Alphonsus em Belo Horizonte. Nascera em Conceição do Serro em 6 de abril de 1901.
1951	10 outubro. Inauguração, por iniciativa da Prefeitura e do poeta Brito Machado, da placa na casa onde nasceu o poeta em Ouro Preto (Rua São José, 27).
1953	Mandando o Governo de Minas Gerais erigir um mausoléu para Alphonsus de Guimaraens e não dispondo o Cemitério do Rosário de espaço suficiente, trasladaram-se solenemente os seus despojos, em 24 de outubro, para extensa área do Cemitério Municipal, anexo à Ermida de Sant'Ana, área especialmente doada pela Municipalidade como homenagem do povo de Mariana. Presentes autoridades civis e eclesiásticas e representantes da família do poeta, oficiou as exéquias o Cura da Catedral da Mariana, Revmo. Conego Dr. Oscar de Oliveira. O monumento que recolheu as cinzas do poeta reveste-se de grande simplicidade, de acordo com o desejo manifestado pela família, e inaugurou-se em tocante solenidade, a 13 de dezembro, presentes o Governador do Estado, outras autoridades, ilustres escritores brasileiros, a viúva e os descendentes de Alphonsus de Guimaraens e grande multidão. Discursaram, entre outros, o Governador do Estado, Sr. Juscelino Kubitschek de Oliveira ; o poeta Augusto Frederico Schmidt, que pronunciou a oração oficial ; e, pela família do poeta, o seu filho Nazareno Alphonsus. Executou números de música sacra o Coro Pró Hóstia, de Belo Horizonte, composto de

	oitenta figuras, tendo sido depositada no mausoléu uma coroa de louros, como homenagem dos escritores mineiros.
1954	15 julho. Inauguração, por iniciativa da Prefeitura, de uma placa na casa onde faleceu o poeta, em Mariana (Rua Direita, 11).
1955	Publicação da 2. ^a edição das Poesias, aumentada e revista por Alphonsus de Guimaraens Filho.
1960	Publicação da Obra Completa, pela Editora José Aguilar. Organização de Alphonsus de Guimaraens Filho.
1969	Morte de Zenaide, a 29 de julho, em Belo Horizonte.
1987	7 de março. Inauguração, no sobrado da rua Direita, 11, do Museu-Casa Alphonsus de Guimaraens. No governo Rondon Pacheco, desapropriou-se a casa e, depois da sua reforma, instalou-se, no governo Hélio Garcia, sendo secretário da cultura o sr. Jota d'Angelo e superintendente dos museus, a sra. Priscila Freire.
2001	Publicação de Poesia Completa, numa organização de Alphonsus de Guimaraens Filho com a colaboração de Alexei Bueno e Afonso Henriques Neto, pela Editora Nova Aguilar, em comemoração ao octogenário de sua morte.

ÍNDICE ANALÍTICO DAS ENTRADAS NO GLOSSÁRIO

	Página
1. Além-céu.....	68
2. Alfombroso.....	69
3. Alvinente.....	70
4. Amantes-Defuntos.....	72
5. Arcangelical.....	74
6. Argental.....	75
7. Aromal	76
8. Aromalizados	78
9. Aromalizar.....	79
10. Aurifranjado	81
11. Aurorizar	83
12. Bacoescamente	84
13. Beira-Céu.....	86
14. Charlataniza.....	87
15. Clangorosa.....	89
16. Clarinetado.....	90
17. Concavear-se.....	92
18. Conçoadas.....	93
19. Desumorar-se	94
20. Despudorizar.....	96
21. Doidivagar.....	97
22. Dulcedo.....	99
23. Empelorado.....	100
24. Emurchececer.....	101
25. Engoivar.....	102
26. Enguirlandar.....	104
27. Enluarar	105
28. Enluarizar	106
29. Epicuriana.....	108
30. Escombral.....	110
31. Flordelisado.....	111
32. Gaforinhento.....	112
33. Gravibundas.....	113
34. Hausteante.....	115
35. Hinal.....	116
36. Impérias.....	118

37. Incensorial.....	119
38. Incubato.....	121
39. Livraços.....	123
40. Lustralizar.....	124
41. Misterial.....	126
42. Palrante.....	128
43. Pêca.....	129
44. Perfúmeo.....	130
45. Pestilenciar.....	132
46. Placitude.....	134
47. Pobrinho.....	135
48. Refulgor.....	137
49. Ruscinol.....	138
50. Salmodeantes.....	139
51. Semilouca.....	141
52. Sete-estrela.....	143
53. Smartizar.....	144
54. Sudarizar.....	145
55. Sulfureado.....	146
56. Supliciosamente.....	148
57. Tenorizados.....	149
58. Violetais.....	151